

PAULA RAYMUNDO PRUX

GUARDIÕES DE MEMÓRIA:
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO EDIFICADO
E MÍDIA IMPRESSA

Porto Alegre

2005

PAULA RAYMUNDO PRUX

GUARDIÕES DE MEMÓRIA:
UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO EDIFICADO
E MÍDIA IMPRESSA

Monografia realizada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen e co-orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, Phd.

Porto Alegre

2005

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Esta monografia, intitulada Guardiões de Memória: Uma análise da relação entre patrimônio edificado e mídia impressa, foi apresentada pela aluna Paula Raymundo Prux como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia _____, tendo sido considerado _____ por:

Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Orientadora

*A todos que lutam pela
preservação e
valorização do
patrimônio cultural.*

Agradeço em primeiro lugar à Martina e ao Prof. Luiz Carlos por terem me dado a oportunidade de tomar contato com o patrimônio edificado e, indiretamente, fornecerem os primeiros passos para a realização deste trabalho.

Agradeço com carinho ao apoio e incentivo constantes do Prof. Luiz Carlos por sempre me instigar a alçar vôos mais altos.

À orientação maravilhosa da Profa. Ana Maria, que trouxe mais vida e entusiasmo a essa pesquisa.

A todos aqueles que fizeram parte desse trabalho, direta ou indiretamente, contribuindo para sua execução. E também à compreensão dos amigos que precisei deixar de lado para mergulhar fundo nessa monografia.

*Por fim, à minha família, meu referencial de amor e sensibilidade:
Ao meu pai, Paulo, pelo incansável desejo de alcançar a superação.*

À minha mãe, Elisabete, pela amizade, companheirismo e por ser um porto seguro em todos os momentos.

E, por fim, à querida Dadá por tanto me ensinar com sua disposição inabalável.

Escrever a história não é reencontrar o passado, é criá-lo a partir de nosso próprio presente, ou mais, é interpretar os traços que o passado deixou, os transformar em sinais, é, no fim de contas, 'ler o real como um texto'.

Stéphane Mosés

RESUMO

Trabalho realizado com o objetivo de verificar como a mídia impressa de Porto Alegre aborda questões de memória, patrimônio e história. Inclui uma pesquisa bibliográfica em torno dos conceitos de cultura, memória, identidade, patrimônio edificado e o Novo Jornalismo. Aponta a depredação da Fonte Talavera como inspiração inicial para avaliar a função dos meios de comunicação como elementos de educação patrimonial. Fundamenta-se na técnica de análise de conteúdo para realizar a pesquisa numa abordagem quanti-qualitativa. Interpreta o significado das matérias que focalizam a temática do patrimônio edificado nos jornais Zero Hora, Correio do Povo, O Sul e Jornal do Comércio, publicadas no período de abril a agosto de 2005. Analisa uma amostra de quarenta matérias selecionadas intencionalmente de um universo de duzentas e cinco notícias. Centraliza a interpretação a partir do estabelecimento das seguintes categorias: apelo visual, teor, foco, enfoque, fontes, adequação conceitual, informações técnicas, natureza da ação e do bem patrimonial, continuidade e funções agregadas. Discute as relações que se formam entre os conceitos analisados e a produção de matérias sobre patrimônio edificado. Verifica a existência de elementos do Novo Jornalismo e de educação patrimonial na amostra analisada. Conclui que o resgate da memória não é uma questão relevante para os jornais de Porto Alegre, dentro da temática do patrimônio edificado.

Palavras-chave:

Memória – Cultura – Patrimônio edificado – Educação Patrimonial – Fonte Talavera de la Reina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Biblioteca Pública festeja 134 anos	103
Figura 2: Bibliotecas públicas equipadas e interligadas	103
Figura 3: Estado procura um abrigo para 70 mil livros da Biblioteca Pública	105
Figura 4: Ilópolis se transforma em escola de restauradores	107
Figura 5: Da sala de aula para o andaime	108
Figura 6: Engenharia da Ufrgs faz 109 anos	110
Figura 7: Patrimônio resgatado	111
Figura 8: UFRGS recupera cúpula de prédio histórico	112
Figura 9: Fogo destrói parte da história de Florianópolis	114
Figura 10: Petrópolis quer preservar a Casa da Estrela	116
Figura 11: Viva Porto Alegre deseja mudanças	120
Figura 12: Paço Municipal será exemplo de acessibilidade	122
Figura 13: ALL restaura a estação ferroviária em Rio Pardo	125
Figura 14: Projeto quer que sino das Ruínas volte a badalar.....	129
Figura 15: História é resgatada a bico-de-pena.....	131
Figura 16: Fonte resiste à expansão urbana.....	132
Figura 17: O Sul e os seus diversos roteiros	134
Figura 18: Charqueada vira pousada em Pelotas.....	136
Figura 19: Mercados passarão por reformas.....	137
Figura 20: Casa Cor exhibe conforto e luxo	140
Figura 21: Instituições financeiras de varejo investem para fidelizar clientes.....	141
Figura 22: Fonte Talavera poderá ser cercada de vidro durante a restauração.....	143
Figura 23: Comerciantes se preocupam com listagem do patrimônio histórico....	146

Figura 24: Instituto de Educação agoniza.....	148
Figura 25: Em busca de proteção	149
Figura 26: Portas de catedral demolida estão à venda em Erechim.....	152
Figura 27: Relíquias à venda em Erechim.....	153
Figura 28: Símbolo cultural melhora sua infra-estrutura	155
Figura 29: 4 obras históricas são recuperadas.....	157
Figura 30: Voluntários revitalizam Redenção.....	159
Figura 31: Patrimônio sob o risco de desmanche.....	162
Figura 32: Prefeitura revoga lei de tombamento	163
Figura 33: Protocolo para a construção de viaduto junto ao Laçador	166
Figura 34: Freqüentador registra depredação em parque	168
Figura 35: Memorélio conta a história da Capital.....	170
Figura 36: Revitalização dos mercados está ameaçada.....	172
Figura 37: Prédios históricos terão novas cores.....	174
Figura 38: Unidade de bombeiros adota o Altar da Pátria.....	176
Figura 39: 4º Distrito terá comitê gestor	182
Figura 40: Santa Casa ganhará centro histórico-cultural.....	185
Figura 41: Histórias que a Santa Casa conta.....	186
Figura 42: Abraça sua Rua começa pela avenida Farrapos	191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias / Mês – Universo de pesquisa	100
Tabela 2: Categorias / Mês – Amostra.....	101

SUMÁRIO

1 QUANDO O SONHO SE TRANSFORMA EM DESCOBERTA.....	13
2 CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO BRASIL.....	20
2.1 A Complexidade do Conceito de Cultura	22
2.2 Memória e Identidade Social.....	32
2.3 A Materialização da Memória através do Patrimônio Edificado	39
2.3.1 Intervenções no Patrimônio – da Preservação à Degradação	47
2.3.2 Educação Patrimonial como forma de Conscientização.....	53
2.3.3 Trajetória de Preservação do Patrimônio Edificado de Porto Alegre	55
2.4 Talavera de la Reina: Fonte de Inspiração	64
3 A MEMÓRIA COMO QUESTÃO DA COMUNICAÇÃO.....	70
3.1 As Notícias como Suporte da Memória	73
3.2 A Memória do Leitor	81
3.4 Imprensa e História em uma Perspectiva Relacional	84
4 PATRIMÔNIO EDIFICADO, MEMÓRIA E JORNAIS DE PORTO ALEGRE: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS MATÉRIAS.....	88
4.1 Apelo Visual	102
4.2 Fontes	115
4.2.1 Oficiais.....	118
4.2.2 Especializadas.....	121
4.2.3 Populares.....	123
4.2.4 Ausência.....	123
4.3 Enfoque	126
4.3.1 Cultura	126
4.3.2 Memória.....	127
4.3.3 História	128
4.3.4 Turismo.....	133
4.3.5 Economia.....	135
4.3.6 Marketing Cultural.....	138
4.3.7 Outros.....	142
4.4 Teor	144
4.4.1 Informativo.....	144
4.4.2 Interpretativo	145
4.4.3 Opinativo	147
4.5 Foco.....	150
4.5.1 Conservação.....	150
4.5.2 Preservação.....	151
4.5.3 Restauração.....	154
4.5.4 Revitalização.....	158
4.5.5 Proteção.....	160
4.5.6 Degradação.....	161
4.5.7 Perdas.....	164
4.5.8 Depredação.....	167
4.5.9 Ação Cultural	169

4.6 Adequação Conceitual	169
4.6.1 Satisfatório	171
4.6.2 Insatisfatório	171
4.7 Informações Técnicas	173
4.7.1 Presença	175
4.7.2 Ausência.....	175
4.8 Natureza e Ações	177
4.8.1 Público.....	177
4.8.2 Privado.....	178
4.9 Continuidade.....	180
4.10 Funções Agregadas.....	188
4.10.1 Educação Patrimonial.....	188
4.10.2 Conscientização.....	190

5 A QUALIFICAÇÃO DA DESCOBERTA.....	192
--	------------

REFERÊNCIAS	199
--------------------------	------------

APÊNDICES

APENDICE A – Ficha de análise das matérias	204
APENDICE B – Tabela de frequência – Categorias / Mês	205

1 QUANDO O SONHO SE TRANSFORMA EM DESCOBERTA

É difícil não se encantar com o patrimônio histórico e cultural ao conhecê-lo profundamente. O modo de olhar um solar restaurado ou um prédio público com características arquitetônicas de outras épocas muda completamente, tal é o seu significado. Foi a partir desse encantamento – principalmente com o patrimônio edificado – que a motivação para realizar esse trabalho surgiu há mais de um ano.

Descobri essa área fascinante quando ingressei em uma bolsa de iniciação científica no Laboratório de Ensaaios e Modelos Estruturais (LEME), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da UFRGS.

Com pesquisas em linhas como patologia e recuperação das construções, análise estrutural, recuperação e restauro de edificações, alguns membros da instituição criaram o Projeto NETCROM (Núcleo Virtual de Estudos e Tecnologias de Recuperação de Obras e Monumentos), cujo suporte era um *site*¹ que tinha por objetivo reunir as pesquisas brasileiras sobre patrimônio cultural. Foi nesse contexto que entrei na pesquisa, para redigir matérias, fazer entrevistas e transformar a linguagem técnica de engenheiros, arquitetos e técnicos em algo mais leve e de fácil leitura. Minha bolsa consistia em atualizar e, posteriormente, divulgar a página.

Apesar de eufórica com a nova experiência, senti que a atividade seria, na verdade, um desafio. Nunca ter escrito nada sobre uma área tão específica me assustou um pouco. Várias perguntas vieram à minha mente logo no primeiro dia de trabalho: o que era mesmo tombamento, que características um prédio deveria ter para ser considerado histórico, quais as etapas de um restauro? Essas inquietações poderiam ter feito com que eu desistisse de um dos meus maiores sonhos de vida

¹ Endereço eletrônico <<http://www.netcrom.com.br>>

acadêmica, que era um dia me tornar uma bolsista. Porém esses questionamentos tiveram o efeito contrário: aguçaram minha curiosidade. Corri até a biblioteca e garimpei vários livros sobre o assunto.

A partir das primeiras leituras, me apaixonei pelo tema e comecei a perceber sua importância. Casas, estátuas, prédios e ruas passaram a ter outro significado para mim, tanto que os observava tentando captar as histórias que poderiam me contar. Ao ver uma edificação coberta por tapumes e com técnicos a resgatarem seu passado, através de uma pintura nova, da troca de suas telhas, da revitalização de sua fachada, ficava imaginando quem a poderia ter construído e habitado, qual teria sido seu uso e que riquezas estaria escondendo.

Ao longo das entrevistas e matérias para o *site*, outra questão me tocou: a dificuldade em restaurar e a importância de preservar. Constatei que os cuidados e pequenos consertos são muito mais simples e econômicos do que um restauro completo. É melhor reparar uma fissura do que deixar que ela se transforme em rachadura e comece a causar transtornos. Conjugado a isso, passei a refletir sobre a depredação do patrimônio. Percebi como era trabalhoso e caro realizar obras de revitalização e passei a ficar indignada ao verificar que muitos monumentos e edificações são danificados pelo povo. Então, me perguntava: será que não percebem que estão destruindo seu legado cultural e sua história?

Esse descontentamento ficou maior quando soube que um dos cartões-postais de Porto Alegre havia sofrido um grave ato de vandalismo durante uma manifestação. A Fonte Talavera de la Reina, monumento histórico que fica no Paço Municipal, em frente à sede da Prefeitura de Porto Alegre, havia servido de apoio para um manifestante subir em sua bacia e apreciar, de um ângulo privilegiado, a mobilização de carroceiros e papeleiros que ocorria no local. O resultado não

poderia ser outro: o monumento, tombado pelo patrimônio histórico municipal em 1979 e considerado um dos elos de ligação entre Brasil e Espanha, teve parte de sua estrutura superior destruída.

Buscando conhecer mais sobre a história da fonte, descobri que essa não havia sido sua primeira depredação. A mais recente ocorreu em 2000, quando o monumento construído utilizando barro e revestido com cerâmica espanhola pintada à mão precisou ser levado à Espanha para recuperar sua forma original após demolições e pichações. Alguns anos antes, a colocação de uma cerca já demonstrava a preocupação com atos de vandalismo contra a obra de arte. Infelizmente, a iniciativa não gerou resultados.

O assunto ganhou capa nos jornais, destaque na televisão e no rádio, foi alvo de debate, mas parece que muitos ainda não se deram conta de que precisam cuidar do patrimônio. A partir desse incidente, estava constituído o problema que mais me interessaria e que hoje se transformou em meu objeto de pesquisa: Qual o papel que a mídia impressa de Porto Alegre desempenha como referência para conscientizar a comunidade sobre a importância da preservação de sua memória? Até que ponto a questão da memória se constitui em uma preocupação dos meios de comunicação? Os principais jornais de Porto Alegre são capazes de estimular a construção de uma cultura da memória histórica e cultural através da veiculação de notícias sobre intervenções no patrimônio cultural edificado? Será que esses veículos cumprem seus papéis educativos, informativos e fiscalizadores no que diz respeito ao patrimônio histórico e cultural?

Essa temática justifica-se pelo fato de que há uma crença de que o Brasil é um País que não preserva sua memória. Parece que o povo não se preocupa em resgatar sua cultura e conhecer seu passado para poder construir melhor o futuro.

Ligado a isso está o jornalismo, que na mesma medida em que pode ser um guardião da memória de um povo, traz tanta informação que acaba fazendo o efeito inverso: gerando o esquecimento do leitor, que não consegue captar tudo que é veiculado. Além disso, muitas vezes os meios de comunicação também utilizam mecanismos para instituir os assuntos que devem ou não entrar em pauta nas discussões de seu público, de uma forma a delimitar o que deve ser lembrado ou esquecido.

Informar e educar estão entre algumas das funções da atividade jornalística e, desse modo, é relevante analisar se os veículos de comunicação satisfazem esses dois quesitos em relação ao que se refere ao patrimônio cultural.

A fim de responder tais indagações, estabeleci os seguintes objetivos da pesquisa:

a) Verificar como os jornais locais abordam a questão da conservação, do restauro e destruição da memória edificada.

b) Analisar como os veículos de mídia impressa tratam aspectos históricos, sociais e culturais sobre a edificação.

c) Avaliar se o conteúdo das notícias se constitui em estratégia de educação patrimonial ou de conscientização do leitor.

d) Examinar se os jornais se preocupam em dar continuidade a determinadas questões referentes ao patrimônio edificado a partir da atualização de matérias sobre um mesmo tema.

e) Verificar como as notícias sobre essa temática são construídas e quais as fontes consultadas.

f) Propor alternativas para melhorar a construção das matérias, inserindo conceitos de educação patrimonial e ampliando o suporte cultural e histórico de seu conteúdo.

Entende-se como a importância histórica e cultural da edificação o contexto social e político em que se insere, a peculiaridade de sua arquitetura, quem a construiu ou habitou, entre outros. Já educação patrimonial é a contribuição que o jornal oferece para que o leitor dê mais importância à conservação e proteção das construções consideradas históricas, encarando as edificações como fontes primárias de estudo, através das quais é possível entender a história, a cultura e resgatar a memória de determinado povo.

O trabalho iniciou com uma pesquisa bibliográfica, a fim de constituir o referencial teórico necessário em torno dos temas cultura, memória, identidade, patrimônio edificado, educação patrimonial e sua relação com a comunicação e, mais especificamente, com o jornalismo.

A pesquisa envolveu a interpretação de uma amostra intencional de quarenta matérias, selecionadas dentro de um universo de duzentas e cinco notícias publicadas entre abril e agosto de 2005 nos jornais Zero Hora, Correio do Povo, O Sul e Jornal do Comércio tendo como critério o fato de se constituírem em exemplos significativos para o alcance dos objetivos previstos. A partir daí, foi empregada a técnica de análise de conteúdo como base metodológica e que, de acordo com o modelo proposto por Moraes (1999), exigiu a constituição de dez categorias de análise, a serem detalhadas no momento em que apresento os resultados da investigação (Capítulo 4). Desse modo, foi construída a ficha de análise de conteúdo (Apêndice 1), que se constituiu no roteiro da investigação.

Para orientar a análise, organizei uma tabela com a freqüência de cada uma das categorias e, ao perceber sua eventual utilidade para outras pesquisas em torno do tema, a incluí no Apêndice 2.

Além disso, foram inseridos recortes de depoimentos de arquitetos e restauradores, provenientes de minha atividade no site NETCROM, cuja riqueza de conteúdo justifica sua inserção nesse trabalho.

Nos capítulos seguintes são apresentados os resultados dessas reflexões. No primeiro deles, discuto o conceito de cultura que se constituiu no marco teórico referencial deste trabalho. Nesse mesmo capítulo, abordo a questão da memória individual e social e seu impacto na formação da identidade de um povo. Ainda debato conceitos relacionados ao patrimônio edificado, diferencio suas principais intervenções e reflito sobre aspectos de educação patrimonial. E, finalmente, concluo o capítulo ao analisar a trajetória do patrimônio edificado em Porto Alegre.

No capítulo que o segue, procuro demonstrar qual é a participação do jornalismo na fixação da memória do povo, tendo a notícia como suporte principal. Nesse capítulo comento algumas das conseqüências do excesso de informação a que o leitor é submetido e identifico quais vertentes jornalísticas podem consolidar sua memória.

Início o novo capítulo detalhando melhor a metodologia aplicada na investigação e apresento a análise das matérias selecionadas.

Finalmente, chego ao último capítulo, onde teço as considerações finais em torno do objeto focalizado e ousou também fazer algumas indicações e sugestões que considero úteis para qualificar a veiculação de notícias sobre o patrimônio edificado na mídia impressa.

Uma sensação agradável me acompanha, que é a de ter ultrapassado a finalidade inicial desta pesquisa, que não considero apenas um trabalho de final de curso. Muito mais do que isso, representa uma contribuição, embora pequena, para que se estabeleçam conexões mais fortes e seguras na ação do jornalista em relação à memória do País, pré-requisito para a construção de uma sociedade mais atenta para a riqueza do patrimônio nacional.

2 CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO BRASIL

O patrimônio edificado é parte integrante do patrimônio cultural da humanidade. Formada por bens materiais, como prédios, casas e monumentos, essa vertente é o resultado da interação entre conhecimento, espaço e história. Através do patrimônio edificado é possível identificar e entender a cultura de um povo, visto que toda e qualquer edificação possui sua marca na história, se insere em uma realidade social e na vida de quem a idealizou, construiu e habitou.

Ciente de que o patrimônio edificado possui uma forte carga cultural e se constitui numa manifestação de cultura, este capítulo abordará o conceito do termo cultura, citará algumas de suas características, tentará desfazer alguns mitos e equívocos – como a confusão entre cultura e folclore – e delimitará a concepção do conceito que servirá de referência neste trabalho.

Por carregarem consigo aspectos culturais de um povo ou sociedade, as edificações históricas estimulam o exercício da memória. Isso ocorre quando se vai buscar no passado o significado de detalhes arquitetônicos e estruturais, as motivações e objetivos da construção, a contextualização e os impactos sociais em que se inseriu. Essa procura é ao mesmo tempo individual e social, visto que se pode reconstituir momentos vividos pessoalmente junto àquela construção ou relembrar fatos de importância histórica que marcaram a trajetória da obra.

Assim, essas marcas não estão apenas guardadas em recantos de nosso imaginário, mas estão impressas nas paredes, azulejos, esculturas e fachadas do patrimônio edificado, prontas para serem reavivadas.

Levando em conta a memória contida e estimulada por essas construções, além de discutir o que é cultura, o capítulo abordará também aspectos

da memória individual e social, de modo a estabelecer as aproximações e os distanciamentos entre os dois conceitos, bem como a relevância de cada um para a formação da identidade dos indivíduos e do povo.

Muitas construções históricas são como livros vivos. Elas se constituem no que Nora (1993) denominou de “lugares de memória” e fazem com que os traços culturais de um povo sejam elaborados e reforçados. E assim, que venham a colaborar para a construção de sua identidade.

Vale lembrar que quanto maior a consolidação da cultura de uma pessoa, maior será a identificação com o patrimônio edificado da nação onde vive. Ao observá-lo, será como vislumbrar a trajetória de lutas e evolução daquele povo e de si mesma.

Após conceituar e analisar aspectos sobre cultura, memória e identidade, o capítulo falará sobre a questão do patrimônio edificado, relembrando sua evolução, trajetória e importância. Serão debatidos ainda aspectos sobre preservação, conservação, restauro, depredação, educação patrimonial, levando em conta sua inserção no Brasil e principalmente no município de Porto Alegre.

A junção desses aspectos pretende contribuir para o entendimento da complexidade e da importância do patrimônio edificado.

Sua conexão qualifica o olhar do espectador, uma vez que, diante desses guardiões de memória, se projetam partes de nossa história. Em síntese, com este capítulo procurei ressaltar que o patrimônio edificado é uma manifestação cultural que contribui para a construção do sentimento de pertença e reconhecimento da nação, dentro e fora de seu território.

2.1 A Complexidade do Conceito de Cultura

Numa perspectiva social, o termo cultura se refere aos modos de vida e a todas as manifestações coletivas humanas. Apesar das contínuas modificações a que está sujeito ao longo do tempo, esse conceito é fundamental para o início de qualquer discussão em torno de temas específicos do campo da comunicação.

Etimologicamente originado do verbo latino *Colere* (cultivar), cujo significado se referia às atividades agrícolas, aos poucos sua abrangência foi ampliada. *Cultivar* passou a se referir a ações bem mais amplas do que aquelas referentes ao campo, ao abarcar todas as representações que o homem faz em sua presença na História. Nessa perspectiva, o conceito inclui o sentido de semear, conservar, construir e criar elementos materiais e imateriais da trajetória humana.

A expressão *adquirir cultura*, que ainda hoje se refere a um movimento voltado à busca de conhecimentos necessários para qualificar a existência do ser humano, já era assim utilizada na Roma antiga, para indicar um certo refinamento pessoal. E no final do século XVIII, quando surge o termo alemão *Kultur*, o conceito passa também a incluir os aspectos espirituais do povo.

Todavia, foi somente no século XIX que o conceito se constrói em torno do significado que lhe é atribuído hoje, a partir da definição de Edward Tylor (1832-1917) que descreve a cultura como “[. . .] todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR², 1958, apud LARAIA, 2001, p. 25).

² TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1958, apud LARAIA, 2001, p.25.

Trata-se de uma expressão muito complexa, que traz dentro de si uma pluralidade infinita de significados. A cultura se expressa na língua falada por um povo, no relacionamento entre cada membro de uma comunidade, no preparo de uma receita, na construção da moradia, nas crenças e ritos de uma sociedade.

A sua relevância e significado não se limitam aos aparatos, instrumentos e ações que definem o cotidiano da vida em grupo, mas no fato de que é através dela que o homem constrói sua noção de mundo e define seus comportamentos e atitudes aceitas no grupo. É a cultura que lhe permite perceber o outro e assim valorizá-lo. Através dela, se transforma no sujeito de sua própria história.

Trata-se de um fenômeno contínuo, que vai se construindo aos poucos e, no decorrer de certos períodos de tempo, a cultura se converte num bem a ser adquirido. E, em função da possibilidade de se constituir no legado de um grupo, se torna “[. . .] acumulativa, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores”, segundo Laraia (2001, p. 48).

A aquisição da cultura se dá através da educação. Ela é apreendida e ensinada de uns para os outros, geração após geração. A cultura não nasce junto com o indivíduo e tampouco é influenciada por fatores como genética, raça ou sexo. Isso quer dizer que todos têm as mesmas condições de aprender sua cultura, uma vez que ela é intrínseca aos saberes e fazeres de uma sociedade.

Porém não é só da aprendizagem que o indivíduo vive. Por fazer uso da linguagem e assim se comunicar com os demais, sendo nisso muito criativo, ele constantemente muda de opiniões, questiona crenças, comportamentos, quebra regras, altera a ordem estabelecida. Em conseqüência, cada pessoa se torna ator que modifica e recria a cultura do grupo social a que pertence através do qual se reconhece.

Apesar do legado histórico ser uma grande referência cultural, as sociedades estão sempre se modificando e trazendo novas tonalidades à sua dinâmica. Não há qualquer possibilidade de se pensar a cultura como um fenômeno permanente, parado, estanque. Ao contrário, dinamismo e transformação são os adjetivos que melhor correspondem ao seu universo. Desse modo, ao mesmo tempo em que possui uma importante base histórica, a cultura se reveste de novos tons e encantos ao longo de cada momento da sua história.

É inadequado tratá-la como produto, uma vez que não é uma coisa, um objeto, algo acabado, que tenha um começo, um meio e um fim. Santos (1989) refere-se à cultura como um fenômeno em constante movimento, ação e vida. Esse dinamismo pode ser visto na renovação dos eventos tradicionais que, apesar de serem sempre repetidos ao longo do tempo, estão em permanente transformação.

O autor dá como exemplo dessa constante mutação o carnaval que, de uma festa surgida na Idade Média, vem alterando sua dinâmica através dos anos e é realizado de formas totalmente diferenciadas dependendo do país e da região em que se realiza.

Transpondo essa análise para o Brasil, se pode encontrar inúmeros exemplos no mesmo sentido, como é o caso do próprio carnaval, que assume formas totalmente diversas em cada região do País. Esse dinamismo pode ser evidenciado também em quaisquer comemorações locais, festas de igreja, de santos, que, embora realizadas sistematicamente dentro de uma mesma comunidade, agregam características diferentes a cada edição ou celebração.

Um equívoco muito comum é confundir cultura com *folclore*. Tratam-se de conceitos com significados totalmente diferentes, mas que, mesmo assim, são muitas vezes utilizados como sinônimos. Enquanto cultura se refere ao conjunto de

representações da vida de uma comunidade, o folclore alude às manifestações que já não fazem parte desse cotidiano, mas que são resgatadas para que não se percam no tempo.

No sentido de esclarecer a distância entre os dois termos, De Certeau (1995), identifica o folclore como sendo a *beleza do morto*, a algo que já foi, embora sua lembrança permaneça. Embora permita que se recuperem elementos significativos da história de um grupo, o folclore os busca no passado. E, nessa tentativa, lembra o autor, os fatos têm uma nova roupagem, filtrada pela memória e pelo distanciamento. Desse modo, a sua narrativa, embora reconhecida como importante pelo grupo, causa um certo estranhamento entre as pessoas, uma vez que pertence a um outro tempo, que não o presente. Ainda que dê um novo colorido ao que traz de volta, sempre será apenas uma lembrança. Algo do passado que se reapresenta.

Assim a sua narrativa não é tão rica quanto a cultura, que, ao contrário, representa vida. O folclore permanece na memória da comunidade, enquanto a cultura faz parte do seu cotidiano. Ao contrário do folclore, que é uma representação simbólica, a cultura é viva, dinâmica e está em constante construção.

Para exemplificar essa diferença, relato aqui o caso da Semana Farroupilha, realizada em Porto Alegre no dia 20 de setembro, data máxima da cultura gaúcha, que comemora a Revolução Farroupilha, considerada como um momento épico, possivelmente o mais significativo da história do Rio Grande do Sul. Nesse evento, são ressaltados os traços mais característicos da cultura gaúcha, representados pelo chimarrão, música, dança, vestuário, alimentação campeira, entre outros. Um dos pontos altos da festividade é o Acampamento Farroupilha, que é montado no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho e reúne gaúchos vindos de várias

idades e regiões do Estado. Torna-se uma grande festa, numa confraternização que traz dentro de si aquilo que pode ser considerado a alma do Rio Grande do Sul.

Neste ano, em que se comemoraram os 170 anos da Revolução, a atual administração de Porto Alegre remodelou a sua realização, ao estabelecer que os piquetes³ deveriam realizar projetos culturais durante os seus sete dias de funcionamento.

As 368 entidades participantes, então, foram estimuladas a ir além das tradicionais rodas de chimarrão, para oferecer oportunidades do público conhecer a diversidade cultural que identifica o Estado através de exposições, seminários, mostras fotográficas e uma série de eventos, que incluíram ainda a realização de oficinas de conservação do meio ambiente e palestras sobre História e tradicionalismo.

A diferença entre cultura e folclore fica nítida quando pensamos no gaúcho que anda sempre pilchado⁴ e naquele que veste a bombacha⁵ e os demais apetrechos apenas para ir ao CTG⁶. O primeiro usa a indumentária como algo intimamente inserido em seu cotidiano; já o segundo, se paramenta com uma distância maior do real significado de cada peça que está usando, como se estivesse colocando uma fantasia, pois o ritual de pilchar-se não está vivo e presente nele.

Assim, as comemorações da Revolução Farroupilha tanto podem referir-se ao folclore, quando se detiverem apenas na glorificação do passado, como nos grandes feitos que transformaram o homem e a mulher gaúchos sinônimos de

³ Pequeno pedaço de campo cercado, geralmente usado para reunir animais. No Acampamento Farroupilha se constitui em um espaço, no qual os participantes montam tendas para realizar atividades culturais e tradicionais, como preparar o chimarrão ou construir um memorial.

⁴ Aquele que usa o traje típico gaúcho, composto pelo vestido de prenda para as mulheres e chapéu, lenço, camisa, bombacha e bota para o homem.

⁵ Calça larga em toda a perna, com exceção do tornozelo. Faz parte da indumentária do gaúcho.

heroísmo, valentia e nacionalismo – valores auto-atribuídos como símbolos da identidade gaúcha.

Em função dessa homenagem ao herói do passado, a comemoração acabou criando os traços daquilo que é reconhecido como a cultura farroupilha. De um fenômeno representativo do folclore, passou a fazer parte da cultura gaúcha, ao trazer o homem do campo, que ainda se veste, come, trabalha e vive como o herói farroupilha, para o tempo presente.

Ao andar de braços dados com a cultura gaúcha, o evento mesclou traços peculiares desse heroísmo mítico, como a luta de seu povo, o ideal libertário, a obstinação pela vitória, o reconhecimento da derrota, com o homem de hoje que continua no campo, laçando, cantando e tomando chimarrão. E transmitiu esses valores ao gaúcho que vive na cidade, geralmente, sem muitas oportunidades de conhecer de perto a cultura do gaúcho tradicionalista.

Esses valores e lembranças foram apresentados através da encenação de batalhas e da apresentação de danças, jogos e ritos, como também pelas visitas aos piquetes, o que permitiu o contato direto entre os dois universos do gaúcho, o rural e o urbano.

O ideal farroupilha tem uma importância tão grande para os habitantes do Rio Grande do Sul e, principalmente para os porto-alegrenses, que elementos ligados ao evento podem ser vistos e sentidos a todo momento, como lembra Costa (1997):

A herança farrapa está nas ruas, por toda a parte: o 20 de Setembro é um feriado de desfiles solenes, o palácio do governo se chama Piratini, e aquele em que os deputados legislam, Farroupilha; esse é também o nome do parque principal – onde se encontram vários monumentos alusivos à revolução – de uma rádio, de colégio e até de um antigo sanduíche muito popular (COSTA, 1997, p. 78).

⁶ O Centro de Tradições Gaúchas é a entidade que divulga a cultura e a tradição gaúcha, a partir das danças, costumes e culinária do povo rio-grandense.

A figura heróica do gaúcho sempre esteve no imaginário do povo que reside no Rio Grande do Sul. Prova disso foi a escolha do monumento do Laçador, de autoria de Antonio Caringi, como símbolo oficial de Porto Alegre após consulta popular em 1991. A estátua em bronze retrata a figura do gaúcho másculo e imponente trajando sua indumentária típica. Com sua postura altiva, serve de identificação a quem entra e sai da cidade, numa demonstração da identidade gaúcha.

Citando esses exemplos, vemos como cultura e folclore se mesclam, apesar de serem essencial e manifestamente diferentes. Atividades folclóricas podem reforçar a construção da cultura, mas não conseguem ter sua força. Contudo, essa junção é importante para não deixar o passado morrer e ao mesmo tempo reelaborar seu significado e relevância para o tempo presente. Juntos, cultura e folclore podem resgatar importantes heranças e reforçar sentimentos de pertença e identificação de um povo.

Além de distinguir cultura de folclore, De Certeau (1995) ressalta que é relevante lembrar que a cultura possui uma lógica própria e é preciso entendê-la para compreender sua dinâmica. Cada cultura possui uma lógica interna diferente, que define costumes, ritos e comportamentos de seus membros. Dependendo da localidade, uma palavra, um animal ou objeto podem assumir significados totalmente distintos. Isso não é instituído, mas se forma com o decorrer do tempo e da convivência social, permeado pelas crenças, leis e ritos reconhecidos pela comunidade.

Antes de entender a lógica interna de cada cultura, é necessário compreender o sistema social em que ela se insere, para facilitar o conhecimento de sua dinâmica. Ao compreender essa gama de fatores, é mais difícil construir

padrões de diferenciação e hierarquização entre as culturas, pois demonstra mais uma vez que elas não são homogêneas e sim construídas. Assim, respeitar aquilo que é diferente vira algo natural, na medida em que, tendo contato com toda a problemática que envolve a cultura, nos conhecemos melhor e minimizamos os preconceitos com relação aos hábitos dos demais povos.

As diferenças e a diversidade de culturas unidas no multiculturalismo estão entre os elementos mais benéficos para a convivência entre os povos e para o estabelecimento de uma cultura da paz, um meio que possa substituir o tom bélico e egocêntrico que caracteriza a história da cultura ocidental nos últimos quatro séculos.

Nesse sentido, o Brasil é considerado uma referência reconhecida mundialmente como um País que possui uma riquíssima variedade de culturas, que são respeitadas e valorizadas. Michel Serres (1999) identifica a cultura brasileira como sendo uma *cultura mestiça*. Segundo o filósofo, a cultura do País se constitui numa mescla sólida e integrada das diferentes matrizes que a constituem. E, essa integração gera vínculos indissolúveis, que reúne as especificidades de cada grupo. Logo, no Brasil a integração se dá de modo global, em oposição ao que ocorre em outros países, onde verdadeiros guetos formam grupos de determinadas etnias, origens, cor, etc., que os mantêm afastados uns dos outros.

Segundo o autor, essa mestiçagem é positiva, pois se cada cidade, Estado e região já têm características climáticas, geográficas, sócio-econômicas e urbanas diferentes, sua heterogeneidade cultural contribui de certo modo para a integração dentro de sua própria diversidade, criando um sentimento de pertença de norte a sul do País.

Tal peculiaridade é também interessante se a análise partir do âmbito econômico, uma vez que cada local amplia suas potencialidades e progride a partir da conexão e da constituição de tramas que envolvam esse multiculturalismo e as características próprias de cada grupo que a integra.

Todavia, é importante ressaltar que, apesar de sofrer as conseqüências da economia e dos sistemas produtivos, a cultura não é dependente e, tampouco, reflexo das relações econômicas. A diversidade cultural não favorece apenas a economia, mas também outras esferas, principalmente a sócio-cultural, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento do povo:

São essas particularidades culturais que cada região possui que enriquecem e permitem o desenvolvimento cultural do país. São essas características regionais que contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro, na medida em que, incorporadas ao processo de formação do indivíduo, lhe permitem reconhecer seu passado, compreender o presente e poder modificá-lo (GRUNBERG, 2000, p. 97).

Certamente é devido à sua mestiçagem cultural que o País consegue conviver tão bem com diversas crenças, ideologias e costumes que o compõem. A partir dessa pluralidade, a identidade brasileira se fortalece, enriquece e se torna complexa, sem imposições de um modelo único, oficial. Mas deve ficar bem claro que essa mestiçagem não impediu a permanência de preconceitos velados entre os diferentes grupos sociais que a constituem.

Outra característica relevante da cultura é enfocada por Von Simson (2000). A autora lembra da afirmação do semiólogo Yuri Lotman de que “[. . .] cultura é memória”, e explica que esse conceito surge devido aos “filtros” oferecidos pela sociedade para que os indivíduos, diante da exposição cotidiana a múltiplas informações, possam selecionar e escolher o que será guardado ou esquecido.

Segundo ela, dentro desses critérios de seleção entraria a questão da funcionalidade, que definiria o que seria necessário absorver para servir como uma “[. . .] experiência válida ou informação importante para decisões futuras” (VON SIMSON, 2000, p. 64). Portanto, permanece na memória aquilo que interessa a cada um, embora visto de fora não seria o elemento mais importante a ser guardado.

Após lembrar essas características da cultura, falarei agora de duas de conceituações mais usuais. Santos (1989) explica que a primeira delas é mais totalizante e relaciona cultura a tudo que caracteriza a realidade social de um povo ou nação. Já a segunda concepção, se centraliza nos conhecimentos, idéias e crenças de um povo, e analisa como eles se manifestam dentro do âmbito social que os produz.

O autor adverte que se observarmos a realidade a partir de cada uma dessas duas visões isoladamente, corremos o risco de pensar que tal realidade é estática, sem movimento. Por isso, o ideal é uni-las: “É do relacionamento entre essas duas concepções básicas que se origina a maneira de entender cultura” (Op.cit., p. 38). E ele complementa que “[. . .] ao falarmos de cultura nos referimos principalmente à dimensão de conhecimento de uma sociedade, mas sempre temos em mente a sociedade como um todo” (Op.cit., p. 44).

É na junção entre essas duas concepções que o presente estudo se fundamenta. Ao mesmo tempo em que trabalha com manifestações culturais de um povo (o patrimônio edificado) e verifica como os membros dessa sociedade se relacionam com elas, também analisa a memória, a identidade, o resgate histórico e cultural (elementos que também fazem parte da cultura) que essa problemática gera na sociedade como um todo.

Da mesma forma, o patrimônio edificado pode ser visto como uma manifestação cultural em si e igualmente como uma reunião de saberes, fazeres e memórias de um povo. Por isso, não há como analisar toda a problemática que envolve o patrimônio edificado sem recorrer a essas duas concepções em conjunto. Afinal, o patrimônio é “[. . .] elemento fundamental da civilização e da cultura dos povos”, cuja falta de cuidado e destruição pode gerar “[. . .] a ameaça de desaparecimento a própria sociedade” (SOUZA FILHO, 1997, p.10).

Sendo a cultura uma forma viva, inacabada e em constante evolução, é possível imaginar que, por estar intimamente ligado a ela, o patrimônio se torne também uma fonte imutável de conhecimento, reconhecimento e identificação individual e coletiva. Juntamente com a cultura, o patrimônio histórico, artístico e cultural é uma fonte geradora de memória e identidade. Desse modo, é relevante falar um pouco sobre esses dois pontos, mostrando sua relevância tanto em nível individual como social, o que farei a seguir.

2.2 Memória e Identidade Social

A memória é em um elemento essencial na formação da identidade de qualquer pessoa. É preciso ter em mente nossos ideais e os valores aprendidos ao longo da vida para consolidarmos nossa personalidade, construirmos o presente e elaborarmos o futuro. Essa faculdade é definida por Aristóteles como o ato de trazer para o presente algo que está ausente, registrando através do pensamento uma ausência no tempo. Dessa forma, memória está ligada ao poder e demonstra sua competência em transformar e enriquecer presente e futuro.

Já na definição de outro autor, a memória é considerada “[. . .] a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagens, textos, etc)” (VON SIMSON, 2000, p. 63).

No mesmo sentido, Le Goff (1992) afirma que a memória é um conjunto de funções psíquicas através das quais os indivíduos conseguem relembrar vivências, opiniões ou informações já vividas. Dessa forma, a memória é uma prática ativa, em sistemática renovação. Percebe-se também que ela é seletiva, pois não há como reter mentalmente toda e qualquer manifestação a que somos expostos.

Em outras palavras, vivemos em um constante lembrar e esquecer: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55).

Com essa frase, a autora sintetiza duas importantes funções da memória. Por um lado, fala da conexão entre presente e passado, na qual os acontecimentos já vividos podem ganhar novas interpretações, a partir do que experimentamos agora. Pode atingir tanto o campo individual, como o social, levando em conta que lembranças de infância ou interpretações sobre crises e guerras encaixam-se nisso.

A segunda função citada pela autora diz respeito ao conceito dado por Halbwachs⁷ (1956) ao termo memória-trabalho, que não considera a memória como um exercício meramente poético, subjetivo, íntimo e permeado por imagens oníricas, como a memória-sonho. Mas é através dela que aprendemos a interpretar o passado, realizando um verdadeiro trabalho de recomposição, junção de lembranças e reelaboração do que já foi vivido.

⁷ HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1956, apud BOSI, 1994, p. 53

O ato de resgatar fatos, histórias, imagens, palavras e sons através da mente pode ser individual ou coletivo. Constituída por elementos referentes à história de vida de cada pessoa, a memória individual não está centrada apenas nas experiências vividas por uma pessoa, mas também por memórias de outros.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo relembra fatos vividos por ele, também pode fixar em seu imaginário fragmentos de acontecimentos relatados por amigos, em que o interlocutor muitas vezes remonta a cena narrada através de sua imaginação. Dessa forma, o relato oral se transforma em memória sonora, visual e não diz mais respeito somente ao indivíduo. Expande-se para o coletivo, em uma esfera social.

A junção entre o individual e o social na formação da memória é demonstrada por Pollack (1992) ao definir os elementos constitutivos da cultura na esfera dos acontecimentos, pessoas e lugares. Segundo o autor, não só os fatos experimentados, mas também aquilo que foi vivido por indivíduos com quem convivemos ou os lugares em que estivemos formam nossa memória. Para ele, as vivências experimentadas “por tabela” (sic) durante relatos ou leituras facilmente podem ficar enraizadas em nosso imaginário. Essas heranças podem ser tão fortes a ponto de se fixarem em nossa memória como se realmente as tivéssemos experimentado.

Na verdade, não há como a memória ser formada só pelo passado e pelas vivências exclusivas do indivíduo. O homem é um ser social. Por isso, não consegue sobreviver isoladamente. É “contaminado” pelo que ocorre ao seu redor, vê na televisão ou observa ao andar pelas ruas.

O conteúdo de um livro, a mensagem contida em um filme, as experiências compartilhadas, tudo isso se fixa em nossa mente em maior ou menor

grau, quase sempre tendo o poder de nos modificar, fazer com que mudemos de opinião, questionemos atitudes ou acrescentemos novos pontos de vista ao nosso repertório de conhecimento. A exposição a distintas manifestações, aliada às possíveis conexões com o já vivido, nos possibilita encher de sociabilidade nossa memória individual e, a partir disso, interagirmos para formar uma memória coletiva.

Nesse ponto, é importante lembrar a dicotomia entre percepção e lembrança, sugerida por Bergson⁸ (1959). Para ele, a percepção está ligada à matéria, considerada opaca, indiferente e um forte obstáculo à continuidade da memória.

A percepção é, então, vista como algo bem menos complexo do que a lembrança, pois esta seria o resultado da interação entre ambiente e mente. Já o lembrar estaria ligado diretamente ao passado e à subjetividade, constituindo a essência da memória. E, como autor acreditava que o mero contato com a matéria poderia bloquear o curso da memória, a lembrança era considerada como a “[. . .] conservação total do passado” (BERGSON, 1959, Apud BOSI, 1994, p. 55).

Ao analisar a interferência social na formação da memória individual, Halbwachs (Op.cit.) mostra que as lembranças não são imutáveis. Segundo ele, realizamos o ato de rememorar devido a estímulos sociais e por isso as lembranças podem ser alteradas. Dependendo de quem ou o que nos estimula a recordar algo já vivido, vemos o fato de diferentes maneiras. Além disso, como foi dito antes, nossos pontos de vista, opiniões e crenças podem ter se alterado desde o ocorrido, fazendo com que a lembrança seja resgatada de um modo distinto de como realmente aconteceu. Então, a memória social se mostra como algo partilhado, construído

⁸ BERGSON, Henri. **Matière et mémoire**, In Henri Bérçson, Oeuvres. Paris: PUF, 1959, apud BOSI, 1994, p. 55

historicamente e que forma o patrimônio coletivo, o qual não pode ser perdido, segundo Bosi:

A memória é faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos (BOSI, 1994, p. 90).

Apesar de ser formada ao longo dessas interações históricas, a memória coletiva não é apenas a soma das memórias individuais. Segundo Halbwachs (Op.cit.), ela se situa num campo exterior aos pensamentos das pessoas, mas, ao mesmo tempo, os une e consegue criar uma história coletiva, na qual os pensamentos individuais se juntam e, por instantes, “[. . .] cada indivíduo deixa de ser ele mesmo para fazer parte do todo” (HALBWACHS, 1956, apud BOSI, Op. cit., p. 31).

A partir desse raciocínio, fica claro como se dá a conexão entre a memória individual, a memória do grupo e ainda entre a memória coletiva da sociedade. Nessa ligação entre as diversas memórias dos indivíduos e dos diferentes grupos que as compõem, surge então a memória social, que tomará por base toda essa gama de características de uma forma global e identificadora.

Tal conexão traz consigo ainda outro componente importante: a formação da identidade. Ao possuir uma memória, o indivíduo e o grupo passam a construir e consolidar suas próprias identidades, que refletem no conhecimento que ambos têm sobre si e transmitem aos outros, uma vez que “[. . .] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1992, p. 476).

Na esfera individual, é formada com base nos valores, atitudes e crenças de cada pessoa. Já a identidade de um povo se constrói em um nível histórico, social, cultural e, principalmente, com uma intensa ligação ao passado. Os gaúchos, como vimos antes, possuem uma forte identidade farroupilha, devido a todo o seu histórico de luta, resistência e “glória”. Esses traços de outras épocas são marcantes, identificam o grupo e fortalecem suas relações, tanto interna quanto externamente.

A identidade cultural se constitui então como “[. . .] um sistema de representações [...] das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo” (TEIXEIRA COELHO, 1997, p.201).

Nesse contexto, o resgate da memória ganha uma relevância grande, pois, como já foi dito, o passado é muito importante para a construção da identidade. E, assim, demonstra o dever que o indivíduo tem em não deixar que o passado perca-se no tempo:

O sentido de recuperar a memória na atualidade reflete a necessidade do cidadão de recuperar sua historicidade. [...] A recuperação da identidade individual e coletiva define o lugar que cada um de nós ocupa no mundo e nos torna sujeitos históricos, fazendo com que sentimentos de pertença e os valores comuns do grupo possam ser compartilhados, possibilitando a criação de novos referenciais culturais (MORIGI, 2004, p. 21).

A identidade não é significativa apenas para sentimentos de identificação e pertencimento. Segundo Pollack (1992), ela se justifica também como um elo fundamental para a continuidade e a coerência do indivíduo e do grupo. Se determinada comunidade não possui uma identidade bem constituída, pode ser suplantada por outra, erigida até mesmo dentro desse meio social.

É em função disso que Castells (2001) crê que a identidade seja construída sempre em meio a um contexto onde existam relações de poder, sendo formada tanto por dominantes como dominados.

Tal constatação reforça a idéia de que memória é poder. O poder que um povo exerce ao conhecer seu passado é, antes de tudo, o poder de ter um passado que possa ser lembrado e transmitido. Sem ter uma história, o povo perde suas referências, sua base, suas raízes, ficando sem saber como usar o presente e sem instrumentos para construir conscientemente seu futuro:

[. . .] a memória coletiva é não somente uma conquista, mas também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF 1992, p. 476).

Essa relação auxiliou o surgimento de uma cultura de memória, na qual o ato de lembrar é tão exacerbado que ganha ares de obsessão. Há um culto exagerado a tudo que é considerado antigo, o qual criou, por exemplo, o modismo por objetos ancestrais e a volta de ícones de épocas distantes. Mas nada se compara ao *boom* de memória que estamos assistindo em países como a Alemanha, que resgata fatos negativos de seu passado através de manifestações e construção de monumentos para marcar acontecimentos trágicos.

Ao analisar a fixação da memória do Holocausto, Huyssen (2000) ressalta que tais construções podem não só auxiliar a formar uma memória coletiva, mas também a fazer com que a sociedade trabalhe suas lembranças traumáticas. O autor inclusive critica a “inflação de memória” que assola o cotidiano alemão desde a década de 80:

O país está tomado por uma implacável mania de monumentos, que promete não esmorecer enquanto cada quilômetro quadrado não tiver o seu próprio monumento ou memorial, rememorando não algum mundo à parte de amor, e sim o mundo da destruição e genocídios organizados. [. . .] Na Alemanha de hoje, o objetivo é a redenção pela memória (HUYSEN, 2000, p. 43).

A cultura da memória é uma característica da pós-modernidade. Como lembra o autor, nunca se investiu tanto na construção de memoriais, museus e monumentos como nas décadas de 70 e 80. Ele vê essa realidade positivamente, pois crê que possa ser uma tentativa de tentar desacelerar o frenético ritmo de vida a que o mundo está submetido atualmente. Além de impedir nossa amnésia diante de tantos apelos pelo consumo, pela busca do lucro e do imediatismo.

Quem constrói e conserva sua memória e fortalece sua identidade conquista poder dentro de um grupo e de uma sociedade. As pessoas têm consciência disso e, por mais corriqueiro que seja, estão sempre tentando conservar essa memória de alguma forma, em fotos, diários, *blogs*, lembretes em agendas, etc.

Porém o que muitos ainda não têm consciência é que boa parte da memória de um povo pode estar concentrada em suas manifestações artísticas, arquitetônicas, literárias e também em objetos visíveis em nossa sociedade: o patrimônio cultural. A seguir veremos como se dá a fixação da memória no patrimônio edificado, discutindo a importância disso e como ele pode ser uma fonte de rememoração e aprendizado.

2.3 A Materialização da Memória Através do Patrimônio Edificado

No início desse capítulo foi abordada a complexidade do conceito de cultura, demonstrada sua importância e selecionada a concepção que norteia esse trabalho. Já na segunda parte, procurei mostrar algumas diferenças e conexões

entre memória individual e social, e sua relevância para a consolidação da identidade cultural de um povo. Conclui-se, desse modo, que os conceitos de cultura, memória e identidade sintetizam aquilo que identifica a essência de um grupo social.

Tal concepção adquire mais relevância escala ainda maior quando relacionada ao patrimônio edificado, que oferece estímulos para a formação e solidificação desses três conceitos. É então que essa tríade se une e, dessa integração, é atribuído o valor aos monumentos e edificações históricas.

Conseguimos não apenas apreciar visualmente os exemplares desse patrimônio. Mais do que isso, temos agora a oportunidade de lê-los, de decifrar seus significados e enxergá-los sob uma nova ótica. Vê-los como algo bem maior do que um simples aglomerado de concreto, argamassa e cimento.

Se tivermos oportunidade para observar as edificações levando em conta o passado e a memória nelas contidos, poderemos nos surpreender com a quantidade de histórias que ela poderá nos contar. Costumes, valores, lembranças, riquezas arquitetônicas, relatos de uma época, influências políticas e econômicas, tudo isso e muito mais pode estar expresso em uma edificação, que não será mais considerada apenas antiga e ganhará o ônus de histórica.

A partir de agora me deterei na análise de algumas questões essenciais para entender o patrimônio edificado, enquanto elemento capaz de materializar memória, cultura e história.

O termo patrimônio remete a uma idéia de pertencimento, propriedade, legado, herança. Esse significado se torna plural e coletivo quando se refere ao patrimônio cultural de um povo ou nação. Segundo Fonseca (1997), o patrimônio nada mais é do que o conjunto de bens de valor cultural que passou a ser

propriedade da nação. Assim, todos os seus membros são donos desse legado, o que, conseqüentemente, os torna responsáveis por ele. A definição é complementada por Horta (2000₁), ao afirmar que patrimônio cultural é :

[. . .] o conjunto de bens e valores, tangíveis e intangíveis, expressos em palavras, imagens, objetos, monumentos e sítios, ritos e celebrações, hábitos e atitudes, cuja manifestação é percebida por uma coletividade como “marca” que a identifica, que adquire um sentido “comum” e compartilhado por toda uma “comunidade (HORTA 2000 ₁, p. 15).

Assim como a cultura, o patrimônio não é somente adquirido por uma comunidade. Mais do que isso, ele é construído, alterado e conservado através das gerações. Por muito tempo foi chamado patrimônio histórico, mas hoje seu conceito ampliou-se graças a estudos que o ressignificaram. Na nova perspectiva, tudo o que existe na sociedade possui sua marca no tempo, no espaço e faz parte da história e da identidade social.

Em decorrência, permitiram-se tanto a diminuição de preconceitos contra manifestações de épocas passadas quanto uma maior valorização e cuidado com os saberes e fazeres atuais, na medida em que ambos refletem os anseios e conflitos das gerações.

A moda e a arquitetura ilustram bem essa realidade. Apesar de muitos criticarem a desconstrução das roupas e a sobriedade das fachadas erigidas hoje, não é novidade dizer que essas duas concepções culturais demonstram nosso sentimento atual de liberdade de expressão, quebra de valores, agilidade e desorientação em meio a um cotidiano voraz e competitivo.

Direcionando essa visão ao patrimônio edificado de uma cidade, podemos constatar que Calvino (1991) está certo ao afirmar que há várias cidades dentro de uma mesma cidade. Arranha-céus, casas de alvenaria e sobrados ricos em

ornamentos convivem harmoniosamente dentro de um mesmo contexto urbano. São variadas manifestações que não falam somente sobre Arquitetura ou História, mas demonstram o que era considerado prioridade para construtores, moradores e até para a administração local.

Casas antigas praticamente coladas umas às outras podem demonstrar, por exemplo, que os órgãos responsáveis pelo urbanismo não exigiam uma distância de segurança entre as moradias – algo primordial hoje. Da mesma forma, podemos entender melhor aspectos históricos, culturais e sociais de um povo através de suas construções.

O patrimônio cultural se transforma num livro vivo, que gera conhecimento e estimula nossa memória, na medida em que resgatamos fatos históricos da época em que determinada edificação foi criada.

Este trabalho está centrado no campo do patrimônio cultural, que se refere às edificações. Composto por bens de natureza material, o patrimônio edificado é formado por construções perceptíveis concretamente, como edifícios, casas, solares, monumentos e estátuas.

Apesar de reconhecer que o patrimônio edificado é constituído por todas as construções consideradas históricas dentro do contexto urbano, este trabalho volta o seu foco para as edificações onde há um maior depósito de memória social. Dessa forma, elegi como foco de minha pesquisa as construções erigidas por outras gerações e que se constituem em uma marca no espaço e no tempo em que estão inseridas.

Para serem consideradas históricas, as edificações passam por uma verdadeira prova: precisam ter valores arquitetônicos, históricos, artísticos, paisagísticos e nacionais, entre outros. Eles não são fixos e variam de acordo com o

período e o local em que estão inseridos. Possamai (2000) lamenta que tal definição acabe levando ao esquecimento dos bens que não possuem os valores determinados, porém lembra que essa escala valorativa não é delimitada apenas pelas características físicas e morfológicas do bem.

A historiadora afirma que essas características se relacionam também a tudo o que a edificação representa, como “[. . .] a identidade de determinado grupo, cidade ou nação ou o período histórico ao qual pertenceu” (Op.cit., p. 17). Em conseqüência, esses marcos são demonstrações vivas de tempos passados, contando um pouco da história de nossos antepassados e também de povos que não conhecemos, marcando muitas vezes importantes informações da cultura e da identidade de um povo que poderiam perder-se no tempo.

A relevância do patrimônio edificado não corresponde somente às características históricas, arquitetônicas, estéticas, arqueológicas, econômicas ou sociais de um determinado exemplar, mas um prédio considerado histórico é aquele que, segundo Feilden (2003), gera em nós um sentimento de admiração e faz com que queiramos saber mais sobre as pessoas e culturas produzidas ali. O autor relaciona a materialidade às percepções dos indivíduos em contato com edificações históricas, ao afirmar que o primeiro impacto é sempre emocional, porque o prédio é um símbolo de nossa cultura, uma parte de nossa herança.

Sabe-se que o papel do patrimônio cultural não fica centrado apenas nisso. Ele também gera uma noção de pertencimento dentro da nação. Segundo Fonseca (1997), além dos valores arquitetônicos, históricos e artísticos, o valor nacional é que permeia o conjunto de bens de um povo. Com isso, a pesquisadora mostra que tal fato leva ao processo de construção de uma identidade coletiva,

nacional, pois o patrimônio teria a capacidade de “[. . .] evocar a idéia de nação” (Op. cit., p. 31).

Já, para Teixeira Coelho, o conceito vai mais longe, uma vez que :

[. . .] o grande papel do patrimônio cultural é o da manutenção, construção ou reconstrução da identidade (pessoal e coletiva) de modo sobretudo a proporcionar, ao indivíduo e ao grupo: a) um sentimento de segurança, uma raiz, diante das acelerações da vida cotidiana na atualidade; b) o combate contra o estranhamento das condições de existência, ao proporcionar a vinculação do indivíduo e do grupo a uma tradição, e, de modo particular a resistência contra o totalitarismo (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 288).

Tendo a responsabilidade de guardar a memória, a identidade, os traços históricos, os anseios e os valores de uma nação, o patrimônio cultural só pode ser considerado como um “lugar de memória” (NORA, 1993). Centrados em museus, monumentos, casarios, santuários e até celebrações, esses marcos são significativos para alimentar nossa carga de memória e tentar fazer com que essa faculdade não se perca no tempo, além de recordar a história daquele bem.

Apesar de não ser a melhor forma de resgatar o passado, visto que fornece a impressão de que hoje as pessoas têm hora marcada para resgatar suas lembranças, isso demonstra a importância em preservar e restaurar o patrimônio edificado de uma comunidade. Se é importante preservar a memória, é maior ainda a responsabilidade em conservar a originalidade dessas edificações.

Partindo do pressuposto de que prédios, monumentos e casarios antigos podem contar a história de uma cidade, fica fácil perceber como eles se tornam os “guardiões” de tempos já vividos. Exemplos de edificações que falam por si mesmas sobre costumes, valores e tradições de nosso povo não faltam. Recentemente, foi restaurado em Porto Alegre o mais antigo prédio residencial da cidade. Com características bem peculiares, a construção de 1818 conserva suas características originais, dentre as quais se destaca o fato de que um de seus

cômodos não possuía janelas, pois ali eram os aposentos das virgens da casa, que não deveriam manter contato com os homens que passavam pela rua.

A mesma construção possui platibandas junto ao telhado, que não têm apenas efeito decorativo. O ornamento era usado para que, quando chovesse, as calçadas não ficassem embarradas e evitassem sujar os vestidos das damas que por ali passavam. Como nesse caso, muitas outras casas e marcos possuem inúmeros segredos a serem descobertos e conservados:

[. . .] há monumentos na cidade que se apresentam como exemplares para o caprichoso exercício de pensar a memória como um jogo entre o lembrar e o esquecer, e de ver como um determinado espaço temporalizado mostra o uso da Memória pela História (PESAVENTO, 2002, p. 33) .

Le Goff (1992) diz o mesmo, só que de modo indireto, ao ressaltar que as edificações e os monumentos tornam-se documentos históricos, na medida em que encerram em si mesmos relatos e impressões de épocas já vividas, servindo como um forte referencial tanto para o presente como para o futuro. Por isso, sua preservação e recomposição ao que eram originalmente se tornam tão importantes para salvaguardar tudo o que englobam.

Cada vez mais, grandes empresas estão percebendo essa realidade e investindo em ações voltadas para a restauração e preservação da cultura. Nessa perspectiva, o patrimônio edificado é um de seus maiores alvos, a partir do momento em que as instituições descobriram que ter seu nome ligado à restauração de um prédio ou monumento lhe conferem uma maior valorização por parte da sociedade e até de seus clientes. Em entrevista ao *site* do NETCROM, Ana Lúcia Meira⁹ percebe que “as grandes empresas nacionais estão apoiando muito mais a restauração, pois

⁹ Entrevista realizada em dezembro de 2004. Disponível em <http://www.netcrom.com.br/index.asp?cod=96>, data de acesso: outubro de 2005.

estão se dando conta de que o evento é eventual, passa e as pessoas esquecem.” E complementa: “Investir em patrimônio é muito mais perene, se associa à imagem de solidez.”

Contribui para isso o fato de que as obras de restauro são muito minuciosas, delicadas e demandam grandes investimentos, que na maioria das vezes as verbas governamentais para cultura não são capazes de suprir. É nesse contexto que surge o marketing cultural.

Almeida (1992) explica o financiamento das produções culturais a partir do triângulo formado pelo Estado, pela iniciativa privada e pela receita direta (geração de recursos). A partir disso, reflete ele, surge a necessidade da existência do marketing cultural, que considera um instrumento de informação junto ao consumidor. A informação que esse tipo de ação pode gerar está ligada tanto a quem consome aquele produto quanto a quem usa os serviços da empresa que realiza o marketing cultural, tendo uma abrangência forte nos dois setores.

Dessa maneira, as empresas utilizam o marketing cultural como uma ferramenta a mais dentro de seu plano de marketing, mas não podem deixar de pensar na comunidade, ou seja, os consumidores de cultura. Realizar uma ação apenas para promoção da empresa, na maioria das vezes não sensibiliza os cidadãos e, conseqüentemente, não gera os resultados desejados.

Ao mesmo tempo em que as corporações investem em ações culturais voltadas à valorização do patrimônio cultural, as instituições incumbidas de zelar pelo patrimônio edificado voltam sua atenção para iniciativas de marketing cultural. É cada vez mais comum que programas responsáveis pela restauração dos bens tenham setores específicos para a captação de recursos e investimentos. A Secretaria do Patrimônio Histórico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

por exemplo, possui uma equipe exclusiva que realiza o contato com empresas buscando investimentos. A secretaria, inclusive, cria materiais de divulgação de suas ações específicos para essas entidades.

O marketing cultural pode ser uma ferramenta interessante para as empresas que investem na restauração do patrimônio, para as instituições responsáveis pela preservação e também para a população, que se beneficia com essa ação, na medida em que tem sua história garantida a partir desses investimentos.

Como já foi visto, boa parte da identidade e da memória individual e social dos indivíduos está centrada no patrimônio cultural. É a partir da relação das pessoas com esses bens que esses conceitos se revelam. Através da interação com o patrimônio, seus valores podem ser conhecidos e explorados. A seguir serão discutidos alguns dos conceitos básicos que envolvem a junção entre homens e bens culturais.

2.3.1 Intervenções no Patrimônio – da Preservação à Degradação

Aparentemente, as ações em prol do patrimônio cultural são muito parecidas. Mas no nível técnico, cada prática é única e possui significados distintos. Por isso, termos como conservação, preservação, restauração e revitalização, entre outros, merecem ser brevemente explicitados nesse capítulo. É importante delimitar seus conceitos antes de resgatar a trajetória de preservação do patrimônio da cidade de Porto Alegre para que a evolução dessas ações seja bem compreendida.

O simples contato com o meio ambiente pode gerar gradativamente danos ao bem, sobretudo através da degradação. Como explica Lersch (2003), esse

fenômeno se dá quando as edificações passam por transformações e geram a perda de alguns de seus valores.

Sabe-se que toda e qualquer construção pode sofrer desgastes naturais através de processos físicos e químicos de sua própria estrutura e também devido ao contato com o ambiente externo. Ciente de que esses processos são gradativos e que impedir sua existência é praticamente impossível, a solução é conhecer suas principais causas para, assim, procurar contê-los.

Segundo o Diniz (2002), as maiores condicionantes da degradação do patrimônio são as altas temperaturas, a umidade e, por fim, o ataque microbiológico (através de animais nocivos ou microorganismos) e de insetos. Feilden (2003) reforça a ação do clima sobre as edificações ao lembrar que fatores como temperatura, vento, radiação solar e umidade – em suas variadas formas, dentre as quais tempestades, vapor e neve.

Dentro do ambiente urbano, fatores como a poluição atmosférica e grande proliferação de poeira e gases também contribuem para a degradação do bem, junto com as tempestades, inundações, terremotos, raios, incêndios, que podem ocasionar perdas patrimoniais importantes. Porém não são só os agentes naturais e ambientais que são capazes de afetar o patrimônio edificado. Roubo e vandalismo também podem ocasionar perdas ou iniciar processos de degradação, evidenciando o papel do homem como agente causador de danos ao patrimônio.

De fato, de acordo com Feilden, é provável que, atualmente, a ação humana seja aquela que produz o maior prejuízo. O autor salienta que a negligência e a ignorância são possivelmente as maiores causas da destruição, junto com o vandalismo e os incêndios (Op.cit., p. 3).

Mau uso, falta de cuidado, desconhecimento, imprudência em realizar intervenções que descaracterizem o bem, carência de conservação preventiva, pichações, desrespeito e irresponsabilidade para com o patrimônio público podem ilustrar essa realidade. Aliam-se a isso a evolução urbana, a trepidação e eliminação de gases pelos automóveis.

Tais alterações necessitam da intervenção do homem para resgatar os traços originais do patrimônio e não o deixar desaparecer. Segundo Meira (2004), a preservação do patrimônio relaciona-se às ações de conservar (através da manutenção e da restauração, entre outras técnicas); de identificar (realizando inventários, levantamentos e registros) e de proteger (através de ações de valorização, educação patrimonial e conscientização).

A conservação preventiva de um bem se mostra como uma das formas mais simples, eficazes e econômicas de cuidar da integridade do imóvel. Para Diniz (Op.cit.), ela pode ser feita através de limpezas periódicas, da remodelação e adequação da parte interna do imóvel, do cuidado com a segurança para evitar roubos e vandalismos e tomando atitudes preventivas contra incêndios e inundações.

O conceito mais geral de conservação diz respeito a ações que visem prevenir possíveis danos (FEILDEN, 2003). Mas há uma definição mais específica, proposta por Machado (2004), ao afirmar que basta garantir a manutenção e a segurança do imóvel, considerando seu valor estético, histórico, científico ou social.

Já a preservação está relacionada a ações no sentido de proteger e impedir a degradação do bem, como afirma Machado (Op. cit.). Ela é realizada quando não há condições de conservar o bem e tem como um de seus objetivos

manter sua “substância”, que, segundo o IPHAN (1995), é o conjunto de elementos físicos presentes na edificação.

Quando componentes originais de um monumento ou edificação passam por depredações ou degradações, a solução é reconstruí-los, em um processo ligado à inserção de componentes que completem aspectos originais de partes que serão reconstruídas, mas respeitando sempre as características originais.

A revitalização pode ser confundida com a restauração, porém sua abrangência é bem mais ampla, pois aplica-se a intervenções em áreas urbanas degradadas ou em conjuntos arquitetônicos históricos. Seu objetivo é melhorar não só a edificação, mas também as áreas social, econômica e cultural inseridas no local e até mesmo em seu entorno (CABRITA¹⁰ et al., 1992, apud LERSCH, 2003).

O conceito de restauração, por sua vez, está ligado à renovação de algo já desgastado, debilitado pela ação do homem ou da natureza. Conforme Machado (2004), o restauro é feito quando ainda há elementos que mostrem o estado original do bem e levem em conta a importância de sua significação cultural.

Brandi (2004), um dos maiores teóricos da área na contemporaneidade, afirma que “[. . .] a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” . E, a respeito aos critérios da intervenção, ele complementa que “[. . .] a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (Op.cit., p. 33).

¹⁰ CABRITA, A R.; AGUIAR, J. ; APLETOM, J. **Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), 1992, apud LERSCH (2003).

Assim como ele, Machado (2004) afirma que, por ser um trabalho minucioso e delicado, a restauração necessita de diversos profissionais para que o bem permaneça com suas características originais. “Uma obra de restauração em um prédio histórico [...] é um trabalho interdisciplinar que envolve arquitetos, engenheiros, historiadores e mão-de-obra especializada em determinadas técnicas construtivas” (Op.cit., p. 21).

A autora se refere ao cuidado em demarcar bem a restauração. Quando uma peça é trocada por outra mais nova ou uma pintura mural é refeita, por exemplo, é preciso que o restauro seja datado, para mostrar que a edificação sofreu uma intervenção e as remodelações não fazem parte de seu original. Aliás, o restaurador é considerado por Brandi (Op.cit.) um artista cuidadoso que precisa estudar bem a construção e seus danos, verificar a disponibilidade de materiais e técnicas que não afetem a integridade da obra.

A decisão de o que e como fazer passa por um trabalho cheio de detalhes indispensáveis. É necessário fazer um levantamento completo do bem através de fotografias, desenho de plantas, pesquisa documental, histórica e arqueológica, além do estudo das patologias; posteriormente, deve-se fazer o projeto com as especificações das obras, do material necessário e com o orçamento incluso.

A última etapa, segundo Feilden (2003) é a da instalação da equipe de restauro e execução da obra. Arquitetos e engenheiros envolvidos com restauro enfatizam a importância de ser realizado um levantamento e um inventário minucioso do bem antes da realização do projeto, para que nada seja esquecido e a restauração obtenha o sucesso desejado.

Outro ponto relevante é a multidisciplinaridade da equipe de restauro. Trata-se de uma gama variada de profissionais (engenheiros, arquitetos, projetistas,

técnicos em edificações e fotógrafos) necessária para que cada intervenção seja discutida e a tomada de decisão seja consciente e precisa.

Além desses processos de intervenção, há também meios jurídicos de assegurar a integridade do bem. A proteção do patrimônio edificado está ligada a iniciativas como o tombamento, que se constitui como uma das ações que reconhece o bem como parte integrante do patrimônio, ao reconhecer seus valores históricos, artísticos, paisagísticos, arqueológicos ou culturais (SOUZA FILHO, 1997).

Através dessa medida, o bem fica individualizado. Impedido de sofrer modificações em suas partes tombadas, não pode ser destruído ou demolido e qualquer obra de reparação precisa ser autorizada pela instituição responsável pelo tombamento, que pode ser municipal, estadual, nacional ou mundial e qualquer pessoa pode solicitar que uma edificação seja tombada.

Além do tombamento, o autor afirma que um dos instrumentos mais eficazes de proteção do patrimônio são as leis de zoneamento que delimitam certas áreas da cidade como sendo de baixo potencial construtivo. Dessa forma, explica ele, há um maior incentivo à manutenção das construções históricas.

Após esclarecer brevemente cada um desses conceitos, é importante entender algumas das funções que as edificações de importância histórica e cultural podem desempenhar como fontes de educação e conscientização do indivíduo através da prática de Educação Patrimonial. Ao atingir crianças e adultos, pode ser uma grande aliada na consolidação da memória do povo.

2.3.2 Educação Patrimonial como forma de Conscientização

Ao se constatar que as edificações são portadoras de nossa herança cultural e que, além de serem elementos essenciais para a formação de nossa identidade, são fundamentais no resgate e reforço de nossa memória, sua preservação vira algo automático. E, quando se descobre que é possível aprender, conscientizar e ensinar através do patrimônio, sua preservação se torna obrigatória.

Se os cidadãos descobrissem que o patrimônio edificado pode ser uma grande fonte de conhecimento, que podem aprender um infindável conjunto de saberes ao entrar em contato com uma edificação histórica, não ficaria mais fácil respeitá-lo? É nesse contexto que se insere a Educação Patrimonial. Essa fonte de sabedoria é considerada um processo “permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (GRUNBERG, 1999, p. 6).

Assim, o patrimônio se transforma em um livro vivo, que pode ensinar valiosas lições, desde o resgate histórico até a capacidade de identificar aspectos culturais que correm o risco de desaparecerem. Esse pensamento é reforçado por Horta (2000₂), ao criticar que muitas vezes estamos mais preocupados em restaurar a edificação, deixando de lado a reflexão sobre seu papel cultural e o que representa. A autora afirma que precisamos aprender a ler o “texto cultural” dessas edificações, pois para ela “[. . .] capacitar o cidadão para a leitura crítica e o conhecimento do seu Patrimônio Cultural é fazê-lo reconhecer, nos vestígios do passado e nas evidências do presente, as linhas e impressões de suas próprias mãos, herdadas de seus ancestrais” (HORTA, 2000₂, p. 20).

Se as crianças aprendem desde cedo a valorizar objetos aparentemente comuns, mas que sejam consideradas relíquias dentro de seu universo familiar por contarem histórias de antepassados e trazerem ao presente recordações e heranças, será recorrente o respeito e a conscientização da importância do patrimônio cultural que a cerca. Enxergando os valores culturais de um objeto ou monumento, criam precocemente uma consciência e uma postura de valorização e respeito diante do patrimônio cultural.

Grunberg (1999) desenvolveu uma metodologia própria para transmitir os ensinamentos da educação patrimonial. A técnica possui três etapas básicas: a identificação do bem cultural, através de observação e análise; o registro no papel do que foi observado; e, por fim, a valorização e o resgate do bem, interpretando e comunicando-o através de exposições, peças teatrais ou textos.

Apesar de estar centrado principalmente em crianças em fase escolar e numa idade em que precisam aprender normas e maneiras de perceber o mundo, esse método pode sair das salas de aula e ser empregado em qualquer espaço social e para pessoas de diferentes idades, afirma a autora. Ao sensibilizar desde os pequenos até os mais velhos, a Educação Patrimonial pode ser entendida como um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, o levando à “compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Op.cit., p.6).

O Rio Grande do Sul possui alguns projetos de educação patrimonial. Em agosto desse ano, inclusive, a educadora Grunberg ministrou oficinas de capacitação a professores e coordenadores de escolas da capital sobre o tema. A iniciativa foi da Escola Aberta para a Cidadania e teve o objetivo de torná-los seres multiplicadores, que transmitirão as lições adquiridas a seus alunos.

Museus e instituições gaúchas voltados à valorização da cultura e da memória também realizam ações de Educação Patrimonial. O Memorial do Mercado Público, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho e o Memorial do Rio Grande do Sul são bons exemplos disso.

Ao tomar o patrimônio como fonte primária de apreensão de informações e valores históricos, a educação patrimonial se revela um meio no qual as pessoas podem adquirir conhecimentos. Ligada à memória e à cultura, essa concepção consolida o papel do patrimônio edificado no sentido de materializar o passado e o conjunto de fatores que o envolvem, o que justifica diretamente a preservação de monumentos e edificações. Para verificar como os conceitos e concepções discutidos até agora ocorrem na prática, abordo a seguir a trajetória de preservação do patrimônio edificado na cidade de Porto Alegre e realizo uma conexão com o restante do País.

2.3.3 Trajetória de Preservação do Patrimônio Edificado de Porto Alegre

Devido à sua importância e a tudo que pode transmitir, o patrimônio edificado perde seu valor se estiver isolado ou desconectado da vida social. É por isso que, para muitos autores, o patrimônio cultural de uma nação só passa a existir quando é percebido e usado conscientemente por seus membros.

Como foi visto nos capítulos anteriores, essa relação entre indivíduo e materialidade não é apenas visual, passa por suas ações, sua interação com edificações históricas e monumentos. Vale lembrar que isso começa dentro da própria casa, pois se houver a preocupação em cuidar, limpar e conservar esse

patrimônio, certamente será mais fácil exercer a cidadania em ações em prol da valorização do patrimônio cultural.

O cidadão se relaciona com o patrimônio edificado o conservando, protegendo, restaurando, revitalizando ou até o reconstruindo. Ao realizar essas e outras ações em benefício dos bens públicos, se contribui na preservação e transmissão desse legado para as gerações futuras. Aos poucos, a consciência de que é importante valorizar e preservar o bem ganha força e muda a mentalidade de muitas comunidades. Na entrevista concedida ao site do NETCROM, Ana Lúcia Meira crê que esses processos estejam muito mais socialmente apropriados, visto que percebe essa evolução até mesmo com o

[...] surgimento de movimentos de bairro, de pessoas preocupadas com a preservação de bens arquitetônicos que, muitas vezes, nem são monumentais, mas fazem parte do cotidiano daquele local e por isso tornam-se importantes (NETCROM, 2004).

Essa conscientização vem ocorrendo na comunidade gaúcha também. Embora tenham ocorrido processos de demolição de velhas construções para a modernização da cidade, agora diferentes organizações e grupos sociais lutam para preservar esses bens e não deixar que edificações com valor histórico sejam substituídas por estacionamentos, arranha-céus e outros aparatos urbanos.

Para refletir sobre a situação atual, é relevante relembrar alguns marcos da trajetória de preservação do Brasil e, sobretudo, de Porto Alegre.

Foi apenas no século XVIII, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial que a sociedade começou a se preocupar em preservar o patrimônio cultural. Diante da industrialização e da modernização descaracterizadas que os conflitos acarretaram, o povo veio a perceber que, junto com as demolições de

edificações históricas para construir prédios mais modernos, o seu passado poderia desaparecer (PESAVENTO, 2004).

A perda dos referenciais que estavam materializados naquelas construções deixou as pessoas preocupadas e, indiretamente, as estimulou a reivindicar ações para proteger seu patrimônio.

Porto Alegre passou a demonstrar vestígios de sua preocupação com o patrimônio cultural algum tempo depois. O período de transição de vila à cidade, que ocorreu de 1810 a 1822, foi caracterizado pelo embelezamento e melhoria das ruas e casas. Segundo Macedo (1968), nessa época as camadas mais ricas da capital investiam na construção e reforma de seus bens arquitetônicos.

Contudo, essas melhorias não tiveram a permanência desejada. A Revolução Farroupilha (1835-1845) descaracterizou essas melhorias e deixou várias construções paradas. Após a guerra, foi a vez de concentrar esforços para retomar os empreendimentos construtivos e recompor as edificações que tinham sido alvo do conflito. Com a economia e a administração pública desorganizadas devido ao confronto, o período foi marcado pela reconstrução e reorganização da cidade, que acompanhou a finalização do Theatro São Pedro, viu suas ruas ganharem calçamento e ganhou seu primeiro centro de abastecimento (COSTA, 1997).

A cidade também acompanhou o surgimento de edificações em estilo neoclássico, em substituição gradativa à arquitetura colonial. Os únicos prédios dessa escola que resistiram ao tempo são o do Mercado Público e o da Beneficência Portuguesa, ambos inaugurados em 1870.

Outro fato marcante dessa época foi a expansão da área urbana da cidade através dos aterros, que começaram a mostrar de fato o crescimento da população e da urbanização. A escadaria, o trapiche e o paredão do cais que

funcionava no local foram abafados pela necessidade de ampliação do espaço central da cidade. Isso revelou também a relação da população com o Guaíba, que foi sendo invadido para dar lugar a avenidas como Sete de Setembro, Mauá, Siqueira Campos e Júlio de Castilhos. Esses aterros demonstram que a cidade optou por se desenvolver de costas para o lago, o que ficou evidente com a construção do Muro da Mauá, na década de 70.

O período entre 1924 a 1937 trouxe mais mudanças à capital. Em busca do progresso e da sonhada modernidade, Porto Alegre destruiu edificações de importância histórica na tentativa de tornar sua malha urbana mais moderna. Os gaúchos, então, presenciaram a destruição de alguns de seus antigos casarões e a desapropriação de moradias para a abertura de novas ruas, com o objetivo de dinamizar o trânsito, remodelar o núcleo central da cidade e facilitar o acesso aos bairros, separados principalmente devido à topografia da cidade.

Dessa maneira, quarteirões inteiros foram demolidos a fim de abrir espaço para que máquinas pesadas consolidassem largas avenidas e substituíssem as pedras irregulares do calçamento por asfalto. Para a construção da avenida Borges de Medeiros, por exemplo, foi preciso demolir nada menos que 81 prédios, segundo Costa (1997).

Além disso, casarões coloniais e cortiços – que representavam pobreza e atraso – também vieram abaixo e foram substituídos por prédios altos, em uma ação que proporcionou a verticalização da área central da capital. Assim, velhas estruturas urbanas foram alteradas para dar lugar à modernização (PESAVENTO, 1991). Desse modo, vários espaços que guardavam memórias coletivas dos gaúchos foram ser destruídos pura e simplesmente em nome da modernização.

Ironicamente, a tão esperada renovação da cidade acabou gerando o efeito contrário: essa evolução foi capaz de fazer com que a população local retomasse seus valores. Pesavento (2004 ¹) analisa como as transformações visuais da cidade (com a derrubada de prédios antigos para ceder lugar a novas edificações, por exemplo) e a empolgação pelo afã da modernidade tiveram outras conseqüências para a vida dos cidadãos.

Em face à modernização urbana tão esperada, relembra, os porto-alegrenses constataram que poderiam perder traços importantes de outras épocas que tinham vivido ou que desejavam conhecer. Segundo a autora, isso fez com que a cidade exercitasse sua memória para reconstruir sua identidade:

Nesse contexto, podemos mesmo falar que Porto Alegre estava em busca de um passado. Não é por acaso que, diante da ameaça da perda, se configure a necessidade de preservar o passado, que aquilo que é velho passe a ser considerado antigo, ou seja, passe a tornar-se ponto de referência e reconhecimento para os homens de uma época. Trata-se, pois, de uma mudança qualitativa que se opera no contexto urbano: a cidade já se julga detentora de um passado, passado este que se não for salvo pelo registro da evocação e da sua fixação em narrativa textual, se perderá para sempre (PESAVENTO, 2004 ¹ p.183).

Com isso, o povo começou a dar os primeiros passos para a valorização de seus bens, os tomando como guardiões de momentos históricos, sociais, culturais e de estímulo e conservação da memória coletiva. Porém, faltava um pouco para que os gaúchos se engajassem na luta pela preservação do patrimônio edificado.

O Rio Grande do Sul estava atrasado em relação ao restante do País, cujas ações de preservação e recuperação de edificações históricas ganharam mais força a partir de 1936, principalmente quando os intelectuais Mário de Andrade e Paulo Duarte elaboraram um projeto de lei solicitando a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Dirigida durante trinta anos pelo modernista Rodrigo Melo Franco de Andrade, a instituição fundada em 1937 concentrava suas ações somente no patrimônio edificado e instituiu uma série de tombamentos, restaurações e revitalizações a Igrejas barrocas, casas-grandes e monumentos, pois representavam os elementos formadores da identidade nacional.

Depois de alguns anos, o SPHAN passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A mudança, segundo Telles (1977), ocasionou melhorias em suas ações, que passaram a atingir também construções populares.

Através da ação do SPHAN, Porto Alegre tem seu primeiro bem tombado pela União em 1938. Trata-se da Igreja Nossa Senhora das Dores, que levou 97 anos para ficar pronta. Inaugurada em 1904, a edificação resiste ao tempo e até hoje é um dos cartões-postais da cidade.

Entretanto, o mais antigo prédio residencial da cidade foi tombado apenas em 1963. Erigido em 1818, o Solar dos Câmara fez parte da paisagem da capital em uma época em que o principal meio de transporte eram as carroças. Reinando absoluta em meio à descampada Rua da Igreja (atual Duque de Caxias), a edificação sofre com o excesso de umidade, a falta de ventilação ocasionada pelos prédios altos que a circundam, a poluição e a trepidação dos automóveis que trafegam no local. Apesar disso, suas características originais continuam preservadas e o prédio seguidamente passa por processos de restauração para garantir sua integridade e recontar a história dos primeiros habitantes da capital.

Foi somente por volta das décadas de 60 e 70 que os intelectuais e políticos porto-alegrenses começaram a discutir a manutenção dos espaços urbanos. Em 1973, foi criado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual

(IPHAE). Responsável pelas políticas de preservação do patrimônio cultural no Rio Grande do Sul, a instituição garantiu o tombamento de muitas construções significativas para a construção da história e da memória local¹¹.

Apesar disso, a noção de preservação do patrimônio cultural da cidade ainda não estava consolidada para os cidadãos e a administração da cidade. Nesse contexto, as medidas de proteção, encabeçadas pelo tombamento, foram muito importantes para que legados históricos não fossem perdidos no tempo. Um exemplo disso é o Mercado Público.

O primeiro Mercado, construído entre 1842 e 1844, foi demolido para dar lugar ao atual, em 1870. Se a instituição que zela pelo patrimônio histórico municipal não estivesse atenta, a edificação seria posta abaixo novamente em 1979. Tudo porque circulou entre os administradores da cidade uma proposta de demolir o Mercado, o que só não ocorreu porque o tombamento do prédio foi logo garantido.

Outra construção histórica da cidade também salvaguardada pela ação de tombamento foi a Usina do Gasômetro. Apesar de inicialmente ter sido vista negativamente pelos moradores de Porto Alegre, que temiam que os gases produzidos no espaço pudessem trazer problemas à saúde e matar os peixes, ela se consolidou como uma aliada da evolução da cidade.

Através da energia produzida ali, Porto Alegre melhorou sua iluminação e impulsionou a indústria. Fechada em 1974, teve sua demolição cogitada. Mas, graças à mobilização contrária da população, a integridade do bem foi garantida. Após seu tombamento em 1983, a administração da cidade decidiu que o espaço seria destinado a atrações culturais e de estímulo à cidadania e inserção social. Desde então, se consolidou como roteiro cultural e turístico da cidade.

¹¹ Disponível em <<http://www.sedac.rs.gov.br/principal.php?inc=iphae>>. Data de acesso: outubro de 2005.

Segundo Meira (2004), a preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre foi instituída tanto através de leis de tombamento, como por instrumentos de planejamento urbano, como os planos diretores. O Plano Diretor de 1959, por exemplo, tinha o objetivo de controlar o crescimento desordenado da cidade e impedir que ela fosse desfigurada. Mas ainda não atingia diretamente a preservação do patrimônio cultural como o Plano Diretor de Piratini, concebido pelo engenheiro Francisco Riopardense de Macedo na década de 50. A medida propunha que o centro histórico da cidade fosse delimitado (MEIRA, 2004).

Já o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre instituído em 1999 traz vários artigos sobre a preservação do patrimônio cultural da cidade. Segundo o artigo 14, o patrimônio cultural corresponde ao

[...] conjunto de bens imóveis de valor significativo – edificações isoladas ou não – ambiências, parques urbanos e naturais, praças, sítios e paisagens, assim como manifestações culturais – tradições, práticas e referências, denominadas de bens intangíveis – que conferem identidade a esses espaços (PORTO ALEGRE, 2000, p. 36).

Ainda segundo Meira (Op. cit.), foi através de iniciativas como o Orçamento Participativo (OP) que os cidadãos passaram a participar mais ativamente das decisões referentes à preservação do patrimônio edificado da cidade. Nesse fórum de participação dos cidadãos na gestão municipal, criado em Porto Alegre na década de 80, os gaúchos começaram a perceber que também tinham o poder de reivindicar o tombamento e medidas de prevenção em relação aos bens públicos ou privados.

Além da mobilização contra a demolição da Usina do Gasômetro, a destruição de moradias no Bairro Floresta motivou a população a lutar para que um conjunto de casas na Rua Félix da Cunha fosse tombado. A iniciativa, ocorrida em

1988, impediu o desaparecimento do casario e teve conseqüências muito positivas para a evolução da questão patrimonial. Esses dois fatos tiveram uma repercussão muito forte nos jornais da época, como lembra Costa (1997) e foram marcantes para iniciar a conscientização dos cidadãos, que passaram a consolidar a visão de que o patrimônio pertence a todos.

Começam a ocorrer, então, discussões sobre a revitalização de áreas urbanas e a importância da memória como integrante da cultura e da identidade das cidades. A Constituição Federal de 1988 tratou a questão cultural de forma mais abrangente e ampliou a noção de patrimônio cultural. De acordo com o artigo 216:

[. . .] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 124).

A partir dessa determinação legal, a preservação passou a ser uma das tônicas do desenvolvimento urbano. Em 2001, a preocupação com o patrimônio imaterial também passou a ser relevante. Como forma de preservar a cultura e a memória intangível, festas, costumes, lendas, tradições, saberes e fazeres passaram a ser resgatados e preservados pelo IPHAN. O instituto, cujo objetivo é procurar identificar, documentar, proteger e promover o patrimônio cultural brasileiro, atualmente resgata o patrimônio imaterial dos índios guaranis de São Miguel das Missões, em um trabalho pioneiro de investigação e preservação dos ritos, costumes e tradições dessa população.

Devido à importância de seu centro histórico, desde 2002, Porto Alegre conta com mais um aliado para a preservação de seu legado histórico. É o Projeto Monumenta Porto Alegre, que através de financiamentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento e da cooperação da Unesco restaura edificações da cidade e do interior, como o pórtico de entrada do Cais Mauá, o Palácio Piratini, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Apesar de não terem sido devidamente valorizadas e preservadas durante os aterros do Guaíba, as construções do antigo cais agora serão resgatadas por este projeto, que pretende resgatar a originalidade da Praça da Alfândega.

Essa trajetória demonstra que muito já foi conquistado, mas que passos importantes ainda precisam ser traçados, para que se alcance a conscientização e a valorização completa do patrimônio edificado.

Segundo autores e pesquisadores da área, ainda falta um bom caminho para que os indivíduos repensem suas atitudes e cuidem do patrimônio. Como diz Bicca¹², “na hora que a preservação do patrimônio for tão automática como acordar de manhã e escovar os dentes, estaremos com a batalha ganha”. Para alcançar esse objetivo, é importante que medidas eficazes de educação patrimonial e de conscientização e valorização patrimonial sejam implementadas para que os cidadãos tenham acesso a tudo o que edificações e monumentos podem transmitir.

2.4 Talavera de la Reina: Fonte de Inspiração

Nesta seção, falarei sobre a Fonte Talavera de la Reina, que, apesar de

¹² Entrevista concedida ao portal NETCROM em setembro de 2004. Disponível em <http://www.netcrom.com.br/index.asp?cod=91>. Data de acesso: outubro de 2005.

não ser o foco central dessa pesquisa, é uma de suas motivações. Será contada um pouco da história do monumento, trajetória de depredações, lutas por restauro e importância para a cidade.

A fonte situada em frente à sede da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, junto ao Paço Municipal, já foi chamada por diversos nomes, como Fonte Talavera, Fonte de Talavera, Fonte Talavera de La Reina, Fonte de Talavera de La Reina, Fonte de Cerâmica de Talavera, entre outros. Apesar de poucas diferenças, todos se referem à região espanhola da Talavera de La Reina, localizada próxima à cidade de Toledo, onde o chafariz foi construído. Optei por usar a nomenclatura Fonte Talavera de la Reina, por ser a mais citada pelos jornais pesquisados.

Situada no Marco Zero de Porto Alegre, o monumento foi um presente dado à cidade pela comunidade espanhola que residia no Estado, em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha, batalha que eclodiu no dia 20 de setembro de 1835. Representada pela “Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos”, a colônia de espanhóis homenageou os gaúchos cem anos após o confronto armado dando-lhes uma obra de arte única.

Criada pelo ceramista Juan Ruiz de Luna, que vivia na cidade de Talavera de La Reina, a fonte é produzida com barro e revestida em cerâmica espanhola da região. A obra custou 5 contos de réis e continha 1.585 peças de cerâmica (terracotas esmaltadas policrômicas), que foram acondicionadas em 78 caixas ao serem transportadas para a capital gaúcha.

O monumento foi transportado gratuitamente da Espanha ao Brasil e, através da intervenção do presidente Getúlio Vargas, foi isento do pagamento dos impostos aduaneiros. Junto com as peças, havia um cronograma com as regras de

como a fonte deveria ser montada, para que nada saísse errado. A montagem teve a coordenação do arquiteto espanhol radicado no Brasil, Fernando Corona.

Para a colocação da fonte na Praça Montevideu, no Paço Municipal, diante da Prefeitura, foi preciso retirar de lá *A Samaritana*, estátua modelada por Alfredo Adloff, colocada naquele local em 1925 e lá permanecendo por dez anos.

Autores como Till (2002) lamentam a transferência do monumento para a Praça da Alfândega, devido ao abandono e péssimo estado de conservação que o atingiu. Contudo, Till (Op.cit.) reconhece que no lugar da estátua foi colocada uma obra “[. . .] muito mais vistosa, muitíssimo mais bonita” que *A Samaritana*. O autor lamenta que até mesmo a “belíssima” fonte também sofra com danos causados pelo tempo, evolução urbana e depredações.

Inaugurada oficialmente no dia 24 de outubro de 1935 pelo então prefeito Alberto Bins e pelo cônsul espanhol Juan Adrienses, a fonte, em estilo renascentista, além de estreitar os laços de amizade entre Espanha e Brasil, faz com que os gaúchos conheçam um pouco mais das manifestações culturais e artísticas ibéricas e exaltem uma de suas comemorações mais significativas.

Segundo Macedo (1993), aproximadamente 10% dos marcos e monumentos espalhados pela capital são inspirados na Revolução Farroupilha. Apesar de não ser diretamente inspirada no confronto, a Fonte Talavera de la Reina faz parte do conjunto de marcos que homenageiam a luta. Entre os bens materiais que lembram o fato, estão a estátua de Giuseppe e Anita Garibaldi na Praça Garibaldi, os dois obeliscos no Parque Farroupilha, o General Bento Gonçalves na Praça Piratini e a estátua O Gaúcho, situada na Redenção.

Não somente glórias e homenagens marcaram a trajetória da fonte. Ela foi alvo de danos causados por diversos fatores, como a evolução urbana, a poeira

do Centro, a trepidação dos automóveis, a sujeira das pombas que por ali ficam e, principalmente, devido à ação do homem.

Em junho de 1978, ocorreu um caso curioso e bem semelhante a mais recente depredação contra o monumento. Um homem, talvez com problemas mentais, subiu na Fonte Talavera de la Reina, e, empunhando uma faca, ameaçou suicidar-se. O incidente agitou o centro da cidade, mobilizando a polícia e o corpo de bombeiros. No momento em que os agentes tentaram retirá-lo dali, ele caiu e acabou danificando o monumento.

Apesar de ter sido tombada como patrimônio municipal no ano seguinte, não demorou muito para que em 1985 a fonte fosse danificada novamente. Uma tentativa desqualificada de limpar e restaurar a obra de arte causou danos em seus azulejos. Ao usarem picaretas e ferramentas pesadas, os operários da empreiteira contratada para o serviço quebraram cerca de 11 azulejos, que foram substituídos por réplicas vindas da Espanha, num processo de restauro que durou mais de quatro meses.

Em dezembro do ano seguinte, a fonte continuou a ser alvo de vandalismo por parte dos cidadãos gaúchos. Dessa vez, três dos quatro peixes de porcelana foram quebrados – possivelmente a pedradas – e roubados. O prefeito da época, Alceu Collares, abriu uma sindicância junto à Guarda Municipal para investigar as responsabilidades e mandou reforçar a vigilância do local. O ceramista argentino Raul Giacobone ficou responsável por restaurar os peixes, recompondo os fragmentos quebrados e construindo réplicas dos ornamentos. A remodelação acabou não ocorrendo e ficou para anos mais tarde, sendo concluída em 2000.

Na tentativa de proteger a fonte, em 1990, a Prefeitura de Porto Alegre cercou-a com um alambrado de tela, que foi substituído por uma grade de ferro no

ano seguinte. Além do cercado de metal de 1,2m de altura, foi colocado também um jardim em volta da obra. Outra medida importante foi a transferência dos ônibus que circulavam na Praça XV para a Praça Parobé. A mudança ocorreu porque a trepidação dos veículos ajudou a desnivelar a fonte, que em 1935 foi construída sem prever as alterações urbanas pelas quais a cidade passou.

Em novembro de 1999, o monumento, construído com barro e revestido de cerâmica espanhola pintada à mão, passou por uma restauração completa. Alguns de seus componentes precisaram ser levados à Espanha para recuperar as formas originais, segundo o Caderno de Restauo III – Fonte Talavera (2002).

Apesar do motor da fonte estar desnivelado, e seu sistema hidráulico enferrujado, a maior parte dos danos, tais como azulejos e peixes quebrados, foi causada pelo homem. Essa foi a parte mais delicada e também mais cara do processo de restauro. Cerca de 1/3 dos azulejos originais foram substituídos por réplicas fiéis feitas na Espanha e depois de reconstituir a fonte, precisaram passar por um processo de reintegração cromática para garantir a homogeneidade.

Durante a restauração, realizada em parceria entre Prefeitura de Porto Alegre e iniciativa privada, a fonte ficou isolada por tapumes que a retratavam através de fotos. Os gaúchos ficaram sem ver o cartão-postal por quase um ano, mas a espera valeu a pena. Uma grande festa, com direito à apresentação da Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, marcou a reinauguração do monumento no dia 19 de setembro de 2000, na véspera da obra de arte completar 65 anos.

Infelizmente, em 2004 a obra precisou de reparos novamente depois que seus três peixes ornamentais foram quebrados. Não se sabe se eles já foram restaurados ou não, o fato é que permanece apenas um dos peixes no local.

No dia nove de junho de 2005, a parte superior da Fonte Talavera de la Reina foi depredada durante uma manifestação popular em frente à Prefeitura. Um manifestante pulou a grade de proteção, subiu no monumento, sentou na bacia e caiu ao descer, quebrando parte da bacia e da ponta de cerâmica por onde saía a água. O estrago provocou críticas e acarretará em mais um restauro da obra, sem previsão de início. O carroceiro não foi indiciado pela polícia, pois o delegado responsável pelo caso julgou não existir a intenção de causar o dano.

Devido a esses constantes estragos à Fonte Talavera de la Reina, a Equipe do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural (Ephac) planeja agora não só a restaurar, mas também modificar todo o seu entorno. Isso será feito para conscientizar a população sobre a importância da preservação e aumentar a segurança do monumento, que pode até ser protegido por uma cerca de vidro – recurso usado na Europa. Fica a pergunta: se nem uma grade conseguiu inibir a ação dos vândalos, será que o problema pode ser solucionado com a colocação de um vidro? Difícil responder. A questão é muito mais complexa e envolve ações sociais de conscientização e educação.

Atualmente, a fonte permanece no Paço Municipal com apenas um de seus peixes ornamentais, a bacia quebrada, sem sua parte superior, vários azulejos depredados e sem alguns pedaços. Quando o chafariz é ligado, então, o estado precário da fonte espanhola fica mais evidente. A água não jorra como outrora, em um balanço de gotas no ar; seu pequeno jardim não está mais florido; suas cores estão opacas, repletas de mofo, sujeira, fuligem e penas das pombas que tomaram o recanto como lar. É realmente muito triste vê-la sozinha, desamparada, como alguém ferido que luta para sobreviver em meio à tanta violência e descaso.

3 A MEMÓRIA COMO QUESTÃO DA COMUNICAÇÃO

Nos capítulos anteriores, foram discutidos os conceitos de cultura, memória e identidade, além de explicitada a função do patrimônio cultural como agente integrador e educativo dentro da sociedade. Abordei os principais conceitos referentes às intervenções no patrimônio e relembrei ainda a trajetória de preservação patrimonial em Porto Alegre e a história da Fonte Talavera de la Reina, que inspirou esse trabalho.

Para conectar os conceitos já discutidos às funções desempenhadas pela imprensa escrita, o presente capítulo abordará a questão da memória como forma de comunicação. Será discutido o papel do jornalismo como seu guardião e transmissor, a partir de reflexões sobre a atividade jornalística e sobre a construção das notícias. Além disso, será abordada também a relação entre história e comunicação como forma de consolidação da memória social.

Historicamente, a comunicação constrói sua trajetória como uma das maiores fontes de informação a serviço do homem. Isso é perceptível especialmente na mídia impressa, que estampa em suas páginas a cada dia um emaranhado de fatos sobre os mais variados assuntos.

São tantas e tão variadas notícias, que podemos dizer que o jornal consegue construir sua própria memória. Assim como a nossa, a memória de um jornal não é estática e não está centrada apenas no que ele veicula. Nela há todo o histórico do veículo, seus antecedentes, sua fundação, sua extinção, seu capital humano, suas ideologias, suas transformações e evoluções.

É claro que essa memória é altamente social. Mas cada veículo consegue preservar sua identidade, expressa em elementos de diferenciação como

diagramação, linha editorial, linguagem, posicionamento, além da subjetividade de cada um de seus jornalistas, editores, colunistas.

Contudo, o jornal atinge um público, que ao tocar em suas páginas, ler suas chamadas, penetrar em suas matérias sente-se pertencente a uma realidade, reconhece-se como membro integrante de um povo e de uma cultura. Na medida em que esse veículo é fonte primária para a consulta de historiadores e pesquisadores tentando resgatar a memória e o passado de um povo, também pode interferir na vida do leitor, ajudando-o a construir seu repertório de informações e lhe dando elementos para fortalecer e cristalizar sua memória.

Essa interação entre o leitor e o veículo é um dos componentes geradores da memória social, pois o indivíduo enriquece sua memória individual com os suportes dados pelo jornal e transmite conhecimentos aos membros da comunidade em que vive, enriquecendo assim a memória do povo.

Em suma, por acumularem tanta informação, contarem tantas histórias, os jornais consolidaram seus saberes e se tornaram importantes guardiões da memória social. Essa é uma das visões de Enne (2004), que julga os jornais como “[. . .] espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea” (Op.cit., p. 114). As reflexões de Halbwachs (1956) também consolidam esse ponto de vista, por complementar a idéia de que a memória é uma atividade que precisa ser estimulada.

Se não lermos ou sequer folharmos o jornal, ele será apenas um conjunto de folhas cheio de letras e palavras. Não fará sentido algum e tampouco despertará qualquer sentimento em nós. Porém, dependendo do grau de identificação do público com uma notícia, ela pode transpor os limites textuais e criar raízes no leitor.

Dependendo da intensidade da leitura, o indivíduo pode viver aquele momento como se estivesse realmente participando da situação narrada. Esse relato pode remeter ao passado da pessoa, a fazendo resgatar lembranças esquecidas ou até mesmo entender melhor um fato já vivido. O contato pode ser tão forte que, depois de um tempo, o indivíduo não sabe mais se aquela lembrança é dele ou do personagem daquela notícia. Essa questão já foi discutida anteriormente quando falei na junção entre memória individual e social.

Por ser uma atividade subjetiva e com diferentes discursos, é preciso analisar como o jornalismo realiza essa transmissão da memória. Afinal, o indivíduo pode ter uma leitura muito parcial, direcionada e superficial do mundo através das páginas dos periódicos, pois como lembra Pesavento (2004²), “[. . .] os dispositivos do Estado, da educação, da cultura e da mídia são postos a serviço desse esforço não apenas de evocar e socializar as lembranças, mas, também, de selecionar e fixar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido” (Op. cit., p. 1600). Se a mídia nos diz o que lembrar e o que esquecer, é preciso pensar porque isso ocorre.

É importante lembrar que há uma enorme quantidade de fatos que, por não aparecerem nos veículos de comunicação de massa, não ganham o conhecimento do público e praticamente não existem, visto que “[. . .] hoje é muito claro que certos eventos passam a ter “existência” para nós na medida em que são veiculados pela mídia”, como lembra Cortes (2002, p. 28).

Apesar de toda a memória contida nos jornais, muitas vezes devido à exposição fragmentada a milhares de informações, o indivíduo não consegue captar grande parte do que lê. Não só devido à imensa oferta de notícias, mas contribui para isso também seu caráter superficial e descontextualizado. Outro ponto é a

busca constante dos veículos pelo novo e por assuntos “vendáveis”, descartando algumas matérias em lugar de outras que chamem mais a atenção do público.

A falta de continuidade e acompanhamento dos fatos prejudica muito a fixação da memória, pois quanto mais lemos sobre um determinado fato, tomamos contato com mais pontos de vista contrastantes, nos aprofundamos mais e, em consequência disso, temos mais condições de construir um ponto de vista crítico em relação a ele. Porém a continuidade também deve ser questionada quando o que é transmitido tem um teor sensacionalista ou apenas repete informações já transmitidas, com pouca atualização ou aprofundamento do fato. Nesse caso, a quantidade precisa ter qualidade.

Por isso, é preciso entender o processo de produção das notícias que compõe o jornal. Como será visto a seguir, elas são formadas pela essência da atividade memorialística: o lembrar e esquecer, além de serem influenciadas por uma série de fatores, desde as pressões de fechamento, as brigas por mais espaço, as rotinas produtivas e a imposição da empresa jornalística.

3.1 As Notícias como Suportes da Memória

A atividade humana é permeada por um constante lembrar e esquecer. Como foi dito antes, a memória é uma atividade seletiva, na qual o todo não pode ser inteiramente guardado em nossa mente, pois somente algumas partes são eleitas e, assim, absorvidas.

Por ser uma atividade que prima pela seleção e pela subjetividade, o jornalismo também vive esse lembrar e esquecer. Na verdade, isso já começa na seleção dos fatos. Diante de uma enorme quantidade de acontecimentos diários, a

mídia precisou definir o que ganharia ou não o status de notícia. A definição e os critérios noticiosos foram mudando ao longo do tempo, mas mesmo assim essa dinâmica permaneceu.

Dentro dessa lógica da distinção entre acontecimento, fato e notícia, o jornalista tem uma outra tarefa: definir o enfoque que a ser dado à matéria. Um mesmo fato por ser visto por ângulos diferentes. E, muitas vezes por questão de espaço, linha editorial ou até mesmo interesses empresariais, o repórter é obrigado a escolher uma faceta para conduzir seu trabalho. Assim como qualquer outra, uma matéria sobre o restauro de uma edificação histórica, por exemplo, pode ser feita de várias formas.

O jornalista pode apelar para a questão cultural, falando sobre a importância da recuperação da obra no fortalecimento da identidade cultural do povo e a instituição de projetos culturais; pode ter um cunho histórico, tentando reconstituir sua importância ao longo do tempo, lembrando seus antigos usos, trazendo relatos de quem a habitou, analisando as técnicas arquitetônicas e construtivas da época, reforçando o legado histórico transmitido pelas gerações passadas; pode também ter um enfoque econômico, com ênfase no marketing cultural das empresas patrocinadoras do restauro, os benefícios econômicos que a recuperação poderá gerar; pode ainda ter um viés educativo, acenando para iniciativas de Educação Patrimonial, mostrando a importância da preservação para o conhecimento histórico, artístico e social, ensinando o respeito ao patrimônio, enfocando programas de conscientização.

Esses enfoques podem ser mesclados em uma mesma matéria. Se o texto fala sobre a história de uma edificação, recompõe a trajetória de seus

moradores e seu contexto político e social, pode ao mesmo tempo ter um apelo histórico e de educação patrimonial.

O texto mostra que a construção pode fornecer importantes lições e conhecimentos de diversas áreas e, por isso, pode ser tanto histórica como educativa. E ainda se conseguir mostrar a importância da conservação e do restauro do bem para a evolução do povo, pode também estar voltada para a conscientização do leitor, que por saber que a edificação se constitui como a materialização do conhecimento, sua preservação se torna primordial.

Além disso, o texto jornalístico pode ser informativo, interpretativo, investigativo ou opinativo, de uma forma em que os fatos tanto podem ser noticiados pura e simplesmente; possuir algumas análises leves; ter vários pontos analisados a fundo, além de mais de um enfoque; ou, por fim, demonstrar uma opinião, geralmente do autor do texto. Todos esses modos de observação do fato podem estar interligados, tornando a matéria plural e rica.

Junto com a escolha do enfoque, outro aspecto importante da atividade jornalística é elencado quase no mesmo instante: as fontes. Ao delegar a realização de uma matéria ao repórter, geralmente o editor ou chefe de reportagem sugere – muitas vezes impõem – um determinado enfoque. Nessa seleção prévia do olhar que o jornalista deverá ter diante do fato, já está implícito o tipo de fonte a ser consultado.

Atualmente, há uma forte oposição contra as chamadas fontes oficiais – pelo menos dentro das universidades. Na prática, dificilmente é possível fugir dessa regra, principalmente devido à busca por fontes que sigam os critérios de autoridade, respeitabilidade, produtividade e credibilidade (TRAQUINA, 2001). Nesse contexto, há pouco espaço para a fala do povo, que seria enriquecedora em

muitos sentidos, principalmente para contar histórias e trazer uma dose maior de veracidade e emoção à narrativa.

Além de tornar a narrativa jornalística mais plural, como enfatiza Dalmaso (2003, et. al.) ao demonstrar sua opinião sobre o uso excessivo de fontes consideradas oficiais: “Enquanto detentor de conhecimento e informação como cidadão, como sujeito social da história, o povo representado não tem voz. [. . .] Dessa estrutura, resulta um texto monológico, com uma voz única e pode-se dizer também antidemocrática” (Op.cit., p. 117)

Após selecionar o que será notícia dentre os tantos acontecimentos cotidianos, delimitar o enfoque e definir as fontes, o jornalista depara-se com a coleta de informações. Atualmente, dentro da imprensa escrita isso é feito quase sempre sem que o repórter saia da redação do veículo em que atua. As informações são obtidas, geralmente, através de *releases*¹³, enquanto dados e entrevistas são captados, na maioria das vezes, por telefone.

Dependendo do caso e da importância do assunto, o jornalista se vê cercado por um grande número de elementos informativos. Algumas vezes, a quantidade de dados é tão grande, que se torna impossível usar todos, sobretudo em jornais cada vez mais enxutos. Novamente, o critério de seleção é usado e o jornalista precisa hierarquizar as informações tomando como base o *lead*, norma jornalística na qual o texto deve responder as perguntas “o que, quem, quando, onde e por que” a serem desenvolvidas no decorrer da narrativa.

Como o processo de lembrar e esquecer atinge praticamente tudo o que é veiculado diariamente nas páginas dos jornais, é interessante discutir um pouco o

¹³ Texto elaborado geralmente por assessorias de imprensa e enviado às redações com informações sobre fatos, eventos e sugestões de pauta com o intuito de divulgá-los.

conceito de notícia e falar sobre sua evolução, enfocando as contribuições das principais teorias da produção de informação.

Ao referir-se a essa questão, Traquina (2004) afirma que uma das primeiras tentativas de explicar a mensagem jornalística surgiu nos anos 50 com a *Teoria do Espelho*. Segundo essa teoria, as notícias, como o próprio nome diz, são um reflexo da realidade. Ao contrário dessa concepção em que o jornalista era pensado como um ser desinteressado e sem motivações, na mesma década surgiu a *Teoria da Ação Pessoal*, chamada também de *Teoria do Gatekeeper*.

Essa visão é considerada limitada ao processo de produção das notícias, por ficar centrada apenas sob a ótica do jornalista, essa teoria afirma que as notícias passam por *gates* (portões, filtros), onde o repórter decide, arbitrariamente e subjetivamente, se elas serão ou não publicadas. Sua concepção foi baseada na atividade de um repórter, sem analisar o todo e os diversificados comportamentos dos demais jornalistas.

Algum tempo depois, surgiu a *Teoria Organizacional*, que leva em conta a influência da organização jornalística no processo de produção das notícias, porém não analisa a cultura profissional e abre margem para o conformismo com a política editorial do veículo. Nas chamadas *Teorias de Ação Política*, o papel dos jornalistas novamente é anulado, pois as notícias, nesse caso, servem a interesses de pessoas cujo intuito é projetar sua visão de mundo através das páginas dos jornais.

Já nos anos 70, surgem as *Teorias Construcionistas*, que vêem as notícias como construção, baseadas nas rotinas e práticas da produção jornalística. Delas surgem outras duas importantes teorias para a evolução da concepção da produção da informação: a Teoria Estruturalista e a Teoria Interacionista.

Mais abrangente, a *Teoria Estruturalista* analisa as notícias como um produto social, que dependem da organização empresarial, dos valores-notícia, da identificação, da contextualização e da cultura. Essa teoria reconhece a chamada autonomia relativa do jornalista, que sofre pressões econômicas e tende a reproduzir a ideologia dominante.

Porém para a *Teoria Interacionista*, as notícias são resultado da produção, baseada na percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (o acontecimento) em produto (a notícia). A teoria reconhece o poder do jornalista em definir o que é e como será construída a notícia e também leva em conta a pressão do fechamento do jornal, o dinamismo dos acontecimentos com “valor-notícia”, que podem ocorrer em qualquer hora e local. A concepção recebeu esse nome por crer que as notícias são influenciadas pela interação entre jornalista e fonte e ainda entre os próprios jornalistas.

Além dessas, há também o *Newsmaking*, que faz uma conexão entre a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos. Considerada por alguns autores como a revolução dos estudos do *Gatekeeper*, essa teoria possui três partes principais: os valores-notícia (critérios de seleção que julgam se os acontecimentos são significativos para serem noticiados), as rotinas produtivas (impostas devido à falta de tempo e espaço do veículo para facilitar a atividade do jornalista) e a noticiabilidade (define que características os acontecimentos devem ter para serem transformados em notícia).

Ao pensar na evolução das teorias sobre as notícias, se percebe que o principal produto do fazer jornalístico é essencialmente social e pautado por relações entre os valores-notícia, as fontes noticiosas, a atividade empresarial e as

concepções do repórter. As notícias são construções sociais e, na verdade, se constituem apenas como recortes de uma realidade.

Ao relatar fatos, divulgar informações e revelar acontecimentos históricos, a notícia se situa como um importante registro da memória e da história de um povo. Mas muitas vezes sua narrativa apenas evoca lembranças e traz novas percepções ao leitor, não sendo tão eficaz como forma de fixar e estimular a memória.

Para se situar nesse último ponto, a notícia precisa ser bem construída e não se ater apenas à hierarquização da informação, pois como afirma Medina (1996), é mais satisfatório humanizar a notícia, não apenas passando dados, números e fatos para o papel, mas tentando construir algo que fique na mente dos leitores através da leitura dos jornais.

Para Wolfe (2005), estimular a memória é mérito do jornalismo. Segundo ele, manifestações como o cinema e o teatro não têm o mesmo tônus do texto, o que é enfatizado pela afirmação: “a força [. . .] está toda envolta na relação fisiológica entre a linguagem escrita e a memória” (Op.cit., p. 80) e a imprensa seria um meio onde não são criadas imagens ou emoções, mas um espaço de estímulo às lembranças do leitor.

Através do uso de técnicas extraídas da literatura e com uma cobertura bem mais aprofundada que a feita pelo jornalismo convencional, o Novo Jornalismo pode ser uma boa alternativa para auxiliar na construção da memória do leitor. Construídas de uma forma que possam ser lidas com um romance, as matérias geradas através dessa modalidade, que surgiu nos anos 60 com Gay Talese e Tom Wolfe, vão além dos limites convencionais do jornalismo.

Também chamada de Jornalismo Literário, essa vertente procura dar uma descrição completa dos acontecimentos e por isso descreve no texto cada uma das

cenar observadas, registra diálogos completos, assim como gestos, expressões faciais e detalhes do ambiente. Porém seu elemento mais importante como forma de estimular a memória do leitor está centrado no fato de que esse estilo jornalístico prima por narrar os fatos a partir do ponto de vista da chamada 3ª pessoa.

Wolfe (2005) explica que, através dessa forma narrativa, os indivíduos observam a cena relatada na visão de um dos personagens e, apesar de parecer simples, esse recurso tem a capacidade de fazer com que quem escreve praticamente entre na mente de quem lê. Ao tomar contato com um texto no qual o leitor é colocado na posição de um dos personagens – que não apenas observa a cena, mas participa dela – o indivíduo praticamente é transposto para dentro da narrativa, o que gera um grande estímulo para a formação de sua memória.

O autor diz que a maioria dos textos jornalísticos a que estamos acostumados não explica determinados termos ou expressões que parecem estar consolidados no imaginário do leitor. Dessa forma, algumas palavras ou frases por vezes estimulam nossa memória, mas não teriam a mesma força que uma narrativa literária. Já o jornalismo literário tem o poder de fixar a informação em nossa memória devido ao aprofundamento de sua cobertura e às técnicas literárias que utiliza. Ao mesmo tempo em que o texto é agradável e estimulante, traz fatos reais, trabalhados de forma jornalística e escritos com refinados toques literários.

Ao tentar inserir aspectos do Novo Jornalismo entre as lacunas que imperam na atividade jornalística atual, Medina (1996) diz que o ideal é “transformar a descrição burocrática dos acontecimentos em uma narração viva, onde ação, emoção e reflexão se complementem” (Op. cit., p. 230).

A autora critica o apego às tradições jornalísticas ao perceber que até hoje ainda é instituído que o texto responda às perguntas básicas “quem, o que,

onde, quando, por que e como”. Para ela, esse relato tradicional apenas massifica a informação e propõe a realização de uma narrativa mais complexa, que levaria em conta aspectos humanísticos, históricos e sociais de cada uma dessas questões. Dessa maneira, esse novo modo de relatar as notícias faria uma maior contextualização nos tempos e espaços dos acontecimentos.

3.2 A Memória do Leitor

Se o processo de lembrar e esquecer afeta o fazer jornalístico e a construção das matérias, como foi discutido anteriormente, é perfeitamente possível que ele também atinja o leitor, consumidor dessas notícias.

Traquina (2001) considera o *agenda setting* e a espiral do silêncio como duas faces da mesma moeda, pois ambos trabalham com a idéia da imposição dos meios de comunicação sobre os indivíduos. Enquanto o *agenda setting* afirma que grande parte dos temas veiculados pela mídia pauta as conversas cotidianas, a espiral do silêncio, por sua vez, crê que aqueles que discordam da posição das notícias veiculadas calam-se para não quebrar a ordem estabelecida. Assim, o *agenda setting* impõe o que pensar e não como pensar, o que seria função da espiral do silêncio.

Atualmente, é difícil notar manifestações da teoria da espiral do silêncio. Sabemos que a mídia é parcial e atende a interesses empresariais, mas várias de suas matérias conseguem estimular o debate de idéias.

Assuntos polêmicos como a crise política e o referendo sobre a comercialização de armas são dois exemplos de que a imprensa, mesmo partidária, pode estimular a formação de diferentes pontos de vista, na medida em que as

peças buscam mais informação para sua tomada de opinião e discutem sobre o tema com maior intensidade. Por outro lado, raramente alguém se inibirá em demonstrar que possui uma visão contrária aos postulados da imprensa.

Já em relação ao *agenda setting*, é possível dizer que alguns pontos dessa teoria ainda permanecem. Muitas vezes a mídia influencia as conversas de um grupo, mas não chega a impor temas, pois não consegue penetrar na intimidade do grupo. O agendamento, na verdade, tomou conta de todos os jornais, que estão cada vez mais iguais e dando a mesma atenção quase sempre aos mesmos assuntos. Por isso, não é difícil chegar à conclusão de que tal realidade se reflete no dia-a-dia dos consumidores de notícias. Frases como “você viu o que passou no Fantástico ontem?”, “acompanhou aquela matéria no jornal?” demonstram bem essa realidade.

Além disso, atualmente o leitor vive uma época em que é exposto à tanta informação, que muitas vezes não consegue captar a maioria. Ele lê, mas aquela notícia não o afeta mais, como Serva Neto (2001) comenta:

O consumidor de informações hoje se vê enredado em um cipal de notícias e meios [. . .] que tira a sua capacidade de avaliação e compreensão das informações e possivelmente anula a sua capacidade de produzir signos interpretantes necessários para o acompanhamento de todas as notícias (SERVA NETO, 2001, p. 79).

O autor fala ainda que os jornais hoje criam “clones de fatos”, que por não terem uma preparação anterior e serem portadores de uma história e de uma memória, são comparados aos clones biológicos. Ele os critica ao dizer que “[. . .] são fatos que se esgotam quando cumprida sua missão efêmera e em seguida devem ser destruídos: fisicamente, dizem que os jornais “[. . .] servem apenas para

embrulhar peixe”; psicologicamente, sua memória será substituída por uma novidade no dia seguinte” (Op. cit., p. 135)

Cortes (2002) propõe o debate jornalístico para que a situação atual seja modificada. Ela afirma que “[. . .] este consenso fabricado, esta visão unilateral do mundo, centrada na subjetividade de uns poucos, não tem nada a ver com uma base democrática, antes revela uma democracia formal numa sociedade totalitária” (CORTES, 2002, p.29).

Nesse contexto, o leitor se encontra em uma situação complexa. Se procurar se conectar ao que ocorre em seu País e no mundo através de apenas um veículo de comunicação corre o risco de ter uma visão muito limitada e unilateral da realidade dependendo da linha editorial do meio de comunicação. Por outro lado, se optar por recorrer a uma série de meios informativos com o objetivo de qualificar seus conhecimentos, pode ser confrontado com tantas informações ao ponto de saturar sua memória e não captar nada. Complementar a informação através de dois ou três veículos de comunicação parece uma alternativa razoável dentro dessa questão. Dessa forma, a melhor maneira é dosar essas informações.

Apesar da escolha ser de responsabilidade do público, a comunicação precisa estar atenta e criar alternativas para valorizar a construção da memória através do jornalismo impresso. Talvez o jornalismo literário possa cumprir esse papel, principalmente agora que foi resgatado em publicações como a revista Carta Capital.

Após pensar a comunicação como forma de conservação e construção da memória individual e social, verificar que as notícias podem ser um bom suporte para isso e discutir algumas teorias que tentam explicar como os meios de comunicação agem para dar embasamento à memória do leitor, falarei agora sobre

a junção entre história e mídia impressa. Se as notícias são capazes de guardar a memória de um povo e servem de meios de pesquisa aos cidadãos em busca de explicações sobre suas origens, fatos históricos, etc. numa tentativa de entender o presente, discutirei a seguir a relação entre história, jornalismo e cada um de seus agentes.

3.4 Imprensa e História em uma Perspectiva Relacional

Escrever sobre o patrimônio edificado exige não só que se fale de cultura, memória, educação, conscientização e restauro, é preciso também recontar a história, relembrar a época em que o bem foi construído e o que ele representou e ainda representa. Se isso não for feito, sinaliza Teixeira Coelho (1997), corremos o risco de ter vários bens materiais despidos de sentido e significado.

O exercício de recompor a história, resgatar informações perdidas é, como já disse Pesavento (2004 ²), uma atividade que exige do historiador uma postura de detetive, pois ele precisa recompor um quebra-cabeça onde, não raro, muitas peças estão perdidas ou invisíveis a seus olhos. Nessa tarefa, o comunicador também possui um papel importante.

Apesar de ser constantemente criticado pela superficialidade em retratar assuntos históricos, é preciso lembrar que o repórter é um agente da história e que através de sua atividade a memória social pode ser concentrada e transmitida. É relevante então discutir a diferença entre a atividade do jornalista e do historiador, analisando se o jornalismo consegue cumprir a importante missão de (re)construir e transmitir a carga histórica contida no patrimônio edificado.

Um tanto pessimista em relação ao trabalho do jornalista, Cádima (1996) julga a atividade do repórter mais superficial que a do historiador. Apesar disso, reconhece que, na história contemporânea, alguns jornalistas fazem o trabalho dos historiadores. Ao discutir sobre as mudanças que a mídia vem passando, o autor mostra uma realidade às vezes não tão clara aos olhos dos leigos. Por exemplo, o autor cita que o processo de mudança social, histórico-estrutural e econômico muda com os meios de comunicação e o discurso que estes veiculam.

Isso pode ser sentido se compararmos a imprensa na época da Ditadura Militar brasileira e agora. Apesar da censura, antes os jornalistas eram mais ousados e a maioria dos jornais revelavam suas posições políticas. Hoje infelizmente a lógica do mercado é que determina os caminhos da imprensa e, por incrível que pareça, muitos veículos proclamam que são isentos.

Sabe-se que o acontecimento histórico é fruto da ação individual ou coletiva das pessoas. Porém Fontcuberta (1993) afirma que um mesmo fato não tem o mesmo sentido para jornalistas e historiadores. Ela afirma que os objetivos de ambos são diferentes e não tem receio de dizer que os meios de comunicação são donos do monopólio da história. Isso porque, como foi explicitado nos capítulos anteriores, a mídia escolhe o que será considerado ou não um acontecimento jornalístico.

Esse fato demonstra a grande responsabilidade da prática jornalística. Kravetz (1986) cita um exemplo clássico de um fato que entrou para a história graças a dois repórteres: o caso Watergate, escândalo de escuta ilegal que culminou na deposição do Presidente norte-americano Richard Nixon. Que historiador descobriria esse fato? Que pesquisador saberia entrevistar as fontes certas, captar a

informação necessária e insistir que isso virasse notícia?, se pergunta o autor em seu artigo.

Além de Kravetz (Op. cit.), muitos outros autores e jornalistas afirmam que sem o jornal *Washington Post* e os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein não haveria Watergate. Ou seja, uma parte de nossa história não seria contada e nem existiria, pois foi só com o trabalho dos dois jornalistas que o caso de corrupção veio à tona e os culpados foram punidos. Isso mostra, mais uma vez, a importância do jornalista dentro da história. Como um ser inserido e participante, ele acaba contribuindo para construí-la e imprime nela sua marca.

Com relação a esse fazer e construir a história, o jornalismo serve de substrato para o resgate da memória ao ser consultado por historiadores e pesquisadores em busca de informações. A validade do jornal como fonte de pesquisa é discutida por Capelato (1988). A autora lembra que a mídia sempre carrega consigo a subjetividade dos jornalistas e explica como o historiador deve agir para filtrá-la e, ao mesmo tempo, captar informações sobre a sociedade, seus usos e costumes. Para ela, é necessário ter atenção e seguir um método de pesquisa rigoroso, que permita que se dê um tratamento adequado da fonte e uma reflexão teórica.

Além disso, o jornal não deve ser estudado isoladamente. Os dados e informações serão mais qualificados e o historiador não correrá o risco de captar algum juízo de valor feito pelo repórter. Ela aproveita também para fazer uma importante análise de como a história e a imprensa mudaram. A história hoje é mais viva e o historiador, conseqüentemente, mais humano, sendo participante da história que deseja compreender, deixando de lado a busca pela objetividade e neutralidade.

A imprensa alia-se a isso, ao passo que não pode mais ser considerada como um espelho que apenas reflete a realidade, e sim como um espaço de representação do real.

Como foi explicitado nesse capítulo, é possível verificar que cultura, memória e história estão ligadas à narrativa jornalística referente ao patrimônio cultural. Essa atividade passa pelo processo de lembrar e esquecer do repórter, pelas pressões internas e externas a que está habituado, pelas rotinas produtivas e, mais intimamente, pelo estímulo social. O jornalismo, em especial a mídia impressa, cumpre uma função muito importante para a sociedade. Retrata seus costumes, crenças, ideologias, conta sua história e materializa sua memória, tanto individual como social. Assim como o patrimônio edificado. Analisar suas relações e verificar como os jornais retratam a materialidade histórica de prédios, casarios, monumentos, solares, etc. é o que será feito no próximo capítulo.

4 PATRIMÔNIO EDIFICADO, MEMÓRIA E JORNAIS DE PORTO ALEGRE: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS MATÉRIAS

O patrimônio edificado é capaz de materializar fatores importantes de uma sociedade ou nação, como sua memória, cultura, história e reforçar sua identidade. A mídia impressa, por sua vez, possui um importante suporte de memória que são as notícias. Embasado nisso, esse capítulo pretende verificar como se dá essa relação, lembrando que essa pesquisa está centrada na análise do papel que os principais jornais de Porto Alegre desempenham como formadores da memória do povo através da veiculação de notícias sobre o patrimônio edificado, outro guardião de memória de nossa sociedade.

Tendo como uma das motivações o incidente ocorrido com a Fonte Talavera de la Reina, danificada no dia 09 de junho de 2005, selecionei matérias dos jornais de abril a agosto de 2005. Usando o caso como limite, a amostra foi composta por notícias referentes ao patrimônio edificado de jornais com data referente a dois meses antes e dois meses após o fato.

Foram selecionados os jornais Correio do Povo, Zero Hora, O Sul, Jornal do Comércio e Diário Gaúcho por serem os principais jornais que circulam na capital gaúcha. O Diário Gaúcho não se mostrou muito significativo para a pesquisa por não apresentar matérias sobre patrimônio edificado nas edições pesquisadas.

Veículo de tradição em Porto Alegre e no Estado, o Correio do Povo é um jornal enxuto, com uma grande quantidade de notícias geralmente de tamanho reduzido, devido a isso sua diagramação é um pouco pesada. Pertencente à Empresa Jornalística Caldas Júnior, esse veículo divide sua cobertura nas editorias de política, economia, política, economia, ensino, geral, variedades e esporte.

Possui um suplemento cultural aos sábados. Não produz grandes reportagens e quando realiza uma matéria especial, ela ocupa no máximo meia página.

Apesar do nome, o Jornal do Comércio não cobre apenas a área de economia e negócios. Com mais de 70 anos de existência, seu conteúdo abrange as áreas de política, geral, esportes, cultura e internacional, suas principais editorias. Possui também cadernos de Logística, Direito, Contabilidade, Automotor, entre outros. Sua cobertura maior é na área de economia, trazendo análises de investimentos e conjuntura, porém há também espaço para textos maiores e mais aprofundados no caderno de cultura e na parte de turismo, que fica inserida na editoria de economia.

O jornal O Sul é o mais novo deles, surgiu em 2001. Esse veículo da Rede Pampa de Comunicação tem um perfil de revista, com fotos grandes na capa e totalmente colorido. Possui uma cobertura ampla, do local ao internacional. É composto por um caderno de cultura (Magazine), um só com textos de colunistas brasileiros e outro com matérias mais aprofundadas e longas (Caderno Reportagem).

A Zero Hora faz parte do Grupo RBS e consolida-se como o mais tradicional jornal impresso do Estado. Assim como os demais, realiza uma abrangente cobertura de setores como política, economia, geral, interior, cultura e esportes. Possui uma variedade de cadernos direcionados a públicos específicos. Grande parte de suas matérias usa o recurso de contar histórias, valorizando a fonte e tentando fazer coberturas aprofundadas, o que ocorre principalmente no final de semana.

Após definir o período dos jornais a serem consultados e fazer uma busca a todas as matérias que abordassem questões relacionadas ao patrimônio edificado,

foi realizada a leitura de tudo e delimitado o que seria realmente analisado. Segundo Moraes (1999), essa tarefa de observar o global para depois partir para o individual é necessária para a análise de conteúdo, técnica escolhida por ser capaz de responder melhor às necessidades do trabalho, investigando o conteúdo do texto dos jornais selecionados. O autor recomenda que sejam analisados todos os objetos de pesquisa individualmente para depois fazer a análise de tudo conjuntamente.

Dessa forma, após selecionar a amostra e separar o que seria analisado, criei uma ficha de análise (Apêndice A) para desconstruir cada uma das matérias, facilitando assim o trabalho analítico.

Através desse instrumento de pesquisa, verifiquei a existência de fotografias e suportes (como infográficos, maquetes, desenhos eletrônicos ou boxes informativos) que, ao mesmo tempo chamassem a atenção para a matéria, e facilitassem seu entendimento, agregando mais informação ao texto. Foi investigada também a seleção de fontes consultadas pelo repórter, ocorreu a elaboração de um resumo indicativo de cada notícia e foram compilados também depoimentos de fontes consultadas e trechos do texto que fornecessem maior embasamento à análise.

Ainda verifiquei o enfoque (histórico, cultural, memorialístico, turístico, econômico, de marketing cultural ou apenas informativo), o teor (informativo, interpretativo e opinativo) e a natureza (ações ou bens públicos e privados) das matérias. Por fim, foram descritas as palavras-chaves do texto.

A partir dessa análise individual, foram criadas dez categorias de análise, algumas com seus respectivos indicadores.

A) Apelo visual

O apelo visual foi analisado por se constituir como um fator importante durante a leitura do texto. A foto jornalística, os infográficos, os desenhos computadorizados (maquetes eletrônicas, diagramas esquemáticos, modelos 3D, etc) e os boxes informativos, além de chamar atenção do leitor, são elementos complementares à notícia, e se constituem também em fontes de informação.

Quanto à fotografia, procurei analisar se as imagens inseridas nas matérias eram coerentes com a mensagem que estava sendo comunicada, se acrescentavam algo ao texto e se as mesmas poderiam auxiliar o leitor a entender melhor o assunto abordado.

B) Fontes

As fontes jornalísticas são parte integrante do processo de criação da notícia e fazem parte dessa segunda categoria de análise. Seu conhecimento é importante para verificar como se dá a construção das matérias e por isso, a categoria foi dividida nos indicadores Fontes Oficiais, Fontes Especializadas, Fontes Populares e Ausência de Fontes. Consideraram-se como fontes oficiais as pessoas ligadas a órgãos governamentais, instituições, associações e empresas, na qualidade de transmissores de determinadas posições da entidade da qual fazem parte.

Já nas fontes especializadas estão profissionais que possuem uma relação mais específica com a questão do patrimônio edificado, como engenheiros, arquitetos, museólogos e historiadores.

Dentro dessa categoria, entram também as fontes populares, que não são necessariamente especialistas em intervenções ao patrimônio e nem estão

ligadas a órgãos administrativos. Fazem parte dela os cidadãos que, de alguma forma, relacionam-se à questão do patrimônio edificado, demonstrando a importância das edificações ou monumentos históricos para suas vidas e seu cotidiano.

C) Enfoque

A terceira categoria analisa o enfoque da matéria e está dividida em sete indicadores de análise: Cultura, História, Memória, Economia, Turismo, Marketing Cultural e Outros. Entre os indicadores de enfoques, estabeleceu-se que as matérias com conteúdo cultural deveriam estar fortemente ligadas à veiculação de informações sobre manifestações e atividades culturais relacionados a um bem cultural específico, levando em conta o conceito adotado no presente trabalho de que legado cultural e comunidade precisam estar juntos, pois os deixar isolados seria um recorte superficial. Dessa maneira, o indicador cultural ressalta o caráter de interação entre cidadãos e manifestações culturais.

Para serem inseridas no indicador de enfoque histórico, as matérias analisadas precisavam transmitir conhecimentos históricos, recontando fatos de outros períodos ou até mesmo do atual, realizando uma conexão entre eles. Ao recontar aspectos históricos nesses textos, o jornalista realiza a atividade de um historiador, que resgata fatos do passado para explicar presente e futuro.

As matérias cujo enfoque era a memória, foram assim classificadas partindo do pressuposto de que estão intimamente associadas ao resgate de lembranças individuais e/ou sociais a partir da sua ligação com um bem histórico determinado. Foram também enquadradas nesta categoria as matérias cujo conteúdo busca transmitir ou ilustrar a noção que determinado bem se constitui

como um lugar de memória, no qual estão inseridos resquícios do passado ou são símbolos de homenagens e fatos marcantes.

No enfoque econômico foram verificadas as matérias que possuíam um viés econômico, nas quais elementos históricos, culturais ou memorialísticos de um bem poderiam ficar em segundo plano e seriam discutidas questões referentes a investimentos, custos e melhorias econômicas com a intervenção ao bem.

Já o enfoque turístico também foi objeto de análise devido ao crescimento do turismo cultural, no qual os turistas não querem apenas diversão e entretenimento em suas férias, mas querem inteirar-se mais sobre a cultura e a história da cidade, conhecendo seus monumentos, sua arquitetura, seus casarios antigos e seus museus.

No indicador marketing cultural foram selecionadas matérias que informavam sobre investimentos de empresas em relação ao patrimônio edificado, com o objetivo de reforçar sua imagem como organização socialmente atenta e com inserção na vida da comunidade.

Por fim, o indicador outros engloba matérias que não se apresentaram características suficientes para se enquadrarem nos indicativos acima mencionados. Por perceber que algumas não possuíam enfoque cultural, histórico, memorialístico, econômico, turístico ou de marketing cultural, foi necessário abrir esse último indicador para classificar aqui os textos que possuíam um enfoque mais forte em relação às intervenções ao patrimônio ou se apresentavam isentos, sem nenhum enfoque, apenas com o objetivo de informar sobre determinado fato.

D) Teor

A quarta categoria de análise refere-se ao teor da notícia e divide-se nos indicadores informativo, interpretativo e opinativo. Na primeira, estão situadas as matérias puramente informativas, que contenham apenas as informações sobre o fato, sem comentários ou opiniões do jornalista.

Já no teor interpretativo, inserem-se notícias com um certo juízo de valor por parte de quem as escreveu. Isso pode ser verificado através de palavras, expressões e até por meio da cobertura feita, que pode focar mais um dos lados da questão, demonstrando indiretamente a opinião do repórter, que nesse caso não é explícita como o teor opinativo.

Nos textos opinativos, por sua vez, a opinião do jornalista é bem mais visível do que nos dois outros gêneros. Quem escreve demonstra o que pensa, argumenta, expõe sua visão e, por isso mesmo, a maioria das matérias opinativas é assinada.

E) Foco

Como um dos objetivos dessa pesquisa é verificar a forma pela qual a mídia impressa gaúcha aborda questões relacionadas a intervenções no patrimônio edificado, a quinta categoria está ligada ao foco da matéria. Divide-se nos indicadores de conservação, preservação, proteção, restauração, revitalização, degradação, depredação, perdas patrimoniais e ação cultural, devido às variadas intervenções que os bens culturais podem sofrer.

O primeiro refere-se à conservação, cujo objetivo é prevenir que danos materiais ocorram, garantindo a segurança e a manutenção do imóvel. O segundo

está ligado à preservação do patrimônio, presente nas ações que objetivem proteger ou impedir a degradação do bem.

Com um viés mais jurídico, a proteção está relacionada às medidas legais em prol do patrimônio cultural, tais como tombamento, inventário e listagem de áreas de interesse cultural.

A restauração, que diz respeito à renovação dos desgastes da edificação, resgatando seu estado original, vem em seguida. Foi levado em conta também o estágio do restauro, verificando desde o nível do projeto até relatos sobre a finalização da obra, com o objetivo de verificar como e com que intensidade cada etapa é noticiada. Verificando quais, dentro da temática do restauro do patrimônio edificado, ganham mais atenção da mídia e podem ser instrumentos de conscientização e educação para o leitor. Além disso, foi investigado também se havia informações sobre a política de restauro, com debates e informações mais aprofundadas sobre essa técnica, não apenas realizando seu mero registro.

As medidas que visam não apenas à melhoria do imóvel, mas procuram modificar o entorno e gerar intervenções que modifiquem a relação entre o cidadão e o patrimônio foram consideradas no indicador de revitalização.

Os próximos indicadores da categoria Foco relacionam-se aos danos sofridos pelo patrimônio, como degradação, depredação e perdas patrimoniais. A degradação, como já foi explicitado anteriormente, é o processo pelo qual o imóvel passa por processos físico-químicos que danificam gradativamente sua estrutura e geram prejuízos em alguns de seus valores culturais.

Já a depredação responde pelas alterações que a ação humana pode realizar no patrimônio, desde a falta de conservação, a poluição gerada pelos automóveis e indústrias, até pichações e vandalismos. Por sua vez, as perdas

patrimoniais correspondem a ações drásticas e inesperadas que afetam o patrimônio cultural, como incêndios, terremotos e acidentes naturais.

Também se inserem em perdas patrimoniais casos em que a edificação precisa ser realocada, ou seja, sair do local de origem devido a empreendimentos, construções ou problemas estruturais. É considerada uma perda porque a relação do bem cultural com aquele espaço será alterada e corre o risco de ser transportado para um local sem conexão com o que representa.

Por fim, o último indicador analisa se o assunto focado na matéria trata-se de uma ação cultural. Nessa classificação, tomei por base as duas concepções básicas do termo expostas por Teixeira Coelho (1997). Na ação cultural de serviços, diz o autor, entram medidas para aproximar o público de produtos culturais, como livros e espetáculos.

Já a segunda refere-se à ação cultural de criação, cujo objetivo é fazer uma ponte entre as pessoas e as manifestações culturais para que, a partir dessa ligação, os indivíduos possam retirar elementos que permitam sua participação no universo cultural como um todo e também facilitem sua interação com os demais cidadãos. Como está ligado às manifestações artísticas, enquadram-se nesse indicador exposições, mostras e atividades culturais que envolvam o patrimônio edificado.

F) Adequação conceitual

Apesar de conterem fortes diferenças entre si, termos como preservação, proteção, conservação, restauração e revitalização podem correr o risco de serem confundidos e, se usados erroneamente, transmitem informações equivocadas ao leitor.

Por isso, nessa sexta categoria investigo como são usadas essas palavras e expressões dentro das matérias, a partir da coleta de palavras-chave realizada na análise individual das notícias. Para tanto, foram criados os indicadores Satisfatório, que verifica se os conceitos foram usados corretamente; e Insatisfatório, que investiga os principais equívocos entre os termos contidos nos textos. Dessa forma, é possível verificar inclusive se os jornalistas estão preparados para escrever sobre esse tema e se estão cientes de sua complexidade.

G) Informações técnicas

Dentro da sétima categoria estão as informações técnicas, que se relacionam tanto ao bem cultural, como às intervenções sofridas por ele. O estudo considerou como informações técnicas da edificação os dados que fugiam da compreensão do leitor, como métodos e materiais usados na restauração, incluindo também danos e problemas das edificações.

Foram analisadas a existência e a forma como são transmitidas informações ligadas aos indicadores de preservação, proteção conservação e restauração. Estão relacionadas em uma perspectiva complementar à categoria de análise anterior, pois ambas se referem às intervenções sofridas pela edificação e, neste caso, são verificadas suas especificações.

H) Natureza e ações

A participação do governo, órgãos de proteção pública e da população é inserida na oitava categoria, que também está ligada às intervenções ao patrimônio. Nela são verificados quem são os agentes de ação, analisando se é o povo que realiza intervenções nos bens ou se o governo e instituições como IPHAN, IPHAE e

Monumenta são os responsáveis por tais atos (que vão de proteção até depredação, como no indicativo anterior). Além disso, também é examinada a natureza do bem, verificando se ele é de propriedade privada ou pública.

I) Continuidade

Outro ponto analisado foi a continuidade das notícias sobre um mesmo tema como forma de estimular a fixação de determinado assunto da memória do leitor. Primeiramente foi verificada sua existência e, em seguida, foi feita a análise de sua eficácia como forma de auxiliar na construção da memória do leitor. Verifiquei alguns pontos básicos, como a contextualização da informação, a retomada do assunto que motivou a publicação da primeira matéria, a atualização dos fatos, bem como a inserção de elementos novos referentes ao assunto.

J) Funções Agregadas

Por fim, a décima categoria de análise está ligada às funções agregadas, ou seja, àquelas que vão além do texto. Nela foram levados em conta aspectos de educação patrimonial, que podem ocorrer quando uma matéria consegue demonstrar que o patrimônio edificado é capaz de ser uma fonte de ensinamento ao leitor, segundo a definição de que o patrimônio é fonte primária de ensino. Essa categoria verifica ainda se há elementos textuais que podem gerar a conscientização do leitor, fazendo com que ele perceba a importância do bem histórico, do ato de preservar, conservar e restaurar as edificações, respeitando e valorizando mais o patrimônio.

Essas dez categorias são a base para a análise quanti-qualitativa do presente trabalho. A seguir, os dados obtidos serão confrontados juntamente com a

análise de 20% das 205 matérias coletadas e analisadas individualmente. Essa amostra de 40 notícias foi selecionada com base nas categorias descritas acima, verificando quais consistiam em exemplos mais emblemáticos. A junção e análise dessas categorias são importantes para alcançar os objetivos dessa pesquisa.

Para demonstrar ao mesmo tempo a totalidade da pesquisa e avaliar os dados investigados na amostra, optei por construir duas tabelas com a frequência tanto do universo de pesquisa, quanto amostra formada pelas 40 matérias. As tabelas estão divididas nas categorias e indicadores referentes a cada uma delas e revelam os dados obtidos em cada mês, bem como a totalidade de notícias sobre cada um dos pontos analisados e seu percentual de aparecimento.

A tabela 1 (p. 100) quantifica os dados obtidos no universo de pesquisa, referente às 205 matérias analisadas. Já a tabela 2 (p. 101) traz os valores e frequências de cada uma das categorias referentes à amostra selecionada no presente trabalho.

Logo em seguida, os dados obtidos através da amostra serão interpretados e discutidos a partir das matérias selecionadas que ilustram as principais problemáticas de cada um das categorias e indicativos e constituem-se como um demonstrativo do universo de pesquisa.

Posteriormente, são feitas as considerações finais sobre este trabalho, levando em conta os aspectos que mais chamaram minha atenção em relação à cobertura realizada pela mídia impressa gaúcha sobre o patrimônio edificado. A partir dessas reflexões, são formuladas sugestões para qualificar a divulgação do tema.

Tabela 1
 Categorias / Mês – Universo da pesquisa

Categorias e Indicadores		Mês					Total	
		Abr 2005	Maio 2005	Jun 2005	Jul 2005	Ago 2005	Nº	%
Apelo Visual	Presença	30	35	25	32	45	167	80%
	Ausência	7	10	6	5	10	38	20%
Fontes	Oficiais	17	27	17	26	27	114	56%
	Especializadas	3	1	3	3	3	13	6%
	Populares	4	5	3	10	9	31	15%
	Ausência	12	10	7	2	16	47	23%
Enfoque	Cultura	12	7	2	6	5	32	16%
	História	10	16	8	9	13	56	27%
	Memória	0	0	1	0	5	6	3%
	Economia	7	2	2	3	1	15	7%
	Mkt cultural	0	2	0	0	0	2	1%
	Outros	7	15	14	16	31	83	40%
Teor	Informativo	33	41	27	33	51	185	90%
	Interpretativo	4	3	4	3	4	18	9%
	Opinativo	1	1	0	0	1	3	1%
Foco	Preservação	4	2	4	4	4	18	9%
	Conservação	1	1	1	1	1	5	2%
	Proteção	3	1	0	5	0	9	4%
	Restauração	12	14	17	16	22	81	40%
	Revitalização	13	19	1	3	9	45	22%
	Depredação	1	1	5	2	3	12	6%
	Degradação	0	1	0	0	0	1	0%
	Perda	0	1	1	4	6	12	6%
Ação Cultural	2	5	3	2	11	23	11%	
Adequação Conceitos	Satisfatório	32	40	25	30	39	166	80%
	Insatisfatório	4	5	6	7	17	39	20%
Informações Técnicas	Presença	1	0	2	4	8	15	7%
	Ausência	35	45	29	33	48	190	93%
Natureza e ações	Propr. pública	27	29	25	30	44	155	21%
	Propr. privada	9	16	6	7	12	50	6%
	Ação pública	14	23	17	27	34	115	17%
	Ação privada	22	22	14	10	22	90	11%
Continuidade	Presença	19	23	12	15	29	98	48%
	Ausência	17	22	19	22	27	107	52%
Funções Agregadas	Educ. Patrim.	1	3	0	1	2	7	3%
	Conscientização	4	3	3	6	4	20	10%
	Ausência	31	39	28	30	50	178	87%

Tabela 2
 Categorias / Mês – Amostra

Categorias e Indicadores		Mês					Total	
		Abr 2005	Mai 2005	Jun 2005	Jul 2005	Ago 2005	Nº	%
Apelo Visual	Presença	6	9	6	10	9	40	100%
	Ausência	0	0	0	0	0	0	0
Fontes	Oficiais	2	6	3	4	5	20	50%
	Especializadas	2	0	1	1	1	5	13%
	Populares	1	1	1	3	2	8	20%
	Ausência	1	0	3	1	2	7	17%
Enfoque	Cultura	2	1	1	1	0	5	13%
	História	1	3	1	2	0	7	18%
	Memória	0	0	0	0	1	1	3%
	Economia	1	1	0	0	0	2	5%
	Mkt cultural	0	2	0	0	0	2	5%
	Turismo	0	0	1	1	0	2	5%
	Outros	2	2	3	6	8	21	53%
Teor	Informativo	5	6	5	10	8	34	85%
	Interpretativo	0	3	1	0	1	5	13%
	Opinativo	1	0	0	0	0	1	3%
Foco	Preservação	0	1	1	2	2	6	15%
	Proteção	1	0	0	0	0	1	3%
	Conservação	2	1	0	3	0	6	15%
	Restauração	0	3	2	4	4	13	32%
	Revitalização	0	3	1	0	1	5	13%
	Depredação	1	0	0	0	0	1	3%
	Degradação	0	0	0	0	1	2	5%
	Perda Patrim	0	1	0	1	1	2	5%
Ação Cultural	2	0	2	0	0	4	10%	
Adequação Conceitos	Satisfatório	5	6	5	8	3	27	68%
	Insatisfatório	1	3	1	2	6	13	32%
Informações Técnicas	Presença	0	0	0	2	3	5	13%
	Ausência	6	9	6	8	6	35	87%
Natureza e ações	Propr. pública	3	4	5	5	8	25	63%
	Propr. privada	3	5	1	5	1	15	38%
	Ação pública	5	3	2	7	7	24	60%
	Ação privada	1	6	4	3	2	16	40%
Continuidade	Presença	3	4	1	4	3	15	38%
	Ausência	3	5	5	6	6	25	63%
Funções Agregadas	Educ. Patrim.	0	2	0	2	2	6	15%
	Conscientização	2	2	1	4	3	12	30%
	Ausência	4	5	5	4	4	22	55%

4.1 Apelo Visual

O apelo visual é um recurso bastante empregado em matérias sobre o patrimônio edificado. A presença de fotos ou desenhos computadorizados ocorreu em 100% da amostra analisada, como se pode observar na tabela 2 (p. 101).

Fachadas, casas antigas, prédios sendo restaurados, monumentos danificados pela ação do homem e até as fontes consultadas nas matérias serviram de complemento para as notícias analisadas. Dentre essas, 45% apresentaram a fachada do bem, 15% ilustraram o texto com monumentos, 13% trouxeram a imagem da fonte consultada, 10% mostraram a parte interna do imóvel, 10% apresentaram os entrevistados junto com os bens materiais, enquanto que apenas 7% ilustraram ações de restauração, conservação ou preservação da edificação.

Três notícias sobre as melhorias e o início do restauro da Biblioteca Pública do Estado merecem destaque por reunir, em diferentes momentos, imagens da parte interna do bem e das fontes consultadas. No dia 15 de abril de 2005, o Correio do Povo fez uma cobertura da solenidade que marcou os 134 anos da instituição e a modernização de seus equipamentos, como pode ser visto na figura 1 (p. 103). Composto por uma foto que retrata a cerimônia, o texto não aborda em nenhum momento o caráter histórico do prédio. Uma semana depois, o mesmo jornal retoma as informações sobre o aniversário da Biblioteca Pública, como mostra a figura 2 (p. 103).

Dessa vez, o texto é ilustrado por uma imagem composta por jovens usando computadores com acesso à Internet (uma das inovações pelas quais a edificação passou) e mostra ao fundo uma parede onde é nítida a degradação das pinturas murais. Novamente não há referências históricas sobre o local e o conteúdo

Figura 1

Biblioteca Pública festeja 134 anos

Biblioteca Pública festeja 134 anos

Setores de Multimeios e Braille ganham novos equipamentos, e acesso à Internet será com banda larga

A Biblioteca Pública do Estado (BPE) comemorou ontem 134 anos de fundação com uma solenidade, durante a qual foram inaugurados equipamentos nos setores de Multimeios e Braille. As mudanças integram os projetos de modernização e informatização em curso nas bibliotecas públicas e estão à disposição dos usuários. Os projetos foram desenvolvidos por meio de parceria com empresas privadas, por intermédio da Lei de Incentivo à Cultura. No setor de Multimeios, voltado para o uso de novas tecnologias, o número de computadores para acesso à Internet foi aumentado de seis para dez. O espaço, que tinha apenas uma impressora jato de tinta, recebeu mais uma jato de tinta e uma a laser e outro scanner. O acesso à Internet passou a ser realizado com a utilização de banda larga, que aumenta a velocidade das conexões. O site da BPE (www.bibliotecapublica.rs.gov.br) foi reformulado, incluindo links para diversas bibliotecas do mundo.



Secretário Roque Jacoby (E) ao lado da diretora Morgana

As outras três bibliotecas públicas de Porto Alegre (Ligia Meurer, Romano Reif e Leopoldo Boeck) receberam dois computadores cada uma. No setor de Braille foram instalados dois computadores com software (o Virtual Vision) específico para portadores de deficiência visual e um equipamento de som para acesso aos livros gravados do acervo (são 1,4 mil títulos). A biblioteca assinou um termo de cooperação com a rádio FM Cultura, que realizará a gravação de livros de autores gaúchos. Conforme a diretora da Biblioteca, Morgana Marcon, o objetivo é acrescentar 50 novos títulos aos 300 de autores gaúchos já disponíveis no acervo, sendo que a parceria com a rádio possibilitará, em um primeiro momento, a gravação de dez. O setor passou a contar ainda com uma lupa eletrônica, que amplia as imagens na tela de um aparelho de TV e com uma impressora em braille.

Correio do Povo, 15 de abril de 2005, p. 5, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

Figura 2

Bibliotecas públicas equipadas e interligadas

Bibliotecas públicas equipadas e interligadas

A Biblioteca Pública do Estado - que completa 134 anos -, ao lado de outras bibliotecas estaduais em Porto Alegre (Lígia Meurer, Romano Reif, Leopoldo Boeck), ganhou novos equipamentos de informática e um novo site (www.bibliotecapublica.rs.gov.br) para busca de informações graças a parcerias com empresas privadas.



Biblioteca pública recebeu mais recursos tecnológicos

Correio do Povo, 23 de abril de 2005, p. 4, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

é praticamente o mesmo da matéria anterior, porém mais enxuto.

No dia 02 de maio de 2005, o Jornal do Comércio traz outra matéria sobre a Biblioteca Pública do Estado, dessa vez com uma foto bem informativa (figura 3, p 105). O enfoque é o restauro do prédio, que passa pelo problema de falta de espaço para armazenar o acervo de livros que precisa ser retirado do local para a intervenção. A imagem complementa bem o texto ao mostrar uma parede cheia de infiltrações e com duas pilhas cheias de livros nas laterais. Ela enfoca os dois problemas que afetam a instituição: o excesso de umidade e a grande quantidade de obras sem local certo para ficar. A foto é bem composta, pois usa os livros nas laterais como moldura e coloca a infiltração no centro, chamando a atenção para a degradação que afeta tanto a edificação quanto as obras literárias.

Nessas três matérias há fotos bem distintas. A primeira enfoca uma solenidade, com pessoas discursando; a segunda mostra o público interagindo com o local e a terceira traz à tona alguns dos problemas que afetam a edificação. Dentre as três imagens, sem dúvida a última cumpre com mais eficácia o papel informativo e de complementação ao texto, pois basta observá-la para imaginar qual será o conteúdo do texto, que, por sua vez, necessita desse apelo visual para transmitir a notícia com mais consistência. Essa imagem não serve apenas como suporte do texto, mas fala por si mesma sobre a situação da edificação.

A presença de fachadas e edificações sendo restauradas como recurso visual igualmente merece uma análise. A Zero Hora apresenta duas matérias sobre uma mesma temática, mas visualmente distintas nos dias 12 de junho e 06 de julho de 2005.

A primeira, como pode ser visto na figura 4, (p. 107), noticia o fato de restauradores italianos estarem ministrando oficinas de restauração a uma turma de

Figura 3

Estado procura um abrigo para 70 mil livros da Biblioteca Pública

5

GERAL
geral@jornaldocomercio.com.br

Jornal do Comércio
Porto Alegre

CULTURA

Estado procura um abrigo para 70 mil livros da Biblioteca Pública

Diretora pretende transferir parte do acervo de obras durante restauração do prédio histórico

Maurício Macedo

O projeto Monumenta investirá mais de R\$ 475 mil na reforma do prédio da Biblioteca Pública do Estado, na esquina das ruas Riachuelo e General Câmara, na Capital. As obras iniciam no final de julho e devem durar cerca de oito meses. Para que o local não fique fechado nesse período, a diretora Morgana Marcon está a procura de um espaço para abrigar parte do acervo (cerca de 70 mil das quase 200 mil obras) da biblioteca - que recebe em média 700 visitantes por dia -, além de catálogos e computadores. "Necessitamos de uma área de 800 metros quadrados. Também há possibilidade de dividirmos em pequenos espaços, descentralizando o atendimento temporariamente", afirmou.

A diretora está contente com a possibilidade de reformar o prédio, mas a preocupação com o prazo para desocupação está lhe tirando o sono. "Temos que encaixotar e transportar tudo", explicou Morgana. Apareceram alternativas, algumas necessitam pagamento de aluguel ou custos com obras de reforma. "Não temos recursos. Precisamos de uma parceria com a iniciativa privada

ou órgãos públicos".

É crítica a situação de parte do prédio - tombado pelo Patrimônio Histórico -, construído em 1912 e inaugurado oficialmente em 1922. O terraço e o subsolo sofrem com infiltrações e pedaços do teto chegaram a desabar por causa do impacto das explosões das obras de construção do Multipalco do Teatro São Pedro, a poucos metros do local. "Sabemos da importância da restauração, mas não queremos que o público fique sem acessar as obras da biblioteca", ponderou Morgana.

O projeto de reforma do prédio está programado para três etapas. Simultaneamente serão realizadas as obras de restauração do elevador - o segundo mais antigo do Estado, instalado em 1916 -, de impermeabilização da clarabóia no teto, reforma do piso dos salões de referência e multimeios (onde ficam os computadores com acesso à internet) e de combate às infiltrações no terraço e no subsolo. "Depois disso, inicia o trabalho de restauração das pinturas nas paredes do hall de entrada e das escadas, que deve durar outros seis meses, com acesso ao prédio já normalizado", informou o consultor de patrimônio histórico do Monumenta, Luiz Merino.



EDUARDO SEIDLER

Paredes do subsolo sofrem com infiltrações

alunos brasileiros e estrangeiros na cidade de Ilópolis, no Vale do Taquari. Segundo o texto, a iniciativa resultará no restauro de antigos moinhos coloniais. Uma dessas construções ilustra a matéria.

Pelo teor e apelo do texto, o ideal seria que a imagem fosse composta pela interação entre aprendizes e restauradores, mostrando algo relacionado a esse intercâmbio de conhecimento e cultura, como a imagem de uma aula teórica ou prática. Nesse contexto, a foto do moinho tem um caráter apenas ilustrativo, pois não é o foco principal da matéria e, sendo assim, não acrescenta muito ao texto.

Já na segunda matéria, são os pedreiros que invadem a sala de aula para aprender mais sobre restauração e cuidados com as intervenções, como ilustra a figura 5 (p. 108). Ganhando destaque em uma página inteira e com três fotografias, a notícia mostra dois trabalhadores em contato com a edificação, colocando na prática o que aprenderam antes de começar o restauro do Museu Erico Veríssimo, em Cruz Alta. Outra imagem está inserida em um quadro com o título “Memória edificada” e conta um pouco da história da edificação. Essa parte é ilustrada por uma foto de fachada do prédio tomada por deteriorações. A matéria em questão explora bem o uso do recurso visual como meio de informação, pois além de mostrar que o prédio está sendo restaurado, revela a importância dos pedreiros e demonstra ainda alguns dos problemas da fachada da construção. Dessa forma, texto e imagem complementam-se, enriquecendo a informação.

Ainda com relação ao restauro, é interessante analisar as fotos das matérias que abordaram a inauguração do auditório da cúpula central do Instituto Parobé da UFRGS, recém restaurado pela Universidade. O Correio do Povo de 10 de agosto de 2005 ilustrou o texto com a foto do prédio da Engenharia, cuja legenda se refere equivocadamente ao Instituto Parobé, como pode ser visto na figura 6 (p.

Figura 4

Ilópolis se transforma em escola de restauradores

ZERO HORA

| GERAL

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 12/06/2005 | 35

PATRIMÔNIO Italianos de Florença estão dando oficinas no Vale do Taquari

Ilópolis se transforma em escola de restauradores

TAIS GRAUN
♦ Ilópolis

Em Ilópolis, uma turma de 20 alunos está aprendendo técnicas e minúcias do trabalho de restauração.

Orientado por mestres de Florença, na Itália, o grupo colocará a teoria em prática num projeto de recuperação de antigos moinhos coloniais no Alto Taquari.

As oficinas começaram há pouco mais de um mês, apoiadas pelo Instituto Italo-Latino-Americano (ILLA), entidade ligada ao Ministério das Relações Exteriores da Itália. No entanto, antes dos trabalhos práticos em artesanato, desenho, pintura, arquitetura e marce-

naria, os participantes tiveram aula de língua italiana e estética e conheceram um pouco da história de prédios e monumentos da Europa.

Há aprendizes até de outros países

O restaurador italiano e consultor da Unesco Andrea Papi foi um dos professores convidados para dar oficinas em Ilópolis. Esse é seu quarto curso de restauração no Brasil. Outros já foram realizados em Salvador, Ouro Preto e Porto Alegre.

— Há uma carência muito grande de profissionais na América Latina e precisamos qualificar pessoas que revitalizem sua história — observa Papi.

No município, os aprendizes vin-

dos de diversas cidades gaúchas e até de outros países da América Latina recebem hospedagem e alimentação, além do curso que ocorre cinco dias por semana. O uruguaio Luis Alberto Navarro, 21 anos, e o paraguaio Felix Peralta, 25 anos, são dois bolsistas que participam do projeto.

Navarro acredita que o que tem aprendido em aula será fundamental para o trabalho que planeja desenvolver em restauração de móveis.

— Estamos participando de um importante intercâmbio cultural, onde temos a chance de aprender muito sobre restauração e também sobre o modo de vida no Brasil — destaca o jovem uruguaio.

tais.graun@zerohora.com.br



Alvo: moinho colonial erguido na década de 20 será recuperado em Ilópolis

Projeto será concluído em setembro

De acordo com o coordenador do projeto, Manoel Touguinha, até o final de setembro o projeto deverá estar concluído, quando deverão ter sido recuperados moinhos nos municípios de Anta Gorda, Arvorezinha, Ilópolis e Putinga. Nessas cidades, traços da arquitetura italiana ainda podem ser vistos em edificações.

É o caso de Ilópolis, que conser-

va, no centro da cidade, um moinho colonial erguido na década de 20. Além da fachada, a construção também deverá ter, nas próximas semanas, seu antigo maquinário e mobília recuperados.

— Além de preservar nosso patrimônio histórico e cultural, queremos explorar posteriormente o potencial turístico dessas antigas construções — afirma Touguinha.

Figura 5

Da sala de aula para o andaime

34 | PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 6/7/2005 | GERAL | ZERO HORA

HISTÓRIA Pedreiros têm curso de química antes trabalhar na restauração do Museu Erico Verissimo

Da sala de aula para o andaime

EDUARDO CECCONI
* Correspondente/Cruz Alta

Capacetes e pás deram lugar ao giz, ao quadro-negro e aos cadernos.

Antes de colocar a mão na massa e começar a restauração do Museu Erico Verissimo, pedreiros de Cruz Alta tiveram de ir para a sala de aula estudar reações químicas.

Agora, eles conhecem as consequências do uso equivocado da cal e os efeitos nocivos da tinta plástica sobre a argamassa em sucessivas reformas sem preocupação com a preservação do aspecto original.

A teoria serviu de base para que os trabalhadores aplicassem corretamente a cal no prédio, evitando que o material se deteriora. Cada movimento intencional desvenda paredes esfaleadas, sufocadas pela pintura.

O restauro – que deverá estar concluído em quatro meses – foi implementado pela Universidade de Cruz Alta (Unicruz), que mantém o museu por meio da Fundação Erico Verissimo.

Em vez de buscar em outras cidades uma empresa especializada, a universidade preferiu ensinar pedreiros de Cruz Alta como trabalhar na restauração. Assim, a instituição pretende qualificar a mão-de-obra local, diminuir os custos do trabalho e disponibilizar a alunos e a professores a teoria e a prática no assunto.

— Trouxemos consultorias qualificadas para instruir os profissionais. Assim formamos um laboratório de conhecimento na cidade – diz Mircia Andrade, arquiteta coordenadora do projeto e da execução da obra.

Os cursos rápidos sobre trabalho com argamassa, tintas à base de cal e iluminação foram ministrados por especialistas. Os pedreiros aprenderam os quatro aspectos básicos do restauro na externa: retirada de cimento e tinta, reconstituição dos desenhos e texturas, consolidação das fissuras e recuperação da pintura original. Terminadas as aulas, eles foram direto aplicar o aprendizado.

A obra está sendo realizada em função do centenário do nascimento do escritor, comemorado este ano.

eduardo.cecconi@zerohora.com.br

Na prática: trabalhadores aprenderam como retirar o cimento e a tinta sem interferir nos aspectos originais de construção



NÃO COMPRE CARRO HOJE

OS DEPARTAMENTOS DE VENDAS DAS CONCESSIONÁRIAS CHEVROLET ESTARÃO FECHADOS PREPARANDO UMA MEGAOPERAÇÃO

Memória edificada

A história da casa da família Verissimo que virou museu:

- A residência dos Verissimo foi construída pelo avô do escritor, Franklin, em 1863, ao lado de um sobrado e de uma fazenda, ambos de propriedade da família. Quando Sebastião, pai de Erico, casou-se com Abigail, ele se mudou para lá.
- Erico Verissimo nasceu em uma das salas do prédio, em dezembro de 1905. Do lá, saiu para morar em Porto Alegre, em 1923. Dez anos depois, a família perdeu a casa em um leilão, destinado ao pagamento de dívidas.
- A prefeitura comprou o local em 1960 e inaugurou o museu. Em 1984, a casa foi tombada. Em 2004, a Fundação Erico Verissimo assumiu a administração.




Moisés aprendeu a lição

O pedreiro Moisés Padilha, 34 anos, há mais de duas décadas abandonou os estudos, interrompendo a jornada escolar na 5ª série do Ensino Fundamental. Contratado para trabalhar na obra do Museu Erico Verissimo, levou um susto quando, no primeiro dia de conversa, disparou com uma professora e equações.

— Nós aprendemos por que devemos fazer esse trabalho com carinho e cuidado: para não desmanchar as paredes – ensina Padilha.

110). Apesar de ser um erro pequeno, pode prejudicar o entendimento do leitor que não conhece os dois prédios, pois posteriormente sua memória visual pode ser confrontada ao deparar-se pessoalmente com as construções.

Outro ponto importante constatado nessa matéria foi a falta de uma imagem da cúpula restaurada, que foi a primeira parte concluída das obras do prédio do Instituto Parobé. O texto transmite bem as informações técnicas da intervenção, devido à organização e à hierarquia com que as distribui no texto. À medida que lê, o indivíduo praticamente consegue visualizar tudo que foi feito naquele espaço. Por isso, falta um complemento. Se o leitor consegue compor a obra de restauro mentalmente, pode sentir necessidade de confirmar sua imaginação com uma imagem da obra finalizada.

Isso é solucionado pela Zero Hora, que, na mesma data, traz uma foto do auditório restaurado na Contracapa e também uma imagem da fachada do Instituto Parobé (com a legenda correta, vale destacar) junto ao texto, a qual pode ser observada nas figuras 7 (p. 111) e 8 (p. 112), respectivamente. Há também um box com informações básicas sobre a cerimônia de inauguração e como ajudar a restaurar os prédios históricos da UFRGS.

A respeito da relação entre imagem e texto, a Zero Hora cumpriu um papel mais eficaz, pois conseguiu ilustrar a matéria com a fachada do prédio e demonstrou o que já foi restaurado nele, nesse caso o auditório da cúpula central. É importante lembrar que essa é uma das poucas matérias que ilustra o interior de uma edificação restaurada.

Quanto ao apoio informativo que os desenhos ou maquetes computadorizados podem fornecer, a matéria sobre o incêndio do Mercado Público de Florianópolis, em Santa Catarina, publicada pela Zero Hora de 20 de agosto de

Figura 6

Engenharia da Ufrgs faz 109 anos

Engenharia da Ufrgs faz 109 anos

Inauguração de auditório marca hoje a conclusão de parte das obras de restauro do prédio histórico

A Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do RS (Ufrgs) comemora hoje o 109º aniversário e os 35 anos do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. A data será marcada pela inauguração do auditório da Cúpula Central do Instituto Parobé, que marca a conclusão da primeira etapa das obras de restauro do prédio. A obra em estilo neoclássico integra o Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da Ufrgs e, depois de restaurada, sediará a Biblioteca Central da universidade. A comemoração será realizada em solenidade, às 17h, no Instituto Parobé, com o reitor José Carlos Hennemann, o diretor da Escola de Engenharia, Alberto Tamagna, além de professores e funcionários da Escola.



Obra neoclássica vai sediar a Biblioteca Central

Com a colaboração de empresas e de pessoas físicas, o espaço da Cúpula Central foi adaptado e transformado em um auditório em forma de anfiteatro, com capacidade para 124 pessoas. Foi executado piso de tábuas de madeira sobre estrutura metálica, sobre o qual foram fixadas as poltronas estofadas, com pranchetas basculantes acopladas. As esquadrias de madeira foram recuperadas e o sistema de iluminação do novo espaço foi montado com forro rebaixado, completado por iluminação periférica nas paredes. No custo total da obra, de R\$191.521,90, também foram incluídos o restauro do telhado de cobre das cúpulas e a construção de um portão de acesso.

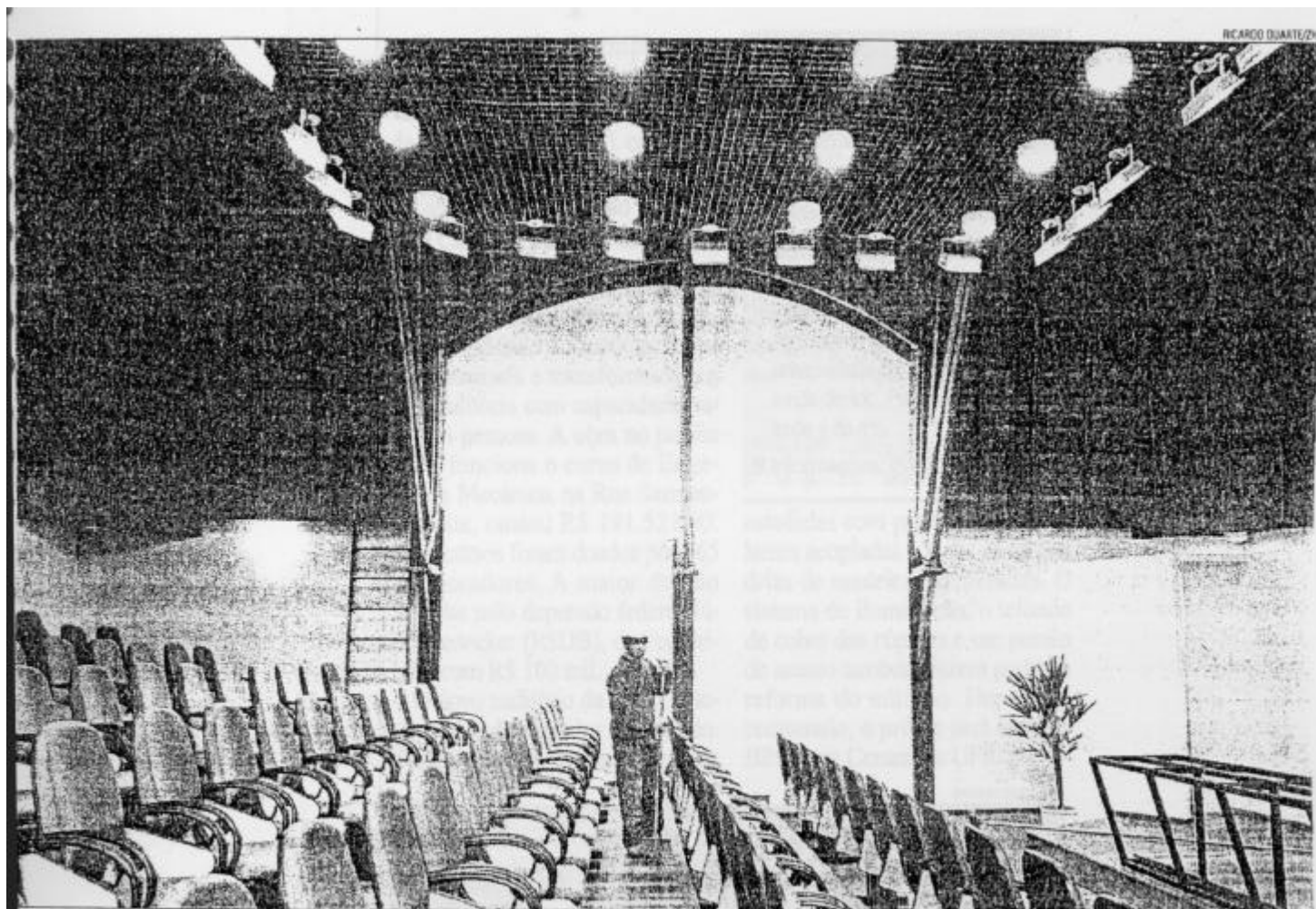
Fundada em 10 de agosto de 1896, a Escola de Engenharia Civil foi um marco importante para a Capital. A instituição já formou cerca de 13 mil engenheiros, 1,7 mil mestres e 400 doutores. Possui em torno de 4 mil alunos na graduação e pós-graduação dos nove cursos que disponibiliza: Engenharias Civil, de Materiais, de Produção, de Minas, Elétrica, Mecânica, a Mecatrônica, de Computação e a Química. A Escola possui um corpo docente formado por 196 professores (124 doutores e 48 mestres), 110 funcionários e 76 laboratórios. Já o Programa de Pós-Graduação foi inaugurado em 1970 e, desde então, tem tido uma atuação forte nas áreas de Construção, Estruturas, Geotecnia e Meio Ambiente.

Correio do Povo, 10 de agosto de 2005, p. 7, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em

novembro de 2005

Figura 7

Patrimônio resgatado



Patrimônio resgatado

A UFRGS inaugura hoje seu novo auditório, instalado na cúpula central do histórico prédio onde funciona o curso de Engenharia Mecânica, na Capital. A reforma faz parte do projeto de recuperação de patrimônio da instituição. Página 31

Figura 8

UFRGS recupera cúpula de prédio histórico

EDUCAÇÃO *Novo auditório será entregue hoje*

UFRGS recupera cúpula de prédio histórico

Com o apoio de empresas e da comunidade gaúcha, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) concluiu mais uma etapa do Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural iniciado em 1999.

A instituição entrega hoje, às 17h, a cúpula central do prédio neoclássico do Instituto Parobé restaurada e transformada em um auditório com capacidade para 124 pessoas. A obra no prédio onde funciona o curso de Engenharia Mecânica, na Rua Sarmiento Leite, custou R\$ 191.521,90. Os recursos foram doados por 165 colaboradores. A maior doação foi feita pelo deputado federal Júlio Redecker (PSDB), que contribuiu com R\$ 100 mil.

O novo auditório da UFRGS teve o piso de madeira restaurado. Também foram fixadas poltronas estofadas com pranchetas basculantes acopladas e todas as esquadrias de madeira recuperadas. O sistema de iluminação, o telhado de cobre das cúpulas e um portão de acesso também fazem parte da reforma do edifício. Depois de restaurado, o prédio será sede da Biblioteca Central da UFRGS.

Serviço

- **O que:** Inauguração do auditório do Instituto Parobé
- **Quando:** hoje, às 17h
- **Onde:** Rua Sarmiento Leite, 425
- **Como ajudar:** os recursos são captados por meio da Lei de Incentivo à Cultura, que permite ao contribuinte transferir para a universidade 6% do imposto de renda devido. Para empresas, o limite é de 4%.
- **Informações:** (51) 3316-3018

RICARDO DUARTE/ZH



Prédio: com o apoio da comunidade, Instituto Parobé ganhou auditório

2005, dá uma grande contribuição ao texto ao inserir uma foto da edificação sendo consumida pelo fogo e três desenhos esquemáticos de fácil entendimento. A imagem pode ser observada na figura 9 (p. 114).

O primeiro traz um mapa da cidade, mostrando a localização do prédio histórico, o segundo, uma planta da edificação, ilustrando a área atingida pelo fogo e alguns dos pontos usados pelos bombeiros para conter as chamas. Já o terceiro está ligado à parte atingida pelo incêndio. A imagem em três dimensões mostra exatamente o local onde começaram as chamas e para onde se espalharam. Tal especificidade não conseguiria ser transmitida apenas pelo texto e os desenhos serviram como um recurso visual mais eficaz que a foto inserida na matéria, com o objetivo de mostrar a comoção dos transeuntes, que ficaram observando o incidente.

Por ser um recurso informativo importante e bastante explorado nas matérias sobre o patrimônio edificado, as imagens precisam ser usadas de uma forma a estarem conectadas com o assunto abordado, acrescentando algo à narrativa. O excesso de ilustrações de fachadas demonstra que muitas vezes o apelo visual é usado como um mero recurso ilustrativo, não acrescentando informações ao leitor, mas apenas chamando a atenção para o que está sendo abordado no texto. As imagens internas e de prédios sendo restaurados aproximam o leitor do que está sendo noticiado e conferem mais força ao texto, pois estão diretamente conectadas a ele.

4.2 Fontes

As fontes são elementos relevantes dentro da temática do patrimônio edificado. Aparecem em 83% do total da amostra. Dentre elas, 50% correspondem a

Figura 9

Fogo destrói parte da história de Florianópolis

SANTA CATARINA Mercado Público foi atingido

Fogo destrói parte da história de Florianópolis

VIVIANE BEVILÁCCIA
* Agência RBS/Florianópolis

De olhos arregalados e respiração acelerada, Josué Figueira e João Paulo Silva, ambos de 80 anos, acompanhavam, atônitos, a movimentação dos bombeiros.

Não arredaram pé do Largo da Alfândega até o incêndio ser debelado. O Mercado Público de Florianópolis, que teve ala destruída pela chamas na manhã de ontem, havia sido palco de muitos encontros dos amigos ao longo das últimas seis décadas.

Assim como Figueira e Silva, moradores de Florianópolis acompanharam, ontem, o incêndio que destruiu uma ala inteira do Mercado Público, que em fevereiro completou 116 anos. Nas ruas, olhares de incredulidade e tristeza perante as labaredas que atingiram um dos mais importantes patrimônios históricos de Santa Catarina. Cada telha que estourava ou batente de porta que caía eram motivo de choro e apreensão. Atordoada, a população observava o trabalho de bombeiros, policiais e voluntários. O fogo começou por volta das 8h e, em pouco tempo, destruiu dezenas de boxes, na ala que reúne comerciantes de calçados e roupas.

O local é ponto de encontro da cidade. Foi ali, em 1951, que Hortêncio e Mafalda Ortigas se conheceram. O chopinho e o samba no viço central do Mercado fazem parte da rotina do casal há mais de cinco décadas. Emocionados, acompanhavam o trabalho dos bombeiros em silêncio. De vez em quando, ela deixava escapar uma

lágrima.

O que nos consola é que ninguém ficou ferido – dizia Lucia Rubik Nascimento, 62 anos, proprietária há 39 anos da Chapelaria Rubik, destruída pelo fogo.

Chamas teriam se iniciado em lanchonete

O incêndio teria se iniciado na cozinha de uma lanchonete, no momento em que se fritava peixe. Ontem, a Agência RBS falou com sete pessoas que disseram ter visto o início do fogo e afirmaram ter tentado combatê-lo antes da chegada dos bombeiros. O cruzamento dos relatos diz que o fogo surgiu na cozinha da lanchonete, no segundo piso do mercado. Da cozinha, o fogo teria passado para o depósito de uma loja de sapatos, também no segundo piso. Em seguida, atingiu madeiras do teto e fios da rede elétrica, o que acelerou o incêndio.

No desespero, alguns lojistas tentaram salvar mercadorias, mas como havia risco de morte tiveram de se afastar.

– O que eu vou fazer da minha vida agora, moço? Minhas coisinhas estavam tudo lá dentro. Meu Deus do céu, acabei com esse sofrimento – lamentava uma lojista.

Durante o trabalho dos bombeiros, ouviu-se uma pequena explosão. Eram fogos de festa que, com o calor, começaram a estourar. No total, 68 das 129 lojas ficaram destruídas. Todas ficam na ala antiga, construída em 1889. Elas geravam emprego para 300 pessoas.

viviane.bevilaquia@diario.com.br

DIVULGADO

Como foi

A parte não atingida tem 81 lojas

Incêndio teria começado na cozinha de uma lanchonete, por volta das 8h. A cozinha fica no segundo piso. De lá, o fogo teria atingido o depósito de uma loja de calçados, de onde passou para o teto e parte elétrica

Um dos pontos usados pelos bombeiros para combater o incêndio foi a torre do Frigorífico Páris. Ao todo foram usados nove caminhões. Trabalharam 86 bombeiros

A parte atingida tem 68 lojas. Todas ficaram totalmente destruídas. Os lojistas não tiveram tempo para tirar as mercadorias

A parte atingida foi inaugurada em 1888. A outra foi inaugurada em 1914. O Mercado Público é tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal

2º Piso
1º Piso

Tejado
Cozinha da lanchonete
Depósito da loja de calçados

Florianópolis (2005)

UCRE

Boletim

Port	9
Mat	8

É SEU PAPEL CORRER RESULTADOS, SIM, MAS CORRE NA MEDIDA CERTA. É NUNCA ESQUERÇA QUE O MAIS IMPORTANTE É PARTICIPAR JUNTO E ESTIMULAR O SEU FILHO NA HORA DOS DESAFIOS. TUDO ISSO FONTALECE A ALITO-ESTIMA DA CIBANCA E 88,7 CTRM PE 02 A 10 CTRM P 048,7

FONTOLECE

Fumaça negra: moradores acompanharam tentativa de salvar mercado

fontes oficiais, 13% a fontes especializadas e 20% a fontes populares. As matérias que não trouxeram entrevistas corresponderam a 17% do total. A seguir será falado sobre cada uma delas.

4.2.1 Fontes Oficiais

Coordenadores e diretores de instituições, secretários de Cultura, de Turismo, do Meio Ambiente e do Planejamento Municipal, prefeitos, governadores, presidentes de associações, superintendentes, entre outros. As pessoas que ocupam esses cargos são as mais consultadas dentro das matérias analisadas. 50% dos entrevistados correspondem às chamadas fontes oficiais, ou seja, pessoas que representam alguma instituição e respondem por ela. Nas notícias, foi possível constatar que essas fontes fornecem informações sobre os objetivos do restauro, opiniões sobre a situação do patrimônio cultural da cidade, e aproveitam, muitas vezes, para reforçar a importância ou não dos bens culturais.

Enquanto várias dessas fontes oficiais procuram valorizar o patrimônio cultural – o que é percebido pela transcrição de suas declarações nas matérias – algumas pensam um pouco diferente. Isso é demonstrado na matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 15 de maio de 2005, que aborda a luta de vereadora e moradores do bairro Petrópolis, em Porto Alegre, para preservar a chamada Casa da Estrela, como mostra a figura 10 (p. 116).

Correndo o risco de ser demolida para que possa ser construído em seu lugar um prédio de 12 andares, a moradia passou a ser um símbolo dos protestos dos moradores contra os arranha-céus que invadem a localidade. Segundo a vereadora, a autorização para a demolição foi dada pela Secretaria de Planejamento

Figura 10

Petrópolis quer preservar a Casa da Estrela

Petrópolis quer preservar a Casa da Estrela

A vereadora Sofia Cavedon disse, na sexta-feira, que a preservação da Casa da Estrela, localizada na rua Camerino, no bairro Petrópolis, ao lado de uma escadaria, é um símbolo da luta daqueles que desejam preservar o patrimônio histórico e cultural de Porto Alegre. A afirmação foi feita um dia após Sofia ter denunciado na Câmara de Vereadores que a Secretaria do Planejamento Municipal (SPM) mudou o parecer em relação ao imóvel, permitindo sua demolição e a construção, no local, de um prédio de 12 andares. Segundo a vereadora, no ano passado o Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU) para construção do prédio foi negado pela SPM e pelas secretarias municipais do Meio Ambiente (Smam) e da Cultura. Conforme o titular da SPM, Isaac Ainhorn, as denúncias são fundamento. 'Em momento algum a casa, até porque isso não é da minha disse ainda que o Estudo de Viabilidade exclusividade da SPM e que desconhece a o imóvel. 'Posso dizer que, enquanto companhia da colega Margarete Moraes e apresentava qualquer valor de interesse



desprovidas de qualquer secretaria autorizou a demolição da competência', informou. O secretário Urbanística (EVU) não é existência de um novo parecer sobre vereador, visitei o imóvel na que, em nosso juízo, ele não cultural', declarou.

Imóvel da rua Camerino é considerado um símbolo

Para a integrante do Movimento Petrópolis Vive Janete Barbosa, a casa realmente é um símbolo dos protestos dos moradores do bairro em relação ao aumento da densificação ocorrida nos últimos anos. 'Os moradores estão em desacordo e até aflitos pelo aumento no número de grandes prédios admitido no Plano Diretor', destacou ela.

Correio do Povo, 15 de maio de 2005, p. 6, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

Municipal (SPM), mas seu titular contesta que essa ordem de desmanche tenha sido atribuição do órgão e afirma que, ao visitar o local, não viu nada que pudesse caracterizá-lo como patrimônio cultural. A matéria reproduz sua declaração, que foi compilada a seguir: “Posso dizer que, enquanto vereador, visitei o imóvel na companhia da colega Margarete Moraes e que, em nosso juízo, ele não apresentava qualquer valor de interesse cultural”.

O texto não faz qualquer crítica à opinião do secretário, mas reforça a importância que a casa ganhou para aquela comunidade, considerada por essas pessoas como parte integrante do patrimônio histórico e cultural da cidade, conforme afirmação da vereadora.

Apesar de parecer a princípio muito negativa para a construção da noção de patrimônio, a declaração do vereador na verdade acaba ajudando a reforçar a importância dos bens. Primeiramente, porque é isolada, tanto dentro da matéria como em relação ao restante da amostra. É perceptível verificar que o vereador está isolado em seu ponto de vista em detrimento da comunidade que adotou a casa como símbolo de sua luta, lhe fornecendo valor e reforçando sua identidade.

Ele pode até ter embasado sua opinião ao citar o nome de outra vereadora, mas ela não foi questionada sobre a questão, portanto não demonstrou sua opinião diretamente. Além do que, em relação às demais matérias, esse secretário foi uma das únicas fontes a declarar que um imóvel não possui valor de interesse cultural, enquanto os outros entrevistados exaltam a importância e a preocupação com a preservação de imóveis e monumentos.

Pode-se verificar também que essa opinião de que um bem precisa ter certos valores para ser considerado patrimônio ainda não foi suplantada e deixa transparecer a necessidade de reforçar ações de educação patrimonial e

conscientização para mostrar que todos os bens de uma localidade são históricos, principalmente aqueles que representam a trajetória histórica, os anseios e a luta de um povo.

4.2.2 Fontes Especializadas

Apesar de serem muito importantes para esclarecer informações sobre as intervenções no patrimônio cultural, as fontes especializadas foram as que tiveram menor inserção na presente análise. Dentro da amostra selecionada, foi possível verificar a presença de arquitetos, historiadores, geólogos, arqueólogos, engenheiros, museólogos, restauradores, consultores do patrimônio histórico (Monumenta, IPHAE, IPHAN), coordenadores de entidades responsáveis pela memória cultural, assessores, coordenadores e diretores de instituições de proteção ao patrimônio (Ephac).

Percebi que quando esse tipo de fonte é consultado a matéria não fica com uma carga mais técnica, pelo contrário, as informações são transmitidas de forma consistente e possuem um maior embasamento, devido ao conhecimento desses profissionais. Na realidade, sua inserção no texto serve apenas como base para justificar ou explicar melhor uma intervenção ou até discutir assuntos polêmicos. Em toda a amostra, apenas uma das matérias era composta absolutamente por fontes especializadas.

Trata-se da notícia veiculada pelo Correio do Povo no dia 12 de abril de 2005, na qual o movimento Viva Porto Alegre (formado por associações de bairro, organizações não governamentais e professores) discute possíveis alterações no

Plano Diretor e demonstra a preocupação com as áreas de interesse cultural, como pode ser observado na figura 11 (p. 120).

Composta por três arquitetos, uma historiadora e um geólogo, a matéria lembra algumas das evoluções da norma e, guiada pelo debate promovido pelas fontes, demonstra as conseqüências disso para o patrimônio cultural da cidade. A junção de profissionais de diferentes áreas tornou a matéria muito rica, pois cada um complementou os argumentos do outro, a partir da especificidade de seus conhecimentos.

Enquanto a historiadora, por exemplo, lembrou que a urbanização tomou conta de bairros com estrutura apenas para moradias; uma das arquitetas criticou o fato de que há três anos vários prédios históricos foram derrubados para a construção de edifícios; e o geólogo, por sua vez, afirmou que a preservação não faz parte de nossa cultura (referindo-se principalmente à degradação ambiental).

Dessa forma, se pode observar que a junção de profissionais diferentes preocupados com a proteção do patrimônio cultural faz com que um mesmo assunto possa ser visto através de variados pontos de vista. Essa multiplicidade de visões só teve a acrescentar ao texto, pois ao invés de o tornar demasiadamente técnico ou sem conexão com a realidade do leitor, o deixa mais plural e consistente.

Figura 11

Viva Porto Alegre deseja mudanças

Viva Porto Alegre deseja mudanças

Associações de bairros, ONGs e professores propõem debates que venham a alterar o Plano Diretor

Gilson Camargo

Crescimento desordenado, especulação imobiliária, falta de planejamento e degradação ambiental têm comprometido a qualidade de vida dos porto-alegrenses nas últimas décadas. Os resultados incluem saturação de espaços públicos, redução de áreas verdes, alagamentos e trânsito caótico. O alerta é do Viva Porto Alegre, movimento que reúne associações de bairros, ONGs e professores em debates e propostas de alterações no Plano Diretor. 'A idéia é conhecer melhor a cidade e sugerir ações para a preservação ambiental e cultural da cidade', explica o arquiteto Nestor Nadruz, coordenador da iniciativa. A preocupação está voltada para áreas de interesse cultural, definidas no Plano Diretor de 2000 e que já tiveram projeto encaminhado para votação na Câmara Municipal. O documento identifica sítios do patrimônio cultural e ambiental e áreas de referência à identidade do município, locais que correspondem a 6% do território local. Na avaliação de Nadruz, os interesses gerais da sociedade eram atendidos minimamente, até a aprovação do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA). 'Nos últimos três anos, começaram a ser derrubados prédios históricos para a construção de edifícios e pavimentos colados, em ruas estreitas', relata. A historiadora Alda Velloso, coordenadora do movimento Moinhos Vive, diz que o PDDUA favorece a construção civil. 'Ele determina a altura-limite dos prédios, mas não contempla questões como o ordenamento da malha viária e a drenagem urbana', exemplifica. Ela constata um boom imobiliário nos últimos três anos e lembra que o Moinhos de Vento, uma das áreas a serem preservadas, tem estrutura de 1936, quando só havia moradias na região. Para o arquiteto Décio Rigatti, do curso de pós-graduação em Urbanismo da Ufrgs, é preciso resgatar discussões técnicas nas reformas do Plano Diretor. 'O planejamento ainda não reconhece questões críticas, como as sub-habitações e as áreas irregulares', alerta. 'No entanto, a cidade informal continua tão grande ou até maior do que era antes da reforma no Plano Diretor.'



Arquiteta Célia Souza, da Ufrgs, aponta problemas

Trânsito motiva críticas

A arquiteta Célia Ferraz de Souza, professora do curso de pós-graduação em Urbanismo da Ufrgs, afirma que o trânsito em Porto Alegre não foi devidamente contemplado pelos planos diretores. Segundo a especialista, desde os primeiros sinais de urbanização do Centro, a partir da rua Riachuelo, em 1772, sempre houve a preocupação em se construir avenidas radiais em direção à usina do gasômetro. Essa ligação, no entanto, sempre foi marcada por problemas, mesmo com a construção das perimetrais.

'A capital ainda tem condições de melhorar a sua estrutura viária', considera Célia. 'Não se pode admitir que, para o deslocamento de um extremo ao outro da cidade, seja necessário passar pela área central', acrescenta.

Para o geólogo e professor da pós-graduação em Geologia da Ufrgs, Rualdo Menegat, a sociedade precisa se inserir no planejamento urbano e na preservação ambiental. Um dos caminhos seria a apresentação de propostas voltadas ao resgate da qualidade de vida. 'A cidade sobe o morro lentamente, mas o lixo desce na velocidade da força da gravidade', compara. 'Não temos capacidade para deter a degradação do meio ambiente, em razão do crescimento populacional e porque a preservação não faz parte da nossa cultura.' Conforme Menegat, Porto Alegre já está produzindo uma quantidade de lixo equivalente a um estádio de futebol por ano, além de desperdiçar 300 toneladas de alimentos por dia.

Correio do Povo, 12 de abril de 2005, p. 7, disponível em

<http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

4.2.3 Fontes Populares

As fontes populares, por sua vez, aparecerem em 20% das matérias e foi verificado que seu uso pode fornecer mais autenticidade ao texto.

No dia 23 de agosto de 2005, o Jornal do Comércio (figura 12, p. 122) expôs um projeto que prevê intervenções no prédio da sede da Prefeitura de Porto Alegre visando melhorar a acessibilidade de cadeirantes¹⁴. A matéria consultou duas fontes oficiais (Secretário e Secretária Adjunta da Secretaria Especial de Acessibilidade e Inclusão Social) e também um transeunte que precisa usar cadeira de rodas para circular pela cidade. Os dois primeiros falaram sobre o projeto – que integra o plano de revitalização do Centro –, o número de cadeirantes que vivem na cidade e o direito de ir e vir dessas pessoas. Contudo, foi o depoimento do deficiente físico que justificou realmente a importância da ação.

Servindo de complemento às falas das fontes oficiais, o entrevistado demonstrou a situação de exclusão que os deficientes vivem ao dizer que tem curiosidade em conhecer muitos locais, mas na maioria não há oportunidade de acesso. Se ele não tivesse sido consultado, não haveria como saber realmente se os deficientes físicos têm essas necessidades, pois apenas o relato dos secretários não daria conta disso. Sendo assim, uma matéria que poderia simplesmente anunciar uma remodelação do prédio, serviu como uma forma de conscientizar o leitor sobre a exclusão dessas pessoas e a necessidade de remodelar e adaptar também os prédios históricos para atender a essa população.

Alguns exemplos de fontes populares encontradas nas matérias estão listados a seguir: síndico, atriz, médico, carpinteiro, bispo, militar, professor, pedreiro,

¹⁴ Deficientes físicos que usam cadeiras de rodas para se locomover.

Figura 12

Paço Municipal será exemplo de acessibilidade

Paço Municipal será exemplo de acessibilidade

Portadores de deficiência terão mais facilidades para entrar nos prédios públicos de Porto Alegre

O Paço Municipal, a sede da prefeitura no Centro de Porto Alegre, será exemplo de prédio histórico com acessibilidade aos portadores de deficiência física. Uma ordem de serviço, assinada ontem pelo prefeito José Fogaça, criou um grupo de trabalho com cinco órgãos públicos - entre eles a Secretaria Especial de Acessibilidade e Inclusão Social (Seacis) e a de Cultura - que será responsável por discutir as modificações necessárias no prédio para esta finalidade.

A tarefa deste grupo é estar, até março de 2006, com o estudo concluído para as futuras obras. A iniciativa integra a abertura da programação da 8ª Semana Municipal da Pessoa Portadora de Deficiência.

Segundo a secretária adjunta da Seacis, Belkis Moraes, o Paço Municipal foi escolhido como prioridade por ser "a casa

dos porto-alegrenses". "Até existe um equipamento de acessibilidade no prédio, mas na porta dos fundos. Isso foi totalmente rejeitado pela comunidade", explicou.

Segundo ela, os PPDs têm direito de entrar pelo acesso principal, junto com os demais frequentadores. O grupo de trabalho também decidirá que outros prédios deverão sofrer modificações - por exemplo Araújo Vianna e Usina do Gásômetro - respeitando o padrão arquitetônico das construções.

Conforme o secretário da Seacis, Tarcízio Cardoso, a estimativa é de que existam 100 mil PPDs em Porto Alegre. "Além da acessibilidade, o estudo identificará necessidades dentro dos espaços, como assentos, sanitários e funcionários habilitados em receber o portador de deficiência", avaliou.



Paulo Sérgio de Souza pede acesso pela entrada principal

O projeto, segundo Cardoso, integra o plano de revitalização do Centro, que também prevê melhorias como passagens de via e sinalização sonoras. "As obras poderão ser executadas com o apoio de parce-

rias e com recursos do governo federal", concluiu.

O cadeirante Paulo Sérgio de Souza, por exemplo, sente na pele a dificuldade de acessar os prédios públicos em Porto Alegre. "Tenho curiosidade

de conhecer vários locais, mas nunca tive oportunidade. Acho que as ruas também devem ser mais adaptadas para nos receber", disse ele ontem à tarde.

A 8ª Semana Municipal da Pessoa Portadora de Deficiência terá, neste ano, o tema Arte, Cultura e Conhecimento: Somos Acessíveis. A prefeitura participa, até o dia 28, de uma série de atividades em parceria com outros institui-

ções. Diariamente, no Mercado Público, haverá exposições de pintura e de artesanato confeccionado pelos PPDs, demonstração de escrita em Braille e apresentação de dança e ginástica rítmica da Escola Renascença.

Amanhã ocorrerá a aula inaugural do projeto de capacitação de portadores de deficiência em informática, também no Mercado Público.

proprietário de bem, estudante, pedreiro, escritor, produtor rural, empresário, instrutor de artes marciais, lojista, artista plástica, entre outros. As fontes populares são bem ecléticas e, quando são usadas, fornecem ao texto um viés mais humano e peculiar. Dependendo de sua construção, não apenas a matéria fica mais humanizada, como o objeto a que está relacionada, no caso o patrimônio edificado.

Como foi dito antes, inserir depoimentos de pessoas ligadas de alguma forma a monumentos e prédios históricos demonstra na prática sua importância para a vida delas. É o caso, por exemplo, da matéria sobre o incêndio do Mercado Público de Florianópolis (figura 9, p. 114), que traz apenas fontes populares.

No ato de relatar as lembranças mais fortes dessas pessoas ligadas ao prédio que é consumido pelas chamas, o texto consegue demonstrar um pouco do que aquele local representava para aqueles indivíduos. Espaço para encontrar diariamente os amigos, meio de sustento ou local que ficou na memória por ter sido palco de fatos importantes, essas e outras recordações citadas no texto têm o poder de revelar um pouco do sofrimento e da ligação dessas pessoas com o bem histórico.

4.2.4 Ausência de fontes

Um número razoável de matérias não possui fonte, chegando a 17%. Nesses casos, não é difícil constatar que se tratam de releases ou matérias de agência¹⁵ reescritos. Apesar desses textos ficarem carentes de informações, opiniões e esclarecimentos, encontrei uma exceção que analisarei aqui. A matéria

¹⁵ Agências de notícias são instituições jornalísticas que cobrem fatos e enviam matérias prontas às redações mediante contrato de prestação de serviço. Exemplo: Agência Estado (AE) e Agência France Press (AFP).

foi selecionada por transmitir os fatos de forma coerente mesmo sem conter entrevistas.

Esse texto foi publicado no caderno JC Logística, veiculado pelo Jornal do Comércio, no dia 30 de junho de 2005, inserido na figura 13 (p. 125) e fala sobre a restauração da Estação Ferroviária de Rio Pardo. A matéria traz os custos do restauro (cujo montante maior será pago por uma das maiores empresas de logística do País), resgata um pouco da história da edificação, descreve quais serão seus novos usos e os projetos culturais dos quais fará parte. Apesar de estar em um caderno de Logística, não há termos técnicos, as informações são bem transmitidas e o patrimônio cultural é exaltado.

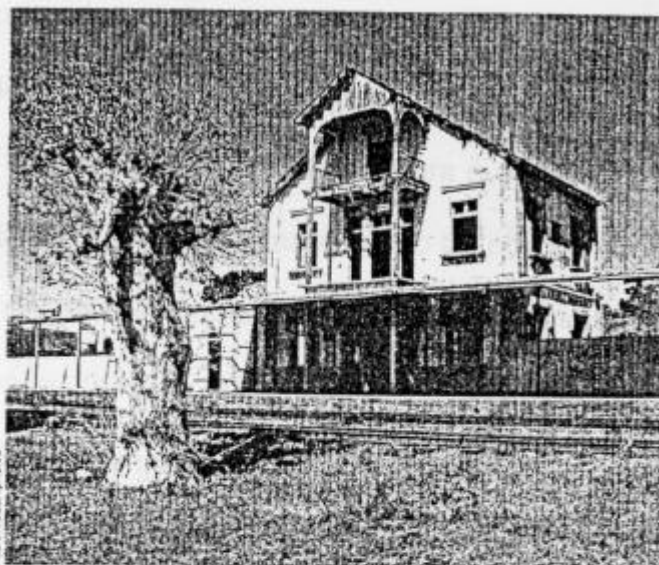
Entretanto, falta uma substância para essa matéria. Um relato, uma justificativa de que a intervenção possui relevância para a comunidade ou mesmo um depoimento de um morador das redondezas sobre o empreendimento humanizariam o texto, realizando talvez uma ação de conscientização ou educação patrimonial.

Observa-se que há uma inserção muito grande de fontes oficiais em detrimento das fontes populares e especializadas. Isso pode ser explicado devido às rotinas jornalísticas, como discutimos anteriormente no capítulo sobre memória e comunicação. Nas matérias analisadas ficou claro que algumas vezes a contribuição das fontes oficiais não é tão significativa, enquanto que a inserção de fontes especializadas confere ao texto mais aprofundamento e o uso de fontes populares muitas vezes justifica melhor o texto, mostrando a ligação entre as pessoas e os bens históricos e culturais.

Figura 13

ALL restaura a estação ferroviária em Rio Pardo

ALL restaura a estação ferroviária em Rio Pardo



Concessionária de ferrovia recupera prédio para uso cultural

Entram na reta final as obras de restauração da estação ferroviária central de Rio Pardo, no sul do Estado. O trabalho, que iniciou em janeiro deste ano, deve ser concluído em agosto, com a entrega do prédio totalmente revitalizado. Dos R\$ 76 mil investidos, a América Latina Logística (ALL) financiou 95,65% do montante - R\$ 36,7 mil em recursos próprios e R\$ 36 mil a título de pagamento de Imposto Territorial Urbano (IPTU). A prefeitura completou o investimento com R\$ 3,2 mil.

O projeto prevê a ocupação das novas instalações pela Agência de Desenvolvimento local, pelo Conselho Municipal de Cultura e pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico de Rio Pardo. A reforma faz parte do projeto de revitalização da ferrovia na cidade, que prevê a instalação de uma linha turística de 59 quilômetros até o município de Cachoeira do Sul.

O Movimento Civil de Preservação Ferroviária (MCPV)

já encaminhou à prefeitura de Rio Pardo o projeto de restauro de todas as estações do trajeto, orçado em R\$ 1,8 milhão, que serão custeados pelo Ministério da Cultura. A intenção do MCPV é transformar as quatro estações da linha (Centro, Ramiz, Galvão, Bexiga e Cachoeira) em pontos turísticos, instalando cafeterias, restaurantes e pontos de venda de artesanato, além de unidades de um memorial, que ajudarão a contar a história das estradas de ferro no Estado e no Brasil.

A construção da estação Centro remonta a 15 de março de 1877, quando os representantes da Câmara Municipal formalizaram o pedido de abertura da ferrovia, que hoje é a terceira mais antiga do Estado. Depois de mais de um século, em 1979, a gare foi reconhecida como patrimônio histórico e cultural do município, mas acabou desativada para o transporte de passageiros nos anos 80. Agora as estações vão ganhar nova vida.

4.3 Enfoque

Em grande parte das matérias não foi tão fácil delimitar o enfoque. A maioria dos textos mesclava aspectos culturais, históricos, econômicos e até turísticos, dificultando a definição de cada um deles. Conjugado a isso havia também o apelo ligado às edificações e monumentos, que, em certos momentos, por apresentarem características ligadas à cultura e à memória poderiam levar a análise para esses setores, apesar de a matéria não ter propriamente esse enfoque.

Foi necessário então embasar bem cada um dos itens desse indicativo para que a análise fosse o mais objetiva possível. Lembrando que Moraes (1999) afirma que os pontos analisados devem se centrar em apenas uma das categorias, procurei definir cada uma delas com base nos conceitos já discutidos nesse trabalho, como foi explicado anteriormente.

4.3.1 Cultura

Para serem consideradas com enfoque cultural, o conteúdo das matérias precisou ao mesmo tempo falar sobre o conjunto da edificação e de sua relação com os cidadãos. Ou seja, se a matéria tinha alguns traços culturais, mas não demonstrava como as pessoas poderiam relacionar-se ao assunto abordado, não entraram nessa classificação. Praticamente todas as matérias com enfoque cultural (13% do total) mostraram-se superficiais e com carência de informações.

Contudo, a matéria sobre a restauração da Biblioteca Pública do Estado publicada pelo Jornal do Comércio de 2 de maio de 2005 (figura 3, p. 105) conseguiu, ao mesmo tempo, demonstrar a preocupação com a intervenção e

também sua relação com os freqüentadores do espaço. Além de estar ligada a uma manifestação cultural, a matéria mostra sua preocupação com o leitor e o fato de que, devido à reforma, talvez o acesso às obras do acervo da biblioteca esteja restrito. Apesar de esse ponto estar presente apenas em uma declaração da fonte consultada, é possível constatar que, indiretamente, o texto fala que as melhorias não serão um benefício apenas para a edificação, mas afetarão também os leitores que procuram obras literárias no local.

Porém, seu enfoque cultural entra em confronto com a problemática da restauração e da degradação pela qual a edificação passa. Se tivesse mais elementos focados na cultura e na importância da restauração do espaço para que ele continue sendo um mediador dos conhecimentos e da descoberta dos livros pelos gaúchos, talvez fosse capaz de demonstrar de fato a relevância da intervenção.

Assim como essa, as demais matérias igualmente pecaram por falta de informações e conexões culturais sobre os bens a que fazem referência. Assim como outras notícias, que, por não demonstrarem uma interação a nível social, foram inseridas no enfoque Outros, devido a essa fragmentação.

4.3.2 Memória

O número de matérias com enfoque essencialmente na memória é muito baixo. Corresponde ao indicador de menor inserção, com apenas 3% do total da amostra. Na medida em que resgatam essas diferentes memórias individuais, as matérias estão resgatando também a memória de cada leitor, que, baseado nesses

relatos, podem também recordar momentos importantes vividos naquele prédio histórico.

Um exemplo que cabe destacar é o da matéria que enfoca o projeto para colocar o histórico sino de volta à torre da antiga igreja das Ruínas de São Miguel das Missões. Publicada na Zero Hora, do dia 4 de agosto de 2005, está inserida na figura 14 (p. 129). Apesar de discutir a viabilidade da obra para não danificar o prédio tombado, se percebe que a intenção é resgatar a memória de cada um dos moradores e da cidade como um todo também.

O texto mostra que o instrumento fazia parte da vida das pessoas (“acordava o povoado” e “alimenta sonhos da comunidade”) e da história, pelo fato de ter tocado quando Sepé Tiaraju foi para a guerra. Essas pequenas recordações denotam a importância social desse sino, que demonstra sua importância não apenas por ser um artefato histórico e milenar, mas por fazer parte do passado e dos sonhos futuros do povo que habita a região.

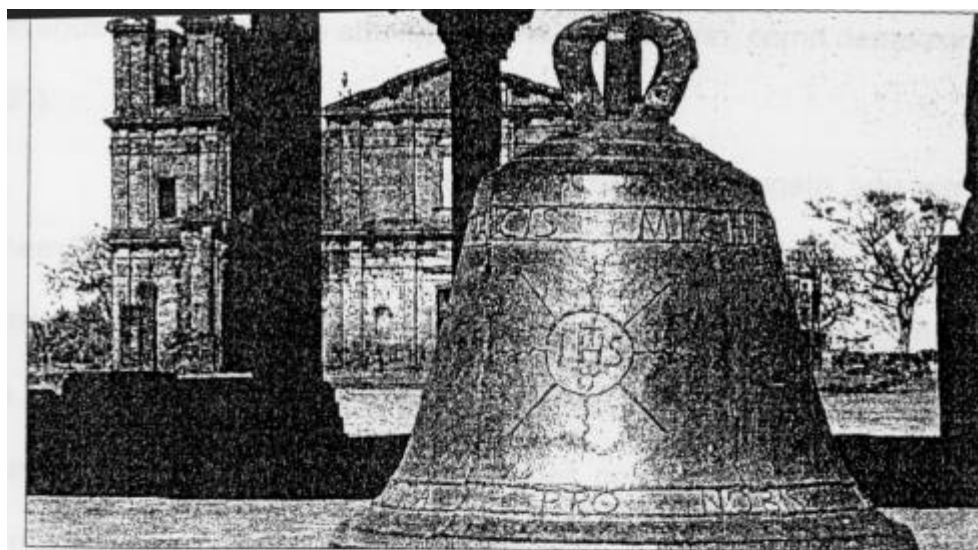
O número de matérias com enfoque na Memória é pequeno, mas as notícias voltadas para esse indicador são diversificadas, enfocam tanto lembranças individuais e sociais. Com essas recordações que traz em si mesmo, o texto também demonstra um pouco da importância do bem cultural como fonte de memória.

4.3.3 História

Dentro dessa categoria, as matérias com cunho histórico foram as que mais estiveram presentes. Enquanto algumas recontavam a história de determinada cidade ou grupo social tomando por base uma edificação histórica, outras discutiam aspectos marcantes da história atual conectando com as edificações antigas. Um

Figura 14

Projeto quer que sino das Ruínas volte a badalar



Cuidado: a colocação do sino no alto da torre dependerá de avaliação, para que objeto e ruínas não sejam prejudicados

HISTÓRIA São Miguel das Missões pretende reavivar símbolo de 279 anos

Projeto quer que sino das Ruínas volte a badalar

SILVANA DE CASTRO

◆ Casa Zero Hora/Missões

Em silêncio há pelo menos 200 anos, o sino da antiga Redução de São Miguel Arcanjo alimenta sonhos da comunidade, que espera ouvir suas badaladas novamente.

Exposto no chão do sítio arqueológico de São Miguel das Missões, ao lado do museu, o instrumento que mobilizava padres e índios da redução jesuítica-guarani no século 18 motivou uma proposta para sua recolocação no alto da torre da antiga igreja das Ruínas.

A proposta é encabeçada pelo irmão marista e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Cultura Indígena da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Edison Hüttner.

— O ideal para o sino é colocá-lo onde ele estava. O encanto de ouvi-lo novamente é algo inédito, de simbolismo latente — diz Hüttner.

Hüttner conversará com arquitetos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e com a



Projeção: instrumento iria para torre

comunidade sobre a viabilidade.

— Levar o sino para cima vai depender de avaliação, para que não sejam danificados nem as ruínas nem o sino — diz o arquiteto do Iphan, Luiz Antônio Custódio.

De bronze, com 1m10cm de altura e 1m15cm de diâmetro, o sino não tem seu peso medido oficial-

mente, mas estima-se que seja entre uma e duas toneladas. Ele teria uma rachadura, o que poderia dificultar que seu som ecoasse plenamente. Com inscrições em latim, o instrumento é datado de 1726.

— Há uma visão de que o local é uma igreja. No entanto, é uma ruína. Temos vontade de utilizá-la de muitas formas, mas existem limites — esclarece Custódio.

A proposta não é descartada pelo Iphan, mas não está no seu foco.

— Poderia ser feita uma cópia do sino, deixando claro que não é o original, para que se ouça as badaladas. É uma questão de reviver a história. O sino acordava o povoado às 5h e tocava quando Sepé Tiaraju saiu para a guerra — conta o secretário de Turismo de São Miguel das Missões, José Roberto de Oliveira.

silvana.castro@zerohora.com.br

Você acha que o sino original deve ser colocado no alto da torre? Deixe sua opinião no mural do clicRBS.
www.zh.clicrbs.com.br

exemplo disso é a matéria publicada pelo Correio do Povo de 17 de maio de 2005, que mostra a preocupação de dois moradores de Uruguaiana em fixar a imagem de casarios e monumentos através da arte do desenho, como demonstra a figura 15 (p. 131).

Segundo eles, é importante fazer esse resgate artístico para garantir a “memória da arquitetura e da história da cidade”, materializada nesses bens que representam datas, episódios, estilos arquitetônicos e personagens da cidade. Além de ser um resgate histórico, essa iniciativa é uma demonstração de preservação e alerta contra as modificações constantes pelas quais os bens da cidade passam, como depredação, degradação ou descuido.

Mostrando que os desenhistas precisarão até recompor prédios e ruas que não existem mais, através de fotos e depoimentos de antigos moradores, a necessidade de preservar esses guardiões de memória e história torna-se evidente e nesse ponto a matéria pode prestar um grande serviço como fonte de conscientização do povo que ainda pode fazer algo para manter sua história.

Outra matéria interessante com enfoque histórico foi veiculada no Correio do Povo de 10 de julho de 2005. Fala sobre a Fonte Pedroso, que resistiu ao tempo e há muitos anos faz parte da história de Encruzilhada do Sul. Muito bem escrito, o texto (figura 16, p. 132) fala na fonte construída em 1863 como se ela fosse um personagem do local, pois além de ser um significativo ponto turístico, participou intensamente da história e da vida da cidade.

A notícia fala que a fonte presenciou revoluções, a evolução histórica da cidade, a chegada do automóvel, da luz elétrica e também forneceu água para a comunidade em vários momentos. O único ponto que falta ser citado no texto é se a fonte possui uma garantia de proteção, como um tombamento ou alguma medida

Figura 15

História é resgatada a bico-de-pena

História é resgatada a bico-de-pena

Dois artistas utilizam a técnica para retratar casarios e personagens do município de Uruguaiana

O encontro de dois artistas plásticos, escritores e historiadores resultou no lançamento oficial do projeto cultural 'Uruguaiana na linguagem plástica e histórica'. O professor Daniel Fanti e o militar da reserva Carlos Fontes estão resgatando a história do município da região Fronteira-Oeste do Estado por meio de desenhos. Eles utilizam a técnica bico-de-pena para retratar casarios particulares, comerciais, públicos e monumentos que representam os estilos arquitetônicos, datas, episódios e personagens e figuras folclóricas que escreveram a trajetória dos uruguaianenses nos últimos 150 anos.



Catedral Santana e praça Rio Branco

O resultado do projeto será a edição de um álbum com 300 páginas e 240 ilustrações, incluindo a sede e o interior do município. Segundo os autores, a obra terá tiragem de 2 mil exemplares. 'A rapidez com que prédios e logradouros são destruídos ou alterados justifica a necessidade, imediata, da execução do trabalho', afirma Daniel Fanti. 'A transformação tem ocorrido da noite para o dia, sem haver registro que possa garantir a memória da arquitetura e história da cidade, principalmente daqueles pontos que não são tombados pela prefeitura', acrescenta Fontes.

Os artistas lembram a depredação e a degradação do memorial citadino ocorridas, principalmente, no fim dos anos 70 e no início da década de 80 do século passado, com a chamada 'invasão dos argentinos' e a indiscriminada alteração de prédios residenciais e comerciais. Alertam que até mesmo as edificações tombadas como patrimônio histórico e cultural da cidade fronteira estão sofrendo com a depredação e a falta de conservação.

A intenção dos artistas é concluir o projeto cultural no dia 29 de maio do próximo ano, data em que o município de Uruguaiana comemorará 160 anos de sua emancipação política. Estarão incluídas no trabalho final as reproduções de prédios e logradouros que já não existem mais. Nesse caso, as imagens serão captadas de fotos, quadros e depoimentos de antigos moradores da cidade.

Correio do Povo, 17 de maio de 2005, p. 18, disponível em
<http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

Figura 16 Fonte resiste à expansão urbana

Fonte resiste à expansão urbana

Encruzilhada do Sul preserva nascente que aplacou a sede de tropeiros paulistas e inspirou poetas

Otto Tesche

Uma nascente no centro de Encruzilhada do Sul, região do Vale do Rio Pardo, resiste ao tempo e ao avanço do urbanismo. A Fonte do Pedroso já foi lugar de parada dos tropeiros paulistas que interligavam os domínios portugueses no Brasil com a Colônia do Sacramento, no Uruguai. Acompanhou várias evoluções históricas e serviu de inspiração para muitos poetas. Hoje, segue como um dos pontos turísticos mais conhecidos do município e faz parte do seu lendário. A história segundo a qual 'viventente que bebia água da Fonte do Pedroso casava' é tão velha quanto a própria cacimba.



A tradição diz que o peregrino ou forasteiro que, por ventura, cruzasse pelo rincão dessa querência e bebesse água na fonte ficaria ligado, para sempre, ao chão hospitaleiro de Encruzilhada. Em outra versão do provérbio, os versos da música 'Canto de vida', de Beto Barros, dizem que 'quem bebeu desta fonte, daqui não sai mais não, e quem não pode ficar, guarda a serra no coração'. O local da fonte transformou-se em um belo recanto histórico.

Fonte do Pedroso é ponto turístico da cidade e alimenta lendas

Em 15 de julho de 1992, foi inaugurada uma praça para acomodar melhor os moradores ou turistas que visitavam a fonte. Apesar de hoje o veio não brotar mais no local de origem, continua correndo em um terreno vizinho. A coordenadora do Departamento de Cultura, Laís Wagner, destaca que ali se esconde uma das páginas mais fascinantes da vida de Encruzilhada do Sul. A nascente muitas vezes abasteceu a cidade devido a problemas na rede da Corsan.

Laís Wagner costuma brincar que é testemunha dos poderes da água. Natural de Santa Cruz do Sul, ela reside em Encruzilhada do Sul há 20 anos. Lembra que, no início da década de 90, um problema na rede de energia elétrica deixou a cidade sem água potável por três dias. A população se abasteceu com carrinhos de mão na Fonte do Pedroso. Hoje, quase ninguém utiliza a água para consumo humano e não há estudos recentes sobre a potabilidade.

Correio do Povo, 10 de julho de 2005, p. 13, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005.

protetora. Como pode ser percebido, muitas vezes a história do bem está interligada com a história da localidade e do grupo social. Fazer esse resgate e demonstrar as peculiaridades de ambas auxilia a embasar melhor o texto, trazendo autenticidade à narrativa e estimulando a discussão histórica por parte do leitor.

4.3.4 Turismo

Talvez devido ao ritmo intenso a que estamos submetidos e às constantes cobranças por realizar sempre ações que gerem utilidade, a atividade turística não é mais vista como um mero exercício de entretenimento.

As pessoas querem aprender sobre a história, a cultura e as peculiaridades do local que estão visitando. Por isso, ao escrever sobre turismo, os jornalistas mostram-se cada vez mais preocupados em mostrar que a visita a determinados destinos pode oferecer muito mais do que a descoberta de uma bela paisagem. Acerca disso, 5% das matérias mostraram inserir questões relacionadas ao patrimônio edificado em seus textos.

No jornal O Sul no dia 9 de junho de 2005 (figura 17, p. 134), uma notícia apresenta alguns dos roteiros para conhecer melhor o Estado. O texto diz que o Rio Grande do Sul se diferencia do restante do País por investir não só em “programas turísticos tradicionais”, mas também em apresentar roteiros “inusitados e culturais”.

Fala sobre a Rota das Missões, através da qual o público pode conhecer a história dos jesuítas. A visão do turismo cultural fica mais explícita logo a seguir, quando o texto afirma que as ruínas atraem turistas em busca de cultura.

Outra matéria que une turismo, cultura e história é apresentada pelo Jornal do Comércio no dia 8 de julho de 2005. A notícia relata a transformação de

Figura 17
O Sul e os seus diversos roteiros

O Sul e os seus diversos roteiros.

DIVULGAÇÃO/ O Sul

Se o Nordeste e outras regiões do Brasil atraem com o sol e o mar, o Sul também tem seu charme único. Oferece tanto o aconchego da serra como o calor do litoral, em roteiros turísticos para atrair visitantes de todos os gostos o ano inteiro.

Este era o grande diferencial da região Sul no Salão de Turismo, seguindo as diretrizes do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, lançado pelo governo federal em abril de 2004. Os três Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) investem não só nas programações tradicionais como também em roteiros inusitados e culturais, repletos de cheiros, sons e cores diferentes.

O Rio Grande do Sul, por exemplo, deixou um pouco a belíssima Serra Gaúcha para apresentar a Rota das Missões, distante 460 quilômetros de Porto Alegre, composta por 24 municípios. O roteiro conta a história dos jesuítas que em 1609 se instalaram no Sul para catequizar os índios guaranis. As ruínas das reduções jesuítas-guaranis, preservadas em sítios arqueológicos protegidos pelo Instituto do Iphan (Patrimônio Histórico Nacional) atraem milhares de turistas que viajam em busca de cultura.

O Estado apresenta oito pólos turísticos, privilegiando o ecoturismo e aventura em destinos que agregam diversas modalidades de esportes,

como no Vale do Rio das Antas, com a região da uva e do vinho, além do Pólo dos Altos da Serra, que propicia aventuras na região dos cânions.

Mais que um símbolo, a herança rural do Rio Grande é hoje um destino. Viajar pelos rincões é ver de perto sua história peculiar, presente no vento minuano que varre campos e coxilhas, na proza e verso no folclore de sua gente e em cada pedaço do pampa.

Cada vez mais procurado, o turismo rural tem, além da hospitalidade tradicional – traduzida na roda de mate, que aproxima forasteiros –, o gostoso sabor da comida típica feita no fogão à lenha e um churrasco bem gaúcho junto ao fogo de chão. E nada melhor do que conhecer de perto e fazer parte, mesmo que por poucos dias, da vida de uma fazenda. Para isto, existem muitas dedicadas ao turismo, sedes de fazendas produtivas, históricas ou não, dispostas de área, mobiliário e decoração adequados, onde seu proprietário compartilha o uso da casa com hóspedes que participam nas atividades do estabelecimento. Ordenhar o gado, dar alimento a aves e porcos, cavalgar pelos campos, tudo que a cidade grande não nos permite conhecer, está ao nosso alcance.

Para saber mais sobre as riquezas do sul acesse www.turismo.rs.gov.br.



PATRIMÔNIO Cultural da Humanidade: as Ruínas de São Miguel.

charqueada de Pelotas em pousada, que conserva as características das construções antigas e possui uma decoração inspirada no apogeu econômico da cidade, formando um “ambiente que mescla história, conforto e requinte”, como pode ser visto na figura 18 (p. 136). Assim, o leitor é convidado não só a relembrar fatos históricos da localidade, mas a participar deles, revivendo traços de épocas passadas.

Todas as matérias utilizam a questão do patrimônio edificado como mote para chamar a atenção de turistas a visitarem as localidades. Apesar disso, não tratam o patrimônio como produto, algo acabado ou com viés comercial. Pelo contrário, conseguem demonstrar a importância do patrimônio como fonte de informação histórica e cultural de uma comunidade ou de períodos históricos.

4.3.5 Economia

O enfoque econômico, que corresponde a 5% do total de matérias analisadas, pode estar presente nos textos de várias maneiras. No presente trabalho, esteve relacionado às melhorias que o restauro pode gerar direta ou indiretamente, além de estar ligado aos investimentos e gastos com restauração e conservação de prédios e monumentos.

É interessante, no entanto, quando a motivação para o restauro tem um viés econômico. Isso pode ser percebido na matéria que reivindica a restauração dos Mercados do Bom Fim e Público, de Porto Alegre. Divulgada no Correio do Povo do dia 1º de maio (figura 19, p. 137), mostra que o objetivo maior da intervenção está relacionado à economia e às vantagens que isso irá gerar para aumentar e qualificar o público que frequenta o local.

Figura 18

Charqueada vira pousada em Pelotas

ECONOMIA

Sexta-feira e fim-de-semana
8, 9 e 10 de julho de 2005

11

TURISMO

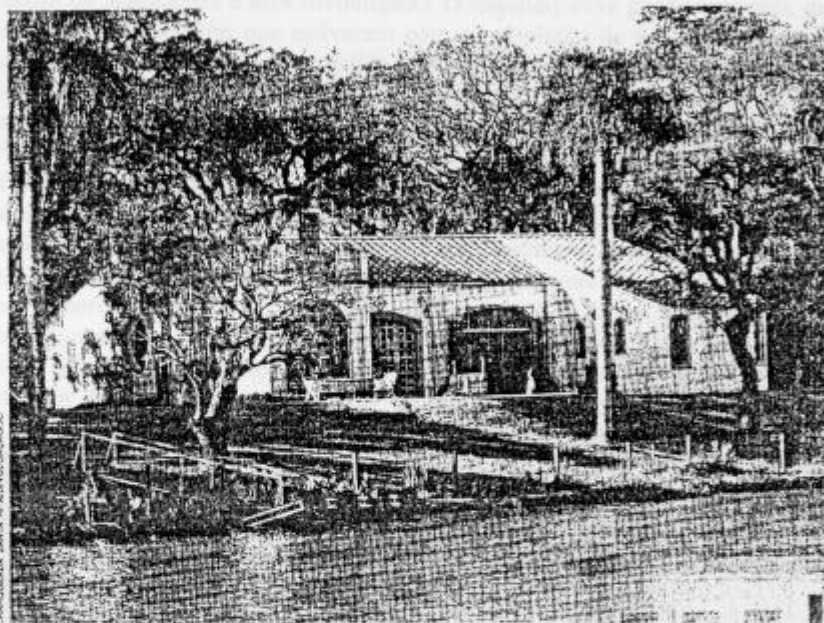
*Charqueada vira pousada em Pelotas**A Santa Rita oferecerá um serviço de luxo e passará a integrar a Associação de Hotéis e Roteiros de Charme*

Larissa Mamouna

A charqueada Santa Rita, em Pelotas, abre suas portas para os turistas. Na próxima quinta-feira, inaugura seis suítes, num ambiente que mescla história, conforto e requinte. Na construção de 1826, os hóspedes poderão fazer uma viagem ao cotidiano das famílias gaúchas do século XIX, sem deixar de lado os benefícios da tecnologia, como a internet banda larga. As instalações, cuidadosamente decoradas com madeira de pinho, mármore carrara e revestimento em azulejo alemão, resgatam para os visitantes da propriedade fragmentos da secular história do município.

O sócia-proprietária da Santa Rita, Suzete Shiviawsky Clark, conta que o local pertenceu a Inácio Rodrigues Barcellos, proveniente da família com maior número de charqueadas na região. Com o fim do ciclo de vendas do charque, motivado principalmente pela abolição da escravidão, foi instalada na propriedade a primeira fábrica de enlatados de carne de Pelotas. "Com destino à Europa", conta ela.

Atualmente, o local abriga o Museu do Charque e, a partir da próxima semana, se transformará em uma bela pousada. "São 12 hectares num ambiente agradável, com tratamento personalizado para os hóspedes", explica Suzete. Ela não revela o valor investido nas suítes que serão inauguradas no dia 14 de julho, mas adianta que os banheiros possuem ladrilho hidráulico - revestimento comum utilizado nas casas mais abastadas da época -, a lareira principal é coberta por



A construção preserva a história com instalações requintadas

azulejos portugueses e o mobiliário foi todo adquirido em antiquários. Há camas, por exemplo, de bronze e ferro, e guarda-roupas revestidos de raízes de roseira, com espelhos bizotês, e ânforas de terracota complementam a decoração inspirada no apogeu econômico de Pelotas.

"Estamos apostando muito na valorização do turismo em Pelotas. A cidade reúne o maior conjunto da arquitetura neoclássica do País", destaca Suzete. A finalização do projeto teve colaboração do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/

RS). Conforme o resultado dos negócios, nos próximos meses ela adianta que há planos para expansão das suítes. "Serão construídos mais três quartos. A medida tem, entre vários objetivos, o ingresso na Associação de Hotéis e Roteiros de Charme. A entidade, reúne empreendimentos que primam pela união do bom gosto e da atenção aos detalhes para servir os hóspedes.

Detalhes sobre as suítes podem ser encontrados no site www.charqueadasantarita.com.br. As diárias para casal com café da manhã estão a partir de R\$ 140,00. Já a visita



guiada custa R\$ 8,00 por pessoa. A Charqueada Santa Rita encontra-se localizada a 6 km do Centro de Pelotas, na Estrada da Costa nº 200, Bairro Areal e tem capacidade de atendimento para até 20 pessoas.

Capital nacional do doce celebra 193 anos

Pelotas, também conhecida como capital nacional do doce, por causa da herança gastronômica portuguesa, completou ontem 193 anos. Para marcar a data, uma intensa programação cultural foi realizada durante a semana. O município se prepara agora para incrementar o turismo na região.

Segundo a Secretaria de Turismo de Pelotas, a cidade vai ganhar em breve uma sinalização específica para atender

as necessidades dos visitantes. O projeto, orçado em R\$ 100 mil, já está aprovado. O próximo passo para sua execução será o início do período de licitações.

Atualmente, o município integra o roteiro histórico Caminho Farroupilha, desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio ao Micro e Pequeno Empresário (Sebrae/RS) e a rota religiosa Caminhos da Fé. Já o roteiro Pelotas Colonial dá destaque a zona rural da cidade.

O Teatro Sete de Abril, por exemplo, distrai as famílias de Pelotas desde 1833. Atualmente, é o mais antigo do Brasil em funcionamento. O projeto foi do engenheiro alemão Eduardo Kretschman. Durante a Revolução Farroupilha foi usado pelo general Bento Gonçalves para usos militares. Foi totalmente restaurado em 1997, através de uma parceria com o governo estadual, municipal e Arroz Extremo Sul.

Figura 19

Mercados passarão por reformas

Mercados passarão por reformas

Permissionários do Bom Fim se reunirão com prefeitura para revitalizar o local e solucionar problemas

Mônica Bidese

Os dois mercados mais importantes de Porto Alegre passarão por reformas este ano: o do Bom Fim e o Mercado Público. O primeiro necessita de adaptações e será revitalizado. O segundo deve ganhar um mix de lojas no 2º piso. Os comerciantes do Mercado Bom Fim que estiverem com a permissão de uso dos espaços vencida não terão seus contratos renovados automaticamente. A medida, anunciada pelo secretário municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), Idenir Cecchin, integra as ações para revitalizar o tradicional mercado, entre as avenidas Osvaldo Aranha e José Bonifácio. Ali há bancas de flores, jornais e revistas, artesanato, além de bares e restaurantes. O secretário deverá reunir os permissionários, já que o Mercado não está respondendo às expectativas da prefeitura, dos moradores do bairro e dos comerciantes. A intenção é acabar com os bares, situados nos fundos do Mercado, ao lado do parque de diversão, para coibir a circulação de usuários de droga na área. 'Há uma idéia de melhorar os restaurantes, de transformá-los em estabelecimentos temáticos, com comidas típicas', destaca Cecchin. Circulam por dia pelo Mercado milhares de pessoas e o objetivo é que a população consuma no local, gerando emprego e renda. As possíveis mudanças têm o apoio dos comerciantes. A maior queixa é quanto à falta de segurança dos estabelecimentos que têm de fechar suas portas por volta das 19h. Dos 25 pontos disponíveis, seis deixaram de funcionar, sendo a maioria na parte interna. 'A clientela deixa de frequentar os restaurantes por falta de segurança e isso se reflete na economia', diz o representante dos Restaurantes e Bares do Mercado Bom Fim, Antenor Guerra. Permissionário há 15 anos de um ponto do mercado, ele mantém em funcionamento um dos tradicionais restaurantes e está engajado na luta por alterações da estrutura do Mercado. 'Não podemos aceitar que as decisões partam da prefeitura. Já houve tentativa de revitalizar o Mercado, mas a idéia não saiu dos gabinetes', salienta.



Uma das idéias é abrir restaurantes temáticos, com comidas típicas

Prédio de 1869 receberá pintura e reparos

O Mercado Público de Porto Alegre terá alterações neste ano. A arquitetura neoclássica erguida em 1869 no Centro receberá nova pintura e reparos na construção. A obra integra as ações de manutenção de prédios públicos tombados e restaurados pelo patrimônio. A licitação tramita na Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio (Smic) e deverá estar concluída em 120 dias. A previsão do secretário Idenir Cecchin é de que em fevereiro de 2006 a pintura esteja concluída. Outro projeto em processo de negociação entre a prefeitura e a Associação dos Comerciantes é a instalação de câmeras com o objetivo de intensificar a segurança. 'A idéia é fazer do Mercado um local de referência para impulsionar a economia e o turismo', defende o presidente da Associação dos Comerciantes do Mercado Público, Fortunato Machado. São 117 bancas nos dois pisos, gerando mais de 900 empregos diretos. Cerca de 200 mil pessoas circulam, por dia, pela área. Uma reivindicação antiga dos comerciantes é um estacionamento no Largo Glênio Peres, que está liberado à noite durante a semana e sábado e domingo de manhã e tarde. Machado defende a abertura de licitação para a ocupação de espaços no 2º piso. Conforme Cecchin, a Smic pretende definir com os permissionários o melhor mix de lojas para o local.



Apesar de valorizar as melhorias em sua parte histórica, o Mercado Público também almeja mudanças de seu segurança e na extensão do horário de abertura do estacionamento.

E também é curioso perceber como algumas matérias que, à primeira vista pareciam ter um cunho cultural, acabam se mostrando muito mais voltadas para as áreas de economia e infra-estrutura.

Assim, as intervenções no patrimônio cultural podem ter tanto uma motivação econômica, como no caso da primeira matéria analisada. Podem também demonstrar a questão dos altos investimentos que intervenções como o restauro demandam ou, por sua vez, revelar o impulso econômico que uma revitalização ou um restauro podem trazer ao estimular, mesmo que indiretamente, atividades de turismo e entretenimento. Ou seja, voltar os olhos para o patrimônio tornou-se algo lucrativo.

Matérias desse tipo correm o risco de transformarem edificações e monumentos em produtos de consumo, o que diminuirá sua importância histórica e cultural, pois o patrimônio não é algo acabado e estático.

4.3.6 Marketing Cultural

A imagem de muitas empresas é reforçada por ações culturais como a preservação e o restauro de edificações históricas. Dessa forma, as instituições acabam ganhando espaço na mídia, consolidando sua relação com os clientes e, o que é melhor, ganhando novos. Apenas duas matérias com esse enfoque estiveram presentes na amostra, totalizando 5% do total.

A primeira reforça a imagem do evento Casa Cor, que, segundo o texto, já é consagrado por restaurar imóveis que depois se transformam em palco para a mostra de decoração. A matéria do Jornal do Comércio de 16 de maio de 2005 (figura 20, p. 140) já começa com a frase “Depois de vários anos contribuindo para a revitalização de prédios históricos do Rio Grande do Sul, que se transformaram em importantes centros culturais, a Casa Cor 2005 [...]”.

O texto fala que, apesar de não estar situada em um local que faz parte do patrimônio cultural de Porto Alegre, a mostra será sediada em uma casa construída em 1958, que retrata um pouco do estilo de vida da capital nos anos 60. Essa matéria demonstra que a tradicional mostra de Arquitetura consagrou-se ainda mais após investir no restauro de prédios históricos. Independentemente da intenção da empresa que organiza a Casa Cor.

É difícil não ligar seu nome ao restauro do Pão dos Pobres, por exemplo. O prédio foi restaurado em 2004 para abrigar a exposição e ofereceu diversas melhorias para as crianças que vivem lá, como a solução de problemas de degradação e expansão dos leitos.

No mesmo mês, o Jornal do Comércio trouxe à tona novamente o tema da valorização do patrimônio cultural como uma forma de marketing cultural das empresas, como pode ser visto na figura 21 (p. 141).

A matéria, veiculada no dia 30, mostrou que cada vez mais as instituições financeiras estão investindo no chamado marketing bancário, aplicado principalmente nas áreas de cultura e esporte.

Um dos bancos citados é o Santander/Banespa, elogiado pela criação do Santander Cultural, em um projeto que envolveu o restauro de um prédio de 1927, que atualmente reúne exposições, mostras culturais, cinema e música. A explicação

Figura 20

Casa Cor exhibe conforto e luxo

Casa Cor exhibe conforto e luxo

A mostra acontece a partir de setembro e vai ocupar um casarão dos anos 60 no bairro Petrópolis

Larissa Mamouna

Depois de vários anos contribuindo para a revitalização de prédios históricos do Rio Grande do Sul, que se transformaram em importantes centros culturais, a Casa Cor 2005 vai se voltar para o lar, doce lar. A missão este ano é mostrar para os consumidores alternativas de como morar bem. Ou seja, o que é conforto, elegância e funcionalidade nos dias de hoje. As propostas poderão ser conferidas a partir de 16 de setembro numa bela residência localizada na Avenida Carlos Gomes, nº 1.900 - em Porto Alegre.

"Ano a ano temos o desafio de inovar, quebrar a referência, surpreender o nosso público", destaca a franqueada do evento no Rio Grande do Sul, Marina Nessi. Por isso, ela explica que o local escolhido tem como característica principal a arquitetura dos anos 60. "O estilo modernista, que nos remonta a construção de Brasília. Na época, a maior expressão da arquitetura contemporânea nacional que começou com Oscar Niemeyer desde as décadas de 40 e 50", complementa.

De acordo com Marina, a residência - de 1,5 mil metros quadrados - foi construída em 1958, para a família Tedesco, com projeto do engenheiro Rui Tedesco que deu preferência as linhas retas ao invés das fachadas rebuscadas. "O imóvel representa um estilo de vida de uma época em que a Avenida Carlos Gomes era um dos mais expressivos pontos residenciais de Porto Alegre", conta a franqueadora. A Casa Cor 2005 tem como patrocinador a empresa Deca e como apoiadores estão a Revista Casa Claudia, da Editora Abril, o Banco Real, Tintas Súvinil, Brastemp e Porto Alegre Convention Bureau.

O orçamento para a reforma da casa, conforme Marina, é de R\$ 150 mil, fora investimentos



Marina Nessi quer propor aos arquitetos uma exposição sobre qualidade e estilo de vida

particulares dos arquitetos que vão participar da Casa Cor 2005. Os recursos serão aplicados em 31 ambientes. "Vamos apresentar uma exposição de arquitetura e decoração extremamente conceitual, valorizando a qualidade acima de qualquer suspeita, mão-de-obra de extrema competência, matéria prima nobre, produtos premium, tudo isso associado à tradição, à temporalidade e à beleza", salienta.

Mas os profissionais envolvidos no evento terão um desafio. A proposta de Marina para os arquitetos e decoradores é o exercício do luxo. Ela explica: "Luxo pode ser definido como qualidade e estilo de vida, não como ostentação e exibicionismo, nem sempre luxo é bom gosto e nem tudo que é caro é luxo", diz. Em arquitetura e decoração significa morar bem, com estilo e funcionalidade, de acordo com os hábitos e necessidades do dia-a-dia.

Evento apresenta novos talentos e oportuniza o crescimento do setor

A Casa Cor é um dos mais tradicionais eventos de decoração do Brasil. Desde 1987, a mostra vem acompanhando a evolução do design e da arquitetura nacional, descobrindo novos talentos e lançando o nome de profissionais hoje consagrados no mercado. A mostra teve início em São Paulo, mas o sucesso na capital paulista levou à expansão da marca por outras 14 capitais brasileiras, através do sistema de franquias, contribuindo com o crescimento do setor.

Atualmente, a Casa Cor é referência em decoração no Brasil, tornando possível o marketing direto entre arquitetos, decoradores, designers e paisagistas. Além do marketing indireto das empresas de

produtos e serviços relacionados com o setor. No evento, são exibidas as novas tendências, os lançamentos do mercado e também o trabalho dos profissionais de cada região. Até o final deste mês, a franqueada do evento no Rio Grande do Sul, Marina Nessi, irá divulgar a lista oficial dos nomes dos arquitetos e decoradores que participarão da Casa Cor 2005, com espaço para novos talentos.

O ingresso para a Casa Cor 2005 será de R\$ 15,00, com preços promocionais para estudantes, e excursões cadastradas de R\$ 13,00. Clientes do Banco Real, pagam R\$ 12,00 - nas visitas realizadas entre terça e quinta-feira, e crianças e idosos R\$ 10,00.

Figura 21

Instituições financeiras de varejo investem para fidelizar clientes

Instituições financeiras de varejo investem para fidelizar clientes

Larissa Mamouna

No passado, a invenção do sistema bancário alterou a organização da sociedade e a base do poder econômico. Hoje, a forte concorrência levou as instituições financeiras a descobrir que seu maior ativo não é o dinheiro, mas seus clientes em potencial. É que, na compra de um produto ou na escolha de uma empresa para a prestação de serviço, o consumidor passou a valorizar tanto o preço quanto a embalagem. E na competição entre os bancos de varejo o marketing também virou o centro das atenções, da mesma forma que na indústria e no comércio.

O marketing bancário tem o objetivo de conhecer e compreender as necessidades e desejos do consumidor e, assim, ganhar sua lealdade. Por isso, a cada ano que passa, as instituições aumentam seus investimentos no setor.

Este ano, o Banco do Brasil, por exemplo, destinou R\$ 146 milhões para investir na fidelização de clientes. Segundo o diretor de marketing e comunicação da empresa, Henrique Pizzolato, os recursos estão sendo aplicados, principalmente, em ações relacionadas ao esporte, cultura e agronegócio. Os três setores norteiam a construção da imagem da instituição junto ao seu público em potencial. "O banco quer criar uma identidade com o País, o povo", explica. "Até porque, atualmente, os produtos das instituições de varejo estão muito semelhantes", complementa. Os meios para atingir o objetivo se dão, ao longo do ano, diz Pizzolato, através do financiamento de operações de agronegócio, patrocínio de competições esportivas, mostras culturais e promoções. "Todo banco trabalha com segmentação", enfatiza ele.

Segundo o diretor de marketing e comunicação do Banco do Brasil, o investimento vale a pena, pois dá retorno. Pizzolato explica que existem vários métodos de medição, que podem ser realizados em ações de curto, médio e longo prazo. Ele dá como exemplo as pes-



No Rio Grande do Sul, um bom exemplo de ação foi a criação do Santander Cultural

quisas, os lançamentos de produtos e a construção de marca. "Tudo é possível medir onde se cria identidade", explica.

No Brasil, o banco possui cerca de 2,2 milhões de clientes e no Rio Grande do Sul, 1,8 milhões. Pizzolato destaca que se a instituição deixar de investir em marketing será o mesmo que sair do mercado.

No Estado, um bom exemplo de ação de marketing foi a criação do Santander Cultural, promovida pelo banco Santander/Banespa. Inaugurado em 2001, a instituição financeira investiu R\$ 12 milhões no projeto, que envolveu a restauração de uma antiga agência do Banco Meridional, no Centro da Capital gaúcha. Hoje, o prédio construído em 1927 reúne o trabalho dos principais artistas da cultura regional, nacional e internaci-

onal contemporânea, em artes visuais, cinema e música.

A responsável pelas áreas de relações institucionais do banco Santander/Banespa, Maria Beatriz de Brandão, explica que o Rio Grande do Sul é estratégico. É que dos 6,5 milhões de correntistas que a empresa possui no Brasil, 4,5 milhões são gaúchos. Mas ela prefere não revelar os valores que serão investidos em marketing bancário no Estado ao longo de 2005. Apenas diz que a cultura continuará sendo o principal setor utilizado para a formação de público, promoção de conhecimento e construção de imagem da empresa. "Acreditamos que o Rio Grande do Sul é um celeiro de novos talentos", enfatiza.

Mas, de acordo com Maria Beatriz, o banco Santander/Banespa ainda se preocupa com outros setores, como o esporte, que também recebe patrocínio, como ação de marketing. Segundo ela, as ações são planejadas levando em consideração não só o contraponto comercial, mas também o social.

A frase "Banrisul, o banco dos gaúchos", também não deixa dúvidas quanto à intenção de construção de imagem da instituição financeira. O dire-



Para Martinez, foco é o social

tor de marketing da empresa, Carlos Martinez, explica que as ações do setor são enfocadas na Responsabilidade Social, principalmente nas atividades envolvendo a educação e o esporte para crianças e adolescentes carentes. Ele não revela o montante dos recursos destinados para as ações que serão desenvolvidas ao longo do ano, mas salienta que o valor sofreu reajuste em relação a 2004.

No ano passado o patrimônio líquido do Banrisul chegou a R\$ 1,026 bilhão, e o lucro registrado atingiu R\$ 303,2 milhões. O resultado foi 6,2% superior a 2003.

Fases do marketing bancário

- 1ª Fase: Marketing é propaganda, promoção de vendas e publicidade
- 2ª Fase: Marketing é sorriso e uma atmosfera agradável
- 3ª Fase: Marketing é segmentação e inovação

- 4ª Fase: Marketing é posicionamento
- 5ª Fase: Marketing é análise, planejamento, complementação e controle



Fonte: Philip Kotler

para o investimento é dada no texto, que afirma que mais da metade dos correntistas do banco são gaúchos, ou seja, a iniciativa do restauro não estava centrada apenas em melhorar um bem arquitetônico, mas em manter os clientes do Estado.

Essas matérias valorizam mais a atividade da empresa do que a importância do patrimônio. Nesse sentido, tratam o bem histórico como uma ferramenta para sua ascensão e consolidação no mercado. O objetivo de valorizar o nome da empresa e conquistar mais clientes fica claro em ambas.

4.3.7 Outros

Esse indicador teve uma frequência de 53% e nele foram inseridas as matérias que não se enquadraram nos demais indicadores ou que tinham seu enfoque direcionado a ações de intervenção.

Como exemplo, selecionei a matéria sobre a depredação e futura restauração da Fonte Talavera de la Reina, publicada pelo Jornal do Comércio de 04 de julho de 2005. Como pode ser observado na figura 22 (p. 143), o texto faz referências históricas em relação ao monumento e à cidade, porém seu enfoque maior está na intervenção que recuperará seus danos.

Ao constatar que mais da metade das matérias não possui seu foco definido nos focos de história, cultura, memória, economia, turismo e marketing cultural, percebi que esse setor poderia ser mais explorado. Mesmo que o assunto principal seja a intervenção pela qual o bem passou ou passará, alguns toques relacionados aos focos mencionados podem ser acrescentados com o intuito de enriquecer o texto, como uma forma de aproximação maior com o leitor.

Figura 22

Fonte Talavera poderá ser cercada de vidro durante a restauração

PATRIMÔNIO

Fonte Talavera poderá ser cercada de vidro durante a restauração

A Fonte Talavera, que teve sua bacia superior depredada em junho durante um protesto de carroceiros em frente à prefeitura de Porto Alegre, será restaurada pelo município até o final do ano. A intenção - além de restaurar totalmente o monumento doado pela comunidade espanhola em 1935 - é criar um memorial com informações históricas e aumentar a segurança em torno da fonte, que é alvo constante de vandalismo. Em 2000, a fonte passou por uma restauração completa, que custou R\$ 200 mil, mas já no ano passado três dos quatro peixes ornamentais foram quebrados e recolhidos pela prefeitura. A obra foi produzida com barro dos Montes de Castela da cidade de Talavera, na Espanha.

Segundo o diretor da Equipe do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural (Ephac), Osório Queiroz Júnior, o processo de restauração será realizado pela própria prefeitura - que já iniciou a catalogação e a identificação das peças necessárias. "Temos gente especializada no Rio Grande do Sul para fazer este trabalho", esclareceu. Isso evitará que os azulejos repostos sejam feitos na Espanha, o que encareceria ainda mais a restauração. Em compensação, poderá ficar diferente do seu aspecto original. "Se não conseguirmos a restauração plena e absoluta, não faz mal. O registro do



CLAUDIO PACHECO

Monumento será recuperado

dano que a fonte sofreu também faz parte de sua história", complementa Queiroz.

A idéia, segundo Queiroz, é que todo o entorno da Talavera sofra modificações para conscientizar a população sobre a importância da preservação e aumentar a segurança do patrimônio. Não está descartada a utilização de uma cerca de vidro para a proteção da fonte - um recurso que começa a ser utilizado na Europa, segundo Queiroz. "O vidro tem a vantagem de não atrapalhar a visão. É uma tecnologia nova que dispomos para valorizar o bem histórico", explicou. Tudo dependerá, porém, do projeto, que deverá estar concluído no final de setembro.

4.4 Teor

Ao analisar o teor, constatei que 85% das matérias adequavam-se ao indicador informativo, enquanto que 13% das notícias são interpretativas e apenas 3% enquadram-se como opinativas. Assim, é possível verificar que na maioria das matérias não opiniões e tampouco o ponto de vista dos jornalistas é explicitado. Apesar disso, as matérias informativas utilizam recursos interpretativos e opinativos através dos depoimentos das fontes consultadas, como pode ser constatado na análise.

4.4.1 Informativo

Se a maior parte das matérias tem um cunho informativo, as mesmas procuram informar sem muito envolvimento com o assunto. Apesar disso, há também interpretações nas matérias informativas. Elas não são explícitas e ficam centradas nas falas e opiniões emitidas pelas fontes.

Dessa forma, mesmo que o jornalista esteja interpretando aquele fato e não queira denotar isso no texto, as fontes encarregam-se disso. É importante lembrar também que por mais informativo que um texto possa parecer, ele sempre traz consigo a subjetividade do repórter e isso vale inclusive para a seleção das declarações da fonte consultada.

Uma matéria que ilustra bem isso foi publicada pelo Jornal do Comércio de 18 de abril de 2005, como pode ser observado na figura 23 (p. 146). No texto sobre a possibilidade da listagem do patrimônio histórico de Porto Alegre afetar a área comercial do 4º Distrito, há declarações negativas sobre a medida de

tombamento através da fala de um comerciante, que teme não poder realizar intervenções em seu estabelecimento caso ele venha a ser tombado. Com a frase “Isso congelará nosso crescimento”, o presidente da Associação dos Empresários Humaitá-Navegantes mostra sua posição contra a medida do Epahc.

Apesar de não esclarecer o que é tombamento, o texto não se posiciona diretamente a favor de nenhum dos entrevistados, pois logo em seguida insere uma das falas do diretor da Epahc: “Não há motivo para preocupação da população. Este é um processo importante para Porto Alegre e que, com o tempo, valorizará os imóveis listados”.

Dessa forma, o texto demonstra os pontos de vistas dos dois lados da questão, sem qualquer envolvimento ou demonstração de opinião, apenas transmitindo a informação.

4.4.2 Interpretativo

Como já foi mencionado, o estilo interpretativo aparece com a frequência de 13%. Apesar de algumas vezes ser difícil de percebê-lo, deve-se estar atento aos detalhes de algumas palavras e ao uso de adjetivos para constatar se o texto pode ser interpretativo.

Ao usar palavras como “agoniza”, “descaso” e “conscientização”, a matéria sobre a degradação do Instituto de Educação General Flores da Cunha mostra bem seu caráter interpretativo, como pode ser visto na figura 24 (p. 148).

Demonstrando a situação do local e trazendo apelos de funcionários e alunos, a notícia publicada na Zero Hora, no dia 21 de maio de 2005, deixa claro o posicionamento do repórter em relação ao assunto. Isso fica mais evidente quando é

Figura 23

Comerciantes se preocupam com listagem do patrimônio histórico

GERAL
geral@jornaldocomercio.com.br

Segunda-feira **25**
18 de abril de 2005

QUARTO DISTRITO

Comerciantes se preocupam com listagem do patrimônio histórico

Epahc diz que algumas unidades já estão preservados, como igrejas e praças

Os comerciantes e moradores do 4º Distrito - que compreende os bairros Navegantes, Floresta e São Geraldo - estão preocupados com o andamento das discussões sobre a listagem do patrimônio histórico da Capital, que está sendo desenvolvida pela Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural (Epahc) dentro das discussões do Plano Diretor. "De um lado a prefeitura desenvolve o Programa de Integrado Entrada da Cidade (PIEC), justamente para revitalizar a região mais pobre da cidade. Do outro, lista imóveis que não podem ser mexidos, o que afasta o empreendedor. Isso congelará nosso crescimento", reclama o presidente da Associação dos Empresários Humaitá-Navegantes, Cristiano Renner.

Segundo ele, 1.411 imóveis do 4º Distrito farão parte do Inventário de Patrimônio Cultural - o que os obrigaria a ter um regime urbanístico diferenciado, causando mais obstáculos para a aprovação de qualquer modificação estrutural. "Isso representa 20% dos imóveis do 4º Distrito", garante Renner. O estudo deve ser enviado pela prefeitura à Câmara de Vereadores após a conclusão. "Nem cidade do Primeiro Mundo consegue manter,



FOTOS EDUARDO SEIDUAC

Cerca de 20% dos imóveis podem entrar no inventário

proporcionalmente, tantos prédios como patrimônio cultural", acrescenta Renner, que não tem conhecimento mais detalhado sobre a localização desses imóveis.

Segundo o diretor da Epahc, Osório Queiroz Júnior, a listagem referente ao 4º Distrito ainda não está concluída e deverá passar por alterações. "Finalizamos apenas a listagem da Cidade Baixa, mas qualquer estudo deste tipo deve passar pela avaliação do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural", disse.

Segundo Queiroz, no Inventário constarão muitas unidades já preservadas, como igrejas e praças. "Não há motivo para preocupação por parte da população. Este é um processo importante para Porto Alegre e que, com o tempo, valorizará os imóveis listados", salientou. O Epahc iniciará, nesta semana, uma série de encontros para discutir o assunto com a comunidade.

colocado um box chamado “Contraponto”, dando um direito de resposta ao chefe da Divisão Porto Alegre da Secretaria de Educação. Dessa forma, as declarações dele ficam desconectadas do restante do texto, como se fosse impossível o diálogo entre essa fonte oficial e os demais entrevistados, gerando um distanciamento entre eles.

A matéria traz os dois lados do assunto, mas o faz de uma forma desigual, se posicionando totalmente a favor das pessoas que estão se unindo e tentando minimizar os estragos do prédio.

4.4.3 *Opinativo*

Apenas 3% das matérias mostraram-se opinativas. Na amostra selecionada, apenas uma notícia trouxe opiniões claras do jornalista que a redigiu. Situada em uma coluna do jornal O Sul, foi publicada no dia 24 de abril de 2005 e traz uma crítica à depredação do patrimônio.

Como pode ser observado na figura 25 (p. 149), o texto critica o descaso para com o Monumento dos Açorianos em um espaço onde o jornalista insere várias notas sobre o mesmo assunto. Nelas é possível constatar claramente elementos opinativos. Situada na parte de Sociedade do caderno Magazine, a coluna faz uma crítica e um apelo contra o vandalismo e a sujeira constantes no monumento. O colunista enfatiza que a conscientização é muito importante e propõem que o monumento seja adotado pela iniciativa privada.

O número reduzido de matérias opinativas reflete uma realidade muito constante no jornalismo: a falta de comprometimento dos profissionais. É mais fácil inserir a opinião de uma fonte para não se comprometer brigando por uma causa.

Figura 24

Instituto de Educação agoniza

CAPITAL Prédio tem goteiras, ginásio foi fechado e quadros estão deteriorados

Instituto de Educação agoniza



Livros danificados: metade do acervo de cerca de 10,7 mil obras da biblioteca principal foi afetada pela umidade

CARLOS ETCHICHURY

Uma das mais tradicionais escolas formadoras de professores do Brasil agoniza.

Ginásio de esportes interditado, porque corre o risco de desabar, reforma do prédio da Educação Infantil paralisada, três obras de arte raras – figuram entre as cinco maiores telas no Brasil – corroidas pelo descaso e salas de aula e biblioteca inundadas pela chuva formam o quadro do Instituto de Educação General Flores da Cunha, na Capital.

Hoje, Dia da Solidariedade, professores da instituição lançam a campanha Adotei o IE, para sensibilizar a comunidade estudantil para as necessidades da escola.

– Pais e alunos que podem ajudar, realizando limpeza e pequenos reparos nos sábados pela manhã estarão fazendo muito pela escola – diz a diretora, Estela Regina Fasolo.

Além da conscientização da comunidade, é necessária atenção das autoridades. Quem trafega pela Osvaldo Aranha e olha as colunas jônicas, inspiradas em templos gregos, não suspeita do que se passa nas dependências do instituto.

O abandono se percebe nas escadarias do prédio construído entre 1934 e 1935. Três obras de arte – *Garibaldi* e *a Esquadra Farraposista*, *A Tomada da Ponte da Azenha*

e *A Chegada dos Casais Açorianos*, pintadas em óleo entre 1919 e 1923 – estão sujas e rasgadas. Cupins devoraram lentamente as molduras.

Na biblioteca principal, cerca de metade dos 10,7 mil livros estão danificados pela umidade. É que a sala inunda toda vez que chove.

– Acho uma droga isso. Hoje (ontem) queria fazer um trabalho, mas não dá porque a biblioteca tá fechada – reclama o garoto Marcelo Henrique, 12 anos, aluno da turma 76.

Uma das responsáveis pela biblioteca, a professora aposentada Norma Flach, 65 anos, que trabalha por prazer, completa:

– Isso é uma pouca vergonha, uma irresponsabilidade.

Na sala 202, ao lado da biblioteca, um aviso diz “Atenção: A turma está na sala 130. Motivo: alagamento. Vice-direção, 20/05/05”.

E tem mais. Como o ginásio fora interditado em 30 de março por riscos de desabamento, o único espaço disponível para alunos praticarem futebol e vôlei é o pátio – sempre encharcado nesses dias de mau tempo.

Ao lado do prédio, outro sinal de que as coisas não vão bem. Um solitário carpinteiro trabalha na reforma do edifício que abrigava a Educação Infantil. A obra não tem previsão para ser concluída.

– Tô sozinho há três meses. Só lixo paredes – avisa Erculano Rodrigues Barbosa, 57 anos.

carlos.etchichury@zerohora.com.br

Contraponto

O que diz Cleci Jurach, chefe da Divisão Porto Alegre da Secretaria Estadual da Educação:

PRÉDIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Quando se realizam obras no Instituto de Educação, muitas vezes, além da reforma, são necessárias restaurações. Isso aumenta o custo. A obra no prédio da Educação Infantil foi orçada em R\$ 400 mil. Só que a empresa solicitou um aditamento de mais R\$ 160 mil. Estamos buscando recursos para concluir a obra.”

BIBLIOTECA E SALAS DE AULA

“Assumi há 18 dias e não tinha informações sobre problemas de infiltrações na biblioteca e nas salas de aula. Vou ver isso.”

GINÁSIO DE ESPORTES

“Está sendo feito uma estudo para verificar se tem como reformar o ginásio ou se será necessária a sua demolição. Ainda não temos o resultado do estudo.”

OBRAS DE ARTE

“Estamos buscando parceria com a Secretaria Estadual da Cultura para que os técnicos que restauram obras no Palácio Piratini restaurem as obras do instituto.”



Sem alunos: sala tem de ser transferida em dia de chuva




Merosidade: carpinteiro faz reforma sozinho há meses

Figura 25

Em busca de proteção

Em busca de proteção.



O escultor Tenius criou um dos mais belos monumentos da cidade e lastima o abandono.





1 A coluna apóia há longa data as iniciativas do secretário municipal de Meio Ambiente, Beto Moesch, cuja vida política tem sido marcada pela defesa do meio ambiente. Uma das iniciativas da secretaria foi fazer um contato com o escultor Carlos Gustavo Tenius para tratar da recuperação do Monumento dos Açorianos.

2 Lastimavelmente, a obra artística, que é uma das mais bonitas dos pampas, está depredada, coberta de letreiros – deve-se destacar que a totalidade dos escritos é de propaganda política, burramente colocada no monumento – e já apresenta falhas nas placas de aço. A iluminação, cujo estilo previsto por Tenius deveria ser estaqueada na terra, foi colocada em caixas de concreto sobre a grama. Nenhuma resistiu ao vandalismo, e a monumental escultura está às escuras durante a noite. Resta mencionar que o inço e a grama crescem desordenadamente.

3 Carlos Gustavo Tenius lastima o descuido com seu belo trabalho há um bom tempo e durante a conversa com a representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, destacou a importância de proteger a escultura, ou cercando com um espelho d'água, o que dificultaria uma iluminação estaqueada, ou simplesmente colocando uma grade para impedir a aproximação dos vândalos. A coluna lembra que um trabalho de conscientização é da maior importância.

4 A solução ideal é que o monumento seja adotado pela iniciativa privada, pois é um dos cartões de visita de Porto Alegre e está próximo da Ponte de Pedra, prédio do Pão dos Pobres – que é tombado – e do Centro Administrativo do Estado. Portanto, é o centro de um dos conjuntos arquitetônicos que refletem períodos importantes da cidade. Sua recuperação – e conseqüentes cuidados de manutenção e iluminação – é questão de honra para Porto Alegre. Os empresários que assumirem esta responsabilidade estarão dando importante contribuição à comunidade.

Quanto a isso, os três exemplos merecem uma análise. A matéria informativa cumpriu seu papel, demonstrou os dois lados da questão, dialogou com eles e inseriu os dois pontos de vista de forma equilibrada, apesar da ausência de algumas informações. Já a segunda matéria, trouxe também os dois lados, mas se posicionou claramente a favor de um deles. Apesar de conter traços de imparcialidade, pode-se perceber que a matéria não demonstra pluralidade. A última, por sua vez, demonstra o poder do espaço privilegiado da coluna, onde o jornalista pode questionar, mostrar-se a favor ou contra determinado assunto, o que agrada grande parte dos leitores, por ser uma forma de diálogo.

4.5 Foco

Dentre os indicadores dessa categoria, o que demonstrou maior número de matérias dentro da amostra analisada foi o de restauração, com 32% do total de 40 notícias. Em seguida, aparecem os indicadores de preservação e conservação, ambos com 15%. A seguir serão analisadas matérias interessantes em cada um dos indicadores e interpretados os resultados da amostra.

4.5.1 Conservação

Apesar de a conservação ser uma ação importante para garantir a integridade do bem e impedir que ele sofra restauros e intervenções maiores, que são mais delicadas e dispendiosas, somente 3% das matérias abordou a questão. Levando em conta que a ação de conservação visa à prevenção de danos, falarei sobre uma matéria interessante sobre o tema.

Publicada pela Zero Hora no dia 12 de abril de 2005, a notícia conta a história de arquiteta que por muitos anos conservou cinco portas de madeira resgatadas antes da demolição de catedral de Erechim (erigida em 1927 e destruída em 1969) e que agora precisa vendê-las, pois não tem mais condições de realizar a manutenção. Ver figuras 26 (p. 152) e 27 (p. 153).

O texto consegue demonstrar a importância da conservação ao mostrar que as peças resistiram ao tempo e são tratadas como relíquias. Diz que são aplicados materiais químicos para a preservação da madeira e que é preciso também ter cuidado com o local em que são armazenadas, que não pode conter infiltrações. Através da leitura do texto e da visualização das imagens se pode perceber a relação afetiva entre a proprietária e o bem.

4.5.2 Preservação

As matérias voltadas à preservação do bem correspondem a 15% do total. Sendo uma ação realizada com o intuito de proteger e impedir a degradação do bem, se enquadra nesse ponto a matéria publicada no Correio do Povo, de 17 de julho de 2005, a qual fala sobre melhorias na infra-estrutura do Theatro Treze de Maio, em Santa Maria, como se pode observar na figura 28 (p. 155).

A notícia afirma que as obras pelas quais o prédio passará têm a preocupação em protegê-lo da chuva, através de pequenas remodelações em sua estrutura, como a troca do telhado e a colocação de uma porta de vidro na entrada.

Além disso, o texto também cita que a saída de emergência será readequada, levando em conta também a preocupação com outros fatores que

Figura 26

Portas de catedral demolida estão à venda em Erechim

PATRIMONIO Cinco peças do templo foram recolhidas e guardadas por fiéis

Portas de catedral demolida estão à venda em Erechim

MARIELISE FERREIRA

◆ Correspondente/Erechim

Um patrimônio histórico de Erechim está à venda.

As portas da Catedral São José, construída em 1927 e demolida em 1969, foram preservadas por uma família durante 36 anos. Agora, sem condições de manter as relíquias, as cinco portas estão sendo vendidas como material de demolição.

O empresário Oscar Abal, já morto, foi contrário à demolição da igreja. Liderou uma coleta de assinaturas, mas foi vencido por uma campanha que decidiu derrubar a construção histórica. Na época, uma comissão de pessoas alegou que a construção tinha problemas estruturais e corria risco de cair, embora tenha sido usado dinamite para destruir o prédio.

No dia em que o templo começou a ser demolido, seguindo o exemplo de outras pessoas, Abal retirou as portas da igreja dos entulhos. As cinco peças têm 3m46cm de altura por 1m10cm de largura e 7,5cm de espessura. Feitas em louro nativo, foram entalhadas por um artesão especializado em arte sacra.

– Todos que tinham apego ao pa-



Relíquia: Débora com peça do templo destruído em 1969

trimônio histórico e à fé salvaram peças e guardaram em suas casas – diz o historiador Enori Chiaparini.

Em 1993, um grupo tentou recuperar algumas peças para a formação de um museu sacro, mas poucas das relíquias retornaram. A arquiteta Débora Machado, que sucedeu o sogro Oscar Abal na tarefa de conservar as portas da catedral, conta que as peças já estiveram em exposição durante anos em uma lo-

ja e em uma madeireira que a família mantinha na cidade. Durante 36 anos, foram aplicados materiais químicos para a preservação da madeira e dos entalhes. Mas, com o fechamento das empresas, a família ficou sem condições de manter a relíquia.

Hoje, as portas da antiga catedral estão guardadas em um depósito emprestado por um amigo da família. Apesar dos cuidados, no local há infiltração, e a madeira corre risco de apodrecer. As primeiras tentativas de venda da relíquia foram feitas a preço de material de demolição. Um antiquário de Porto Alegre é o principal interessado. Proprietária legal das peças, Débora prefere não revelar o valor das relíquias.

– Preferimos vender para alguém de fora da cidade a deixar que as portas apodreçam. Meu sogro lutou muito para preservar esta igreja, ela faz parte da nossa vida – diz.

O bispo da Diocese de Erechim, dom Jirônimo Zanandrea, acredita que a demolição foi uma perda.

– Se a arquiteta quiser devolver as portas, estamos interessados. Mas vender, não estou de acordo.

marielise.ferreira@zerohora.com.br

Figura 27

Relíquias à venda em Erechim



Relíquias à venda em Erechim

As portas da Catedral São José, demolida em 1969, foram conservadas por uma família durante 36 anos. Agora, sem condições de manter as peças de louro nativo, a arquiteta Débora Machado (foto) tenta vendê-las. Página 27

podem degradar o bem. A matéria é bem feita e usa de forma correta e coerente os conceitos de intervenções ao patrimônio, pois em nenhum momento cita termos como restauro ou revitalização.

4.5.6 Restauração

Das 32% matérias que abordam a questão do restauro, 15% estão voltadas ao relato do restauro, quando as obras já foram finalizadas; 12% enfocaram o projeto e o início das obras de restauração e 5% noticiaram a execução do restauro. Dentre a amostra selecionada, nenhuma matéria abordou a política de restauro, pois em seus textos havia apenas um mero registro sobre as intervenções, sem debates e reflexões sobre o assunto.

Os dados mostram que as matérias voltadas à restauração apenas informam que determinado prédio receberá um projeto de restauração ou que as obras foram iniciadas, com pouco espaço para a discussão da questão. Além disso, o lançamento e a finalização do restauro geram mais impacto e foram as que apresentaram maior intensidade. Selecionei aqui três exemplos mais diferenciados.

Esclarecimentos acerca dessa intervenção são dados pela matéria veiculada no Correio do Povo do dia 28 de agosto de 2005, como pode ser visto na figura 29 (p. 157). O texto fala sobre a restauração de quatro edificações históricas no Estado e explica que o processo é delicado e demorado.

Ao inserir a declaração de que “A restauração completa de um bem leva pelo menos um ano. Requer mão-de-obra especializada e se trabalha com técnicas

Figura 28

Símbolo cultural melhora a infra-estrutura

SANTA MARIA

Símbolo cultural melhora a infra-estrutura

Inaugurado em 1890, na Praça Saldanha Marinho, o Theatro Treze de Maio se tornou um símbolo da cultura santa-mariense. Além de abrigar companhias teatrais francesas, italianas e espanholas, foi sede de jornal, foro, biblioteca pública, centro cultural e novamente casa de espetáculos em 1989, quando foi fundada a Associação dos Amigos do Theatro Treze de Maio. Atualmente a direção intensifica a campanha de obtenção de recursos para melhoria na infra-estrutura do teatro.

A diretora Ruth Pereyron diz que o projeto prioriza a colocação de uma porta de vidro na entrada do prédio para proteção contra chuva, assim como a troca do telhado, já que o atual foi colocado em 1992. Também há necessidade de uma readequação da saída de emergência, compra de um gerador de energia e aquisição de uma nova mesa de som. Recentemente foi inaugurado o elevador, trocado o carpete e comprados 27 microfones.

Os 730 sócios contribuem mensalmente com R\$ 15,00. O associado ganha a programação dos eventos em casa, pode reservar ingresso por telefone e tem desconto para todos os espetáculos. As mensalidades também servem para pagar os nove funcionários. Quem quiser apoiar o projeto pode direcionar até 30% do valor dos impostos municipais. Em 1913, o teatro foi comprado pelo município e, em 1916, passou a ser sede do jornal Diário do Interior. Em 1992, a prefeitura começou, junto com a associação de amigos, um projeto de modernização do prédio.



Theatro Treze de Maio foi fundado em 1890

Correio do Povo, 17 de julho de 2005, p. 20, disponível em <http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

construtivas que não existem mais”, a matéria consegue resumir várias questões que envolvem a restauração e demonstra um pouco do cuidado que devemos ter com um bem que passa por todo esse processo.

As notícias que enfocam a qualificação de pedreiros e técnicos que trabalham com restauração, através de aulas teóricas e oficinas dão boas contribuições para o tema. Veiculadas na Zero Hora, as matérias sobre as oficinas em Ilópolis (figura 4, p. 107) e sobre o restauro do Museu Erico Veríssimo (figura 5, p. 108) mostram que o restauro é um processo que precisa ser estudado e analisado a fundo antes das obras, para que os problemas da edificação sejam conhecidos e, por conseguinte, sejam escolhidos corretamente materiais e técnicas a serem empregadas. Com isso, ambas conseguem transmitir a importância de um restauro bem feito e dos restauradores, cuja sua função é “revitalizar a história”.

As matérias sobre restauração apenas informam e não contextualizam ou problematizam a questão. Além de deixar o texto sem consistência, a falta da discussão e das explicações sobre o que de fato é o restauro e qual a sua função como meio de conservar a originalidade do bem, acaba fazendo com que o leitor obtenha informações fragmentadas.

Figura 29

4 obras históricas são recuperadas

4 obras históricas são recuperadas

Nos últimos dois anos, aumentou o volume de recursos da União para o Estado com essa finalidade

Carina Fernandes

Há quatro importantes obras históricas sendo restauradas no Estado. Deteriorados pela ação do tempo e com risco de desabamento, os prédios vão aos poucos recuperando seus traços originais. O trabalho, minucioso e demorado, muitas vezes esbarra nos recursos insuficientes. Em Rio Pardo, graças à Lei de Incentivo à Cultura (LIC), a antiga Escola Militar está sendo recuperada. Com entrega prevista para, no máximo, dois meses, será um centro cultural regional, informa a diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae), Débora Magalhães. O custo chega a R\$ 4 milhões. Na Capital, uma comissão cuida da recuperação da fachada da sede da Secretaria Estadual da Fazenda.

Como contrapartida do projeto Monumenta, do governo federal, o Estado está aplicando cerca de R\$ 400 mil nas laterais e nos fundos do Palácio Piratini. Em 2002, a fachada principal foi reformada. 'A restauração completa de um bem leva pelo menos um ano. Requer mão-de-obra especializada e se trabalha com técnicas construtivas que não existem mais', explica Débora. Mesmo com mecanismos como a LIC, criada em 1996 e que prevê isenção de parte do ICMS, há poucas empresas interessadas em patrocinar esses empreendimentos. 'São obras caras em função da degradação em que se encontram', justifica. Com o aumento dos repasses da União ao Estado, entre os cem monumentos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) está sendo recuperada a casa de David Canabarro, em Santana do Livramento. Deverá estar pronta em setembro, abrigando o Museu do Pampa, que vai contar, por meio dos objetos expostos, as lutas pela delimitação de fronteiras com o Uruguai, a história da cidade e da casa, onde há louças antigas, segundo a superintendente do Iphan/RS, Ana Lúcia Meira.



Palácio Piratini foi incluído na listagem das reformas

Agora, índios e lanceiros

Em uma ação pioneira, o Iphan está fazendo um inventário de referência cultural. O trabalho é realizado junto aos índios guaranis, de São Miguel das Missões, e descendentes dos Lanceiros Negros, de Pinheiro Machado. 'Até então, essa era uma população não trabalhada', destaca a superintendente regional, Ana Lúcia Meira. Em vez de casas, construções e monumentos, o enfoque são as celebrações, a culinária, as festas, o artesanato e as lendas. Há dois meses, o Iphan concluiu as obras de consolidação de São João e São Lourenço, dois dos Sete Povos das Missões. Datados do século 17, estavam em situação de calamidade devido a temporais. Além da ação do tempo, imprevistos colocam em risco o patrimônio. Caso da Fonte Imperial, símbolo de Santo Antônio da Patrulha, que teve metade da estrutura de quatro metros destruída depois da queda de uma árvore, em abril. Localizada na praça, foi construída em 1847. A ordem partiu de dom Pedro I, que visitou o local em 1826. A prefeitura estuda propostas de restauração. Uma das preocupações é a captação de recursos. Há possibilidade de o próprio Executivo arcar com os custos. O diretor de Cultura, Fernando Rocha Lauck, destaca que já houve a poda de árvores da praça e será colocada uma cobertura para proteger a fonte. À espera de licitação para pintura e finalização está o Palacete Argentina, onde funciona a sede do Iphan na Capital. Construído em 1901, já teve recuperados o telhado e a parte elétrica. Ana Lúcia enfatiza que a intenção é formar banco de projetos para captar patrocínios.

4.5.7 Revitalização

Correspondendo a 13% do total de matérias da amostra selecionada, a revitalização foi apresentada por pontos de vista distintos.

A revitalização dos Mercados do Bom Fim e Público é um bom exemplo de matéria sobre esse indicativo. Como pode ser visto na figura 19 (p. 137), o texto aborda a necessidade de projetos para melhorar não só a parte estrutural dos dois espaços e ainda qualificar a relação com os freqüentadores do empreendimento. A matéria demonstra que o processo de revitalização é mais amplo do que as demais intervenções, por envolver o entorno e a também a interação com o público, de uma forma que não está sendo pensada apenas na melhoria do bem.

Em relação ao Mercado Bom Fim, o texto informa que a intenção é fazer uma remodelação forte, incluindo alterações nos estabelecimentos gastronômicos. Enquanto isso, no Mercado Público serão realizadas ações mais práticas, como pintura, segurança, reparos construtivos e o espaço ganhará novas lojas, preenchendo espaços vagos em seu segundo andar.

Já a matéria sobre a revitalização do Recanto Solar, na Redenção, publicada pelo Correio do Povo de 31 de julho de 2005 (figura 30, p. 159) permite duas interpretações. Os reparos feitos por voluntários podem ser enquadrados como práticas de preservação do espaço, por não envolverem remodelações estruturais ou resgatarem a fundo a originalidade do bem.

Mas, ao mesmo tempo, podemos pensar na relação dessas pessoas com o espaço, que se qualificará após a intervenção. Se a matéria for analisada a partir desse viés, é possível dizer que se trata da revitalização do local, pois trará melhorias sócio-culturais ao Recanto.

Figura 30

Voluntário revitalizam Redenção

Voluntários revitalizam Redenção

Praticantes de Wu Ji Chi Kung limpam e pintaram o Recanto Solar, que é freqüentado pelo grupo

Cerca de 50 voluntários dedicaram o sábado à pintura e limpeza do Recanto Solar, na Redenção. O trabalho de revitalização foi realizado por um grupo que utiliza o espaço aos finais de semana para a prática de Wu Ji Chi Kung, uma forma de Tai Chi Chuan Cerimonial, existente há 800 anos na China. A ação aconteceu de forma integrada com a Prefeitura.

Alvo freqüente de vandalismo, o local teve as luminárias quebradas e a parte de cima dos bancos, que sempre amanhece virada, teve que ser fixada. O grupo se reúne no recanto há um ano e meio, segundo o instrutor José Ikeda. Os voluntários promoveram a pintura, consertaram os globos de cimento que significam os pontos cardeais e substituíram parte do calçamento. O administrador da Redenção, Clóvis Breda, ressaltou que é importante o envolvimento dos usuários na conservação do parque. 'É difícil realizarmos um trabalho mais detalhado. Só conseguimos fazer o básico no dia-a-dia.

Criado na década de 40, o Recanto Solar também é composto por uma rosa dos ventos desenhada no chão, de pedras portuguesas. O espaço nunca foi concluído, pois a proposta original previa a instalação de um relógio solar. Em agosto acontecerá a revitalização do Recanto Oriental, em parceria com um grupo de artes marciais.



Recanto da Redenção foi recuperado no final de semana

Correio do Povo, 31 de julho de 2005, p. 18, disponível em
<http://www.correiodopovo.com.br>, acesso em novembro de 2005

A partir desses dois exemplos e da análise geral da amostra, é possível afirmar que as matérias sobre revitalização conseguem demonstrar que essa medida é mais abrangente do que o restauro ou a preservação.

4.5.8 Proteção

As matérias que fazem parte do indicador de proteção estão relacionadas ao inventário, à definição de áreas de interesse cultural e ao tombamento. Juntas, somam 15% do total da amostra. Apesar de parecerem temas simples ou muito técnicos, podem gerar inclusive a conscientização do leitor dependendo de como forem abordados.

Ao divulgar a discussão de propostas para remodelar o Plano Diretor da cidade feito pelo movimento Viva Porto Alegre, matéria publicada no Correio do Povo, de 12 de maio de 2005 (figura 11, p. 120), explica bem o que são as áreas de interesse cultural. Segundo o texto, elas identificam sítios do patrimônio cultural e ambiental, bem como áreas de referência à identidade da cidade. Relatando e criticando a trajetória dessa medida urbana, o texto possui elementos que podem favorecer a conscientização do leitor, principalmente ao mostrar a necessidade da mobilização em prol da preservação do patrimônio edificado e enfatizar, indiretamente, que é algo que depende muito mais da motivação dos cidadãos do que do governo.

Outras duas matérias merecem atenção. Divulgadas na Zero Hora e no Correio do Povo dos dias 23 e 24 de julho de 2005, respectivamente, falam sobre casas históricas de Marques de Souza tombadas como patrimônio do município e que estão gerando preocupação para proprietários que não têm interesse e nem

condições de arcar com sua conservação, segundo as figuras 31 (p. 162) e 32 (p. 163).

As notícias relatam que, devido ao desconhecimento dos moradores de que o bem tinha essa característica especial, possivelmente o tombamento será revogado. Em ambas faltam informações sobre a anulação da medida de proteção, visto que o texto fica mais centrado nas discussões sobre a preocupação dos moradores em conservar os bens.

Por serem veiculadas em jornais diferentes, nada impediu que consultassem as mesmas fontes. Porém essa coincidência não foi motivo para que os textos fossem construídos da mesma forma. A Zero Hora, ao afirmar que os habitantes da localidade não teriam condições e tradição em conservar imóveis históricos, faz um contraponto ao relatar que uma das moradoras da região cuida de sua casa como se fosse uma relíquia. O Correio do Povo, por sua vez, também relata o caso e revela que a conservação externa é feita porque o imóvel funciona como sede de um comércio.

Com essa cobertura, as duas matérias perdem um bom espaço para tentar conscientizar o leitor sobre a importância da conservação e do tombamento, que mais uma vez é visto de forma negativa.

4.5.9 Degradação

Junto com a conservação, a degradação dos bens foi um dos indicadores de foco com menor índice de aparecimento, respondendo a apenas 5% do total da amostra.

Uma matéria pontual sobre degradação foi publicada pela Zero Hora no

Figura 31

Patrimônio sob o risco de desmanche

22 | PORTO ALEGRE, SÁBADO, 23/07/2005

ZERO HORA
GERAL

Editor: Diego Araujo ♦ diego.araujo@zerohora.com.br ☎ 3018-4732
Coordenadora de Produção: Valéria Pereira ♦ geral@zerohora.com.br ☎ 3218-4728

VALE DO TAQUARI Proprietário pretende derrubar casas feitas em enxaimel em Marques de Souza

Patrimônio sob o risco de desmanche

TAIS GRÜN
♦ Marques de Souza

Parte da história de Marques de Souza, no Vale do Taquari, está ruindo.

Mesmo tombados como patrimônio municipal, dois prédios construídos no início do século passado – e utilizados, em 2001, para as filmagens do longa-metragem *A Paixão de Jacobina*, de Fábio Barreto – correm o risco de ser derrubados devido ao seu péssimo estado de conservação.

Há quatro anos, as edificações, erguidas com a técnica enxaimel, na localidade de Tamanduá, a 10 quilômetros do Centro, pertencem ao produtor rural Nilson Luís Cavaleti, 36 anos. Ele planeja derrubar o casarão e aproveitar o terreno para a construção de uma nova casa. No entanto, desde que investiu R\$ 28 mil na compra dos imóveis, Cavaleti não consegue concretizar o sonho de morar no local.

Os antigos prédios teriam sido tombados pelo município no mesmo período da negociação sem que ele soubesse do decreto.

– Só quando eu estava providenciando a escritura descobri que eles eram patrimônio. Nunca tive interesse, nem dinheiro para conservá-los. Mas quero utilizar o terreno que comprei – diz o proprietário.

As duas casas, onde chegaram a funcionar um salão de baile e uma cooperativa, foram tombadas pela então vice-prefeita Lúcia Batista

Pereira. A atual assessora do deputado estadual Giovanni Cherini (PDT) diz que assinou o decreto com a intenção de atrair investimentos ao turismo em Marques de Souza.

– Precisamos explorar as riquezas que temos na nossa cidade e, por isso, é necessário cultivar a preservação da nossa história – diz ela.

Cavaleti procurou o prefeito Deonilo Bazzo (PMDB), que estuda a possibilidade de revogar a lei de transformação em patrimônio municipal das antigas casas. Nos próximos dias, Bazzo pretende consultar a comunidade para saber até que ponto os moradores defendem a conservação das edificações.

– Sabemos do valor cultural desses prédios, mas nosso município não tem dinheiro para mantê-los. Além disso, eles estão localizados num ponto sem qualquer fluxo turístico e há outras prioridades para a população, como a geração de empregos – observa o prefeito.

tais.grun@zerohora.com.br

Casarão conservado

Um antigo casarão que serviu como residência e casa comercial aos primeiros moradores de Tamanduá é conservado como relíquia pela família de Iraci Inacema Presto, 66 anos.

– Meu avô (Jorge Relli) ajudou a construir o prédio e, anos mais tarde, compramos a casa. Dá trabalho, mas sempre procuramos mantê-la – comenta a aposentada.

O local atualmente abriga a empresa de lapidação de pedras da família e um espaçoso dormitório para os parentes, em períodos de visita.



FOTOS: LIDIANE GALIMANNI/ESTRELAZULI

Ameaçada: casa que abrigou salão de baile e foi cenário de filme tem conservação precária



Figura 32

Prefeitura tenta revogar lei de tombamento

MARQUES DE SOUZA

Prefeitura tenta revogar lei de tombamento

Os prédios antigos, no distrito de Tamanduá, município de Marques de Souza, utilizados em outubro de 2001, para as filmagens do longa-metragem 'A paixão de Jacobina', poderão ter o decreto de tombamento revogado. Em 16 de outubro de 2002 a então vice-prefeita Lúcia Pereira, ao assumir na ausência do prefeito Gelsy Arend, através de projeto de lei, aprovado pela Câmara, fez o tombamento das casas que serviram de cenário.

Os proprietários foram informados que receberiam benefícios, pois a partir da lei não poderiam modificar as construções. O projeto que os isentava de impostos até hoje não foi encaminhado à Câmara e os prédios carecem de conservação. A exceção é uma das casas, onde funciona uma loja de pedras preciosas. O empresário diz que investiu no local com a pintura e conservação da parte externa. O problema maior são os cupins. Porém, ao lado, nas casas que também serviram de cenário, tudo parece abandonado.



Um dos proprietários diz que foi pego de surpresa e que agora não pode fazer os reparos. O atual prefeito, Deonilo Bazzo, adianta que manda nos próximos dias um novo projeto de lei para que seja aprovado na Câmara, revogando a atual lei de tombamento das casas.

Distrito foi cenário de filme sobre a vida de Jacobina

dia 21 de maio de 2005 (figura 23, p. 146). Sob o título “Instituto de Educação agoniza”, a notícia revela alguns dos problemas pelos quais a edificação passa, apesar de não citar o termo degradação. Entretanto, ao afirmar que o prédio está tomado por infiltrações e goteiras, com algumas dependências alagadas e com risco de desabamento, entende-se que o foco é a degradação do espaço, principalmente ao usar a frase “quem trafega pela Osvaldo Aranha e olha as colunas jacônicas, inspiradas em templos gregos, não suspeita do que se passa nas dependências do instituto”.

Como todo fenômeno gradual, a degradação é sentida quando os danos e problemas antigos do prédio começam a aparecer, servindo de alerta a seus moradores. Nesse ponto, as matérias poderiam focar noções de conservação e manutenção, partindo do pressuposto de que, através de conservações preventivas, é possível evitar ou retardar processos que degradem o bem.

4.5.10 Perdas Patrimoniais

Situadas em 5% do total de 40 matérias, as perdas patrimoniais estão relacionadas a fenômenos drásticos que atinjam a edificação.

Um exemplo é a matéria que retrata o incêndio que atingiu boa parte do Mercado Público de Florianópolis, noticiado pela Zero Hora no dia 20 de agosto de 2005, como mostra a figura 9 (p. 114). O texto relembra a história do prédio, traz relatos e lembranças de seus frequentadores e em relação à perda patrimonial fala sobre o provável estopim das chamas, ilustrando essas informações em um infográfico.

Outra matéria que ilustra esse indicador é a que informa sobre a possível

relocalização da estátua do Laçador devido à construção do viaduto Leonel Brizola (figura 33, p. 166). Publicada no jornal O Sul do dia 08 de julho de 2005, a notícia apresenta uma preocupação maior com a infra-estrutura e as especificações do empreendimento do que com a possível perda patrimonial que a obra pode causar.

O texto apresenta problemas já no título, que ao dizer que o viaduto será construído *junto* ao Laçador, deixa subentendido que o empreendimento e o monumento conviverão no mesmo espaço. Porém somente na legenda da foto e na última frase da matéria é revelado que será necessário retirar a estátua dali para a consecução da obra.

A importância do bem histórico é enfocada apenas na legenda, a qual afirma: “obra obrigará a relocalização de um dos símbolos da capital, o Laçador”. E mesmo assim de uma forma superficial.

Essa mudança é considerada uma perda patrimonial porque, dependendo do local onde será situado, o monumento corre o risco de ficar descontextualizado ou escondido, perdendo sua relação com o espaço e também com os moradores da cidade, mas isso nem sequer é mencionado no texto.

Esses dois exemplos demonstram como uma matéria sobre perda patrimonial pode ser construída. Por um lado os prejuízos que a perda pode causar podem simplesmente ser ignorados ou, por outro, o texto pode trazer elementos históricos, enfocando lembranças e discutindo as conseqüências dos danos para a edificação. Enquanto que a primeira opção trata o patrimônio edificado como um elemento urbano qualquer e sem importância social, a segunda consegue valorizar e humanizar os bens.

Figura 33

Protocolo para a construção de viaduto junto ao Laçador

19 O SUL Porto Alegre, sexta-feira, 8 de julho de 2005

Prefeitura e Aeronáutica firmam protocolo para a construção de viaduto junto ao Laçador.

Reintegração de posse.

O Inera (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) pediu ontem à Justiça a suspensão de reintegração de posse da fazenda Cabanha Dragão, em Eldorado do Sul. A área foi invadida na semana passada por 350 famílias do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). O órgão quer utilizar a área para assentar agricultores. A Justiça determinou a saída dos integrantes do MST até as 18h30min de hoje. Entretanto, as famílias garantem que não sairão do local, onde cultivam hortas. (AMB).



BANCO DE GAZETAS O SUL

Lotação em hospitais.

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre pede às gestantes que se encaminhem a outras maternidades da capital, em função da superlotação no setor pediátrico. A UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) Neonatal, com 20 leitos, trata 27 recém-nascidos. Ontem, o atendimento emergencial a crianças no Clínicas também estava sobrecarregado: há somente oito vagas, mas 11 pacientes estavam internados. No Hospital Conceição, na Zona Norte, a superlotação na emergência, com capacidade para 47 pacientes, obrigou o setor a atender 61 pessoas. (AMB)

A prefeitura de Porto Alegre e o Quinto Comar (Comando Aéreo Regional) assinam hoje protocolo para permitir a construção do viaduto Leonel Brizola, junto ao Monumento ao Laçador, na Zona Norte da cidade. O viaduto fará a ligação entre a Terceira Perimetral, cujos 12,3 quilômetros atravessam 20 bairros da capital, e a BR-290 (freeway).

Por estar próxima ao Aeroporto Internacional Salgado Filho, a obra precisou da liberação da Aeronáutica. O projeto original sofreu alteração, pois não condizia com as normas de segurança de voo, como a redução de 9 metros para 6,7 metros da altura do elevado, para não atrapalhar a decolagem e o pouso no aeroporto.

INTERFERÊNCIA – Outra exigência para viabilizar a obra foi a compra do End Fire, um equipamento avaliado em 1,3 milhão de dólares (cerca de 5 milhões de reais) e que permite livrar o controle de vãos da interferência do trânsito de veículos automotores.

O projeto prevê o início do viaduto na rua Dona Teodora, passando por cima da linha da Trensurb e dividindo-se em duas ramificações. Uma terá 372 metros e a outra, 450 metros. A obra, que obrigará a relocação do Laçador, ligará o bairro Humaitá ao restante da Terceira Perimetral. (AMB com agências)

OBRA obrigará a relocação de um dos símbolos da capital, o Laçador.

4.5.11 Depredação

Dentre as matérias analisadas, 3% possuem o foco na depredação. O número é pequeno, mas alguns exemplos são significativos e podem inclusive auxiliar a gerar a conscientização do leitor, como mostra a matéria veiculada pela Zero Hora no dia 28 de agosto de 2005, figura 34 (p. 168).

Nela, verifiquei como a interação entre o público e o patrimônio edificado também pode motivar a realização de matérias alertando para problemas nos estragos das edificações. Ao demonstrar o alerta de um freqüentador do Parque Farroupilha (Redenção) para com a degradação e os danos sofridos por monumentos do local, o jornal consegue demonstrar alguns dos problemas que acometem os marcos do parque e, de uma forma mais geral, da cidade também. As imagens foram fotografadas por ele e publicadas no jornal como uma demonstração de cidadania e preocupação com o patrimônio cultural.

Dentro da amostra analisada, todas as matérias sobre depredação relacionaram-se aos monumentos. Em nenhum momento apareceram notícias informando que casas ou prédios haviam sofrido danos através da depredação. Isso revela como estátuas, fontes e monumentos estão mais suscetíveis ao vandalismo e ao desrespeito por parte dos cidadãos. Matérias como a enfocada anteriormente podem servir de incentivo para aqueles que não tomam o devido cuidado com o patrimônio cultural, pois trata-se de um alerta de uma pessoa que está vendo, aos poucos, a memória de sua cidade esvair-se através das depredações.

Figura 34

Frequêntador registra depredação em parque

CAPITAL Fotos provocaram criação de grupo de defesa da Redenção

Frequêntador registra depredação em parque

Há 12 anos caminhando pelo Parque da Redenção, o professor aposentado Luiz Carlos Félix de Oliveira acompanhou um triste processo: a progressiva depredação do parque.

Neste mês, ele decidiu levar uma máquina fotográfica a tiracolo. Em duas horas, registrou monumentos depredados e sujeira deixada por moradores de rua.

Foram 24 locais fotografados. Ontem, ele mostrou as 36 fotos que fez no dia 11 deste mês aos colegas do Rotary Club Bom Fim. As imagens inspiraram um programa para buscar alternativas, o S.O.S Parque Farrroupilha.

– Caminho com minha esposa todos os dias há 12 anos, assistimos à gradual degradação – diz Oliveira, membro da direção do clube.

Onde havia placas de bronze, restou apenas a marca. E onde não houve furto, a própria administração retirou o que restava para não perder tudo. Por isso, há monumentos em que restou o granito, sem identificação.

Outros encontros no Rotary Bom Fim darão corpo ao S.O.S Parque Farrroupilha. Reforçar o policiamento noturno, cercar monumentos e até o próprio parque serão assuntos discutidos.



Estrago: placas de bronze são retiradas

– Queremos conscientizar as pessoas sobre o problema – afirma o professor aposentado.

Um exemplo do prejuízo causado é o busto de Francisco de Paula Brochado da Rocha, que ainda não tem data para voltar. A Secretaria do Meio Ambiente (Smam) retirou a escultura no ano passado depois de freqüentes reparos por conta de depredações. É na parceria com empresários que a Smam busca a restauração do monumento. Ele já havia sido revitalizado em 2001, mas em um mês a escultura já estava pichada novamente.

Parcerias são apontadas como solução

Dos 38 monumentos e placas no Parque da Redenção, dois estão comprometidos, outros sete foram guardados para não serem totalmente destruídos e o resto está parcialmente atacado por vândalos. A exceção é a pira no Monumentos ao Expedicionário, que está sendo recuperada.

– Os parques são da sociedade, então todos devem participar da manutenção por meio da adoção e do voluntariado. Com isso, temos avançado na revitalização do Recanto Solar, no Recanto Europeu, no Monumento ao Expedicionário, sempre em parceria com a Smam – diz o titular da Smam, Beto Moesch.

Uma das soluções apontadas pelo secretário é a ampliação da parceria com a Brigada Militar e a Guarda Municipal para vigiar os locais mais atingidos. Mesmo assim, Moesch destaca a importância de uma maior conscientização entre o público.

– Não adianta apenas restaurarmos. É preciso uma campanha de valorização do que é público. A cidade precisa fazer isso – afirma o secretário.

4.5.12 Ação Cultural

As matérias sobre ação cultural obtiveram 10% de frequência na amostra analisada. Um exemplo de divulgação de ação cultural foi publicado pelo Jornal do Comércio do dia 6 de junho de 2005, no caderno Panorama (figura 35, p. 170), falando sobre o projeto Memorélio, uma iniciativa de educação patrimonial realizada pelo Memorial do Rio Grande do Sul. O texto não está ligado diretamente a ações de intervenções ao patrimônio, mas demonstra como crianças e adultos podem aprender mais sobre a história de Porto Alegre, do Estado e da edificação através do teatro de bonecos.

Apesar de falar em educação patrimonial, o texto não consegue transmitir esse conceito ao leitor. Apesar de focar vários detalhes do projeto e citar algumas características do prédio, a matéria não é capaz de comunicar efetivamente noções de educação patrimonial. Falta-lhe força e relatos históricos para contextualizar a edificação nos períodos históricos em que teve alguma relevância ou que fizeram parte de sua história.

4.6 Adequação conceitual

Devido a sua especificidade, os conceitos referentes às intervenções ao patrimônio edificado precisam ser bem entendidos para que a informação seja transmitida de forma coerente, correta e sem induzir a dúvidas. A amostra analisada mostrou que 68% das matérias desempenham um papel satisfatório ao referir-se aos principais conceitos, enquanto 32% mostraram-se insatisfatórias, confundindo o sentido de alguns termos e usando sinônimos incorretos.

Figura 35

Memorélio conta a história da capital

Memorélio conta a história da Capital

O Memorial do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega, s/nº) faz hoje, às 9h, a abertura oficial do Projeto Memorélio, no Auditório Oswaldo Goidanich, exibindo números educativos de teatro de bonecos. Estarão presentes alunos da Escola Estadual Paula Soares e Escola Infantil do Centro Administrativo Fernando Ferrari. A iniciativa do Memorial envolve apresentações gratuitas de teatro de bonecos para crianças, de terça a sexta.

Criado para a instituição, o personagem Memorélio passa, a partir de hoje, a protagonizar esquetes teatrais relacionadas à história, cultura e patrimônio

do Estado, com os monitores. Sua criação conta parte da história de Porto Alegre. Ele é o mais antigo morador da construção em estilo barroco, realizada entre 1910 e 1914, e mora na torre do relógio desde então, fazendo a sua manutenção por todo este tempo.

Quando chegou de barco em Porto Alegre, no final do século 19, gostou do que viu e resolveu morar na Capital. Ávido leitor, vai contar as experiências que viveu através das décadas. Entre seus passatempos da época, pescava no lago Guaíba, antes mesmo de ser aterrado e constituir a atual paisagem do Centro da cidade.



Boneco protagoniza projeto educativo do Memorial

A seguir os dois indicadores serão analisados e exemplificados.

4.6.1 Satisfatório

Dominar os conceitos de forma adequada é o primeiro passo para informar corretamente o leitor. Como exemplo de matéria que cumpriu bem a questão da adequação conceitual faço um comparativo entre as notícias sobre a revitalização dos Mercados Bom Fim e Público, divulgadas pelo Correio do Povo nos dias 1º de maio (figura 19, p. 137) e 19 de junho de 2005 (figura 36, p. 172).

A segunda matéria dá continuidade à primeira e emprega melhor o uso do termo revitalização. Enquanto a primeira fala em “reforma” dos espaços, a segunda cita que a intenção de revitalizar os locais, explicando que a iniciativa melhorará a relação com o público que os frequenta.

O termo reforma é empregado incorretamente porque, segundo o Aurélio, reforma está ligada à mudança, modificação, fugindo do sentido da revitalização, que tem o objetivo de resgatar as características originais do bem e contribuir para melhorar seu entorno e qualificar sua relação com a comunidade.

4.6.2 Insatisfatório

Um número razoável de matérias usou os conceitos de intervenção de forma insatisfatória, chegando a 32% do total da amostra. Um dos termos que mais foi aplicado incorretamente foi revitalização. O Correio do Povo, de 2 de agosto de 2005, publicou matéria afirmando que prédios históricos de Rio Pardo seriam

Figura 36

Revitalização dos mercados está ameaçada

Revitalização dos mercados está ameaçada

Pendências judiciais e recursos escassos ameaçam a revitalização dos dois mais importantes mercados de Porto Alegre: o do Bom Fim e o Mercado Público. Os investimentos anunciados pela Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), como a pintura e a abertura processo de licitação para a ocupação de espaços no Mercado Público ainda não ocorreram. No Mercado do Bom Fim, a revitalização não avançou. Segundo a Smic, ações judiciais movidas por permissionários estão impossibilitando as ações.

O secretário da Smic, Idenir Cecchim, disse que a prefeitura vem trabalhando para recuperar os estabelecimentos dentro das condições da administração. No Mercado do Bom Fim, comerciantes com permissão vencida estão perdendo o direito à renovação automática dos contratos. Ficou definido ainda que os espaços nos fundos do mercado serão destinados a restaurantes temáticos. O representante dos Restaurantes e Bares do Mercado Bom Fim, Antenor Guerra, disse que apóia a iniciativa. Segundo ele, a população está deixando de freqüentar o mercado por falta de segurança.

No Mercado Público, a pintura e a ocupação de espaços estão em discussão com os permissionários. No entanto, de acordo com o secretário, outras ações já estão sendo executadas, como a instalação de um posto da Brigada no interior do Mercado Público e ampliação da iluminação interna. 'São medidas que visam a melhorar o estabelecimento', justificou Cecchim.



Mercado Bom Fim terá restaurantes temáticos nos fundos

revitalizados através de pintura nova e reparos de pequenos danos (figura 37, p. 174). Conhecendo o significado dos termos revitalização e restauração, pode-se notar que a intervenção realizada nas edificações não está correta. Tratam-se apenas de pequenos reparos e pintura, então o mais correto seria dizer que será feito um restauro. Por ser uma ação pequena que enfocará apenas aqueles bens e não trará alterações para seu entorno ou terá fortes conseqüências sociais e culturais, não se enquadra como revitalização.

Termos como prevenção e conservação também foram confundidos na matéria sobre a venda das portas de madeira (figura 26, p 152). Porém sem prejuízo grave de sentido. Nessa matéria são usadas as palavras *preservação* e *manter* no sentido de conservação. Apesar de o sentido ser o mesmo, esse erro pode gerar problemas para o leitor, que corre o risco de confundi-los.

Esses exemplos mostram que, apesar de parecerem simples e muito parecidos, os sentidos dessas expressões podem ser confundidos e deve-se ter cuidado ao utilizá-las principalmente para não passar informações erradas ao leitor.

4.7 Informações técnicas

Foram consideradas informações técnicas todas as palavras ou expressões que não fazem parte do conteúdo cotidiano do jornal e que geralmente necessitam de explicações sobre seu significado. Dentro da análise realizada nesse trabalho, foram encontradas apenas 5 matérias contendo informações técnicas.

Em outras palavras, apenas 13% do total da amostra apresentou esse tipo de informações falando tanto sobre os bens, como sobre as intervenções empregadas neles. 90% delas não explicam tais termos, apenas usam essas

Figura 37

Prédios históricos terão novas cores

Prédios históricos terão novas cores

A revitalização resulta de parceria entre a Prefeitura de Rio Pardo e os proprietários dos imóveis



Antiga sede da prefeitura foi construída em 1851

Oito prédios arrolados no patrimônio histórico de Rio Pardo estão ganhando pintura nova. A maioria das construções é de propriedade particular e a prefeitura vem realizando parcerias com os atuais donos para viabilizar o serviço. O secretário adjunto de Turismo, Mauro Bica, explica que somente a despesa com a compra de tinta acrílica somou R\$ 2.776,62 até agora. Esse valor não inclui, entretanto, os gastos feitos com rolos, pincéis e mão-de-obra, por exemplo. Quatro pintores foram fornecidos pela Secretaria de Obras e houve contratação de mais seis.

Três prédios situados na rua Andrade Neves estão sendo os primeiros a ganhar nova aparência. Um deles é um casarão de 1851, na esquina com a Rua da Ladeira, que serviu de sede para o Executivo municipal. São dois pavimentos erguidos no estilo luso-brasileiro, que inicialmente abrigavam o Hotel Brasil. Em 1884, ali ocorriam as reuniões do Clube Republicano e, em 1904, a prefeitura passou a ocupá-los. Hoje abrigam a Secretaria de Turismo, o Detran, a Biblioteca Pública Municipal e o escritório da Emater.

O segundo prédio, na outra esquina da Rua da Ladeira, é o Solar Panatieri, referência na história de Rio Pardo. Trata-se de um sobrado de dois pavimentos, construído em 1848, que hospedou o imperador Dom Pedro II em uma de suas visitas ao Rio Grande do Sul e hoje serve a um espaço cultural. A terceira construção que está recebendo pintura é o antigo Fórum, inaugurado em 1896, embora a fachada seja de 1946. Desocupado há dez anos, após a transferência da Justiça para novas instalações, o sobrado pertence à Corsan e possui elementos neoclássicos.

Entre os prédios que também receberão pintura agora estão o Solar das Águias, o Clube Literário, o Sobrado de Raul Silveira, o prédio das famílias Quadro e Marcola, duas casas geminadas com o Solar Panatieri e o casarão abandonado ao lado do antigo Fórum. Essa primeira etapa prevê a pintura da fachada dos prédios mais antigos da rua Andrade Neves e das proximidades, assim como reparos de pequenos danos.

informações para ilustrar o texto, demonstrando que ações ou que materiais compõem a edificações ou serão usados em seu restauro.

4.7.1 Presença

Dentro das matérias onde há esse tipo informação, quase nenhuma fornece explicações sobre intervenções, materiais ou técnicas construtivas. Um dos únicos casos em que os termos técnicos foram explicados pode ser observado na matéria que fala sobre a intervenção que o Corpo de Bombeiros de Pelotas está realizando no Altar da Pátria, conforme a matéria do Correio do Povo de 27 de agosto de 2005 (figura 38, p 176). O texto cita que será aplicado no monumento uma substância chamada hipoclorito, cuja função é explicada em seguida: recuperar a cor original do granito que compõe o marco. Dessa forma, deixa o leitor informado e explica de uma forma rápida e simples a função da substância.

4.7.2 Ausência

Grande parte das matérias (87%) não apresenta informações técnicas, mas tenta facilitar o entendimento do leitor através de uma linguagem mais acessível e clara, usando termos e palavras já conhecidas e de fácil entendimento.

Falando sobre a revitalização da estação ferroviária de Rio Pardo, o Jornal do Comércio do dia 30 de junho de 2005 (figura 13, p 125) traz informações bem genéricas sobre as intervenções e não usa termos técnicos em nenhum momento. É até estranho que isso ocorra, pois o texto está inserido no caderno JC Logística, que possui um público mais específico e, por isso, usa muitas

Figura 38

Unidade de bombeiros adota o Altar da Pátria

Unidade de bombeiros adota o Altar da Pátria**A iniciativa tem apoio de empresas pelotenses**

Mostrando que, quando se quer, é possível fazer mais pelo município, o comando do Corpo de Bombeiros de Pelotas (CBPel) decidiu revitalizar o Altar da Pátria, localizado na avenida Bento Gonçalves. 'Resolvemos tomar a iniciativa', destacou o comandante do CBPel, capitão Marco Petry. Para tanto, foi buscada ajuda de empresas da cidade, que doaram ou emprestaram lava-jato, andaimes, produtos de limpeza e removedor de tinta. Os bombeiros pretendem apagar pichações e recuperar mastros e calçada. Para concluir o trabalho antes de 1º de setembro, quando o Fogo Simbólico será aceso, estão sendo ocupados de três a seis militares por dia.



O trabalho foi dividido em etapas, que começaram a ser cumpridas na última segunda-feira. A primeira consistiu na limpeza do monumento com hipoclorito, para recuperar a cor original do granito, e o lixamento dos mastros. A segunda etapa, iniciada nessa quinta-feira, objetiva a retirada das pichações e também o início da pintura dos mastros.

Revitalização deve ser concluída até 1º de setembro

informações e termos técnicos em suas matérias.

Percebi que, ao não usar informações técnicas sobre o processo de restauro, de degradação, depredação ou demais dados, deixam a matéria mais leve, mas com um menor aprofundamento. Esse último exemplo enfoca as melhorias que serão feitas no local, mas não diz o que está com problemas, o que será preservado, se serão usadas novas tecnologias na revitalização, etc. Essas informações podem parecer à primeira vista supérfluas, mas fornecem mais autenticidade ao texto, além de trazer mais informações ao leitor.

Quando utilizados, tais termos precisam ter um tratamento adequado para não gerar dúvidas no leitor e fazer com que ele compreenda a totalidade do texto.

4.8 Natureza e ações

Dentre as matérias analisadas na amostra, 63% correspondem a bens públicos, 38% ao patrimônio privado.

Já em relação às ações ao patrimônio edificado, 60% são realizadas por órgãos públicos e 40% pela iniciativa privada e por cidadãos. A seguir veremos como essas questões conectam-se.

4.8.1 Público

Selecionei dois exemplos distintos de propriedade e ação pública para ilustrar a questão. A primeira matéria trata-se da restauração da Biblioteca Pública do Estado, que terá alguns de seus problemas sanados através da intervenção do Projeto Monumenta (figura 3, p. 105). Já a segunda, enfoca a preocupação da

Prefeitura de Rio Pardo em preservar prédios privados da cidade, realizando pintura e pequenos reparos nas edificações, como pode ser observado na figura 37 (p. 174).

A partir delas, se pode constatar que o governo volta suas atenções também ao cuidado com as construções de propriedade particular ao invés de restaurar e conservar apenas prédios públicos. A veiculação de matérias relatando essas ações pode ser uma boa alternativa para conscientizar os proprietários de bens históricos a também contarem com o auxílio de programas voltados à valorização do patrimônio edificado para conservarem seus bens.

4.8.2 Privado

Entre as matérias que falam sobre a propriedade e ação privadas, vale destacar uma matéria interessante sobre a ação privada. A notícia em questão fala na preservação do Altar da Pátria por parte do Corpo de Bombeiros de Pelotas (figura 38, p 176). Já na primeira frase, há uma afirmação sobre a iniciativa da comunidade para preservar os bens públicos: “mostrando que, quando se quer, é possível fazer mais pelo município [...]”.

Esses dois exemplos mostram situações distintas: a preocupação da comunidade com seus bens e com os bens públicos. A análise delas demonstra que, aos poucos, as medidas de preservação, conservação e restauração estão sendo internalizadas pelos cidadãos, que se preocupam em conservar seus próprios bens e estender isso também ao patrimônio cultural que os rodeia. Ambas configuram-se como exemplos de conscientização que podem estimular o leitor a fazer o mesmo.

Com esses quatro exemplos, é possível observar que as matérias que enfocam as ações privadas, ou seja, feitas pela comunidade, humanizam mais o

texto e demonstram a importância das edificações para aquelas pessoas. Enquanto que as de ação pública, por outro lado, informam sobre os valores gastos com a intervenção, explicam como serão os investimentos e parecem estar mais preocupadas em prestar contas à comunidade das ações governamentais. Porém também procuram humanizar o texto ao focar aspectos históricos e culturais da edificação.

Com base nos dados obtidos, é possível verificar também que há um maior envolvimento da iniciativa privada e da sociedade para com o patrimônio de propriedade pública (que apresentou frequência bem superior ao de propriedade privada). Tal fato demonstra a necessidade de mais matérias sobre o tema e que, principalmente, contenham elementos de conscientização e educação patrimonial para convencer as pessoas a valorizarem e cuidarem do patrimônio edificado.

4.9 Continuidade

A continuidade é um fator relevante para a fixação da memória do leitor, principalmente em tempos onde é preciso estimular a memória individual e social. Muitas vezes, quando um fato é noticiado e de alguma forma toca o público, o jornal precisa ter a sensibilidade de o atualizar e informar sobre sua evolução, agregando informações novas e trazendo respostas e soluções para quem está lendo o texto.

Dentre a amostra analisada, 38% das matérias mostraram ter continuidade. Dentre essas, destaquei algumas devido a aspectos positivos e negativos dessa continuidade.

A revitalização dos Mercados do Bom Fim e Público denota essa preocupação e mostra que o jornal cumpre seu papel. No dia 1º de maio, foi

veiculada uma matéria no Correio do Povo com um pedido feito pela associação de comerciantes dos mercados para a revitalização de ambos (figura 19, p 137). O texto descreve os problemas pelos quais os espaços passam e demonstra a ansiedade dos comerciantes na agilidade do processo de revitalização.

O pedido recebeu uma resposta no dia 26 de junho de 2005 (figura 36, p. 172). O mesmo jornal publicou outra matéria afirmando que as obras no Mercado Bom Fim estariam ameaçadas devido a problemas burocráticos. Já as melhorias no Mercado Público, segundo o texto, estavam sendo realizadas, pois a iluminação interna e o entorno haviam sido melhorados.

Pude verificar que o jornal preocupou-se em mostrar como estava o andamento do pedido de restauro, revelando um importante aspecto da continuidade, o acompanhamento do fato. Apesar disso, a matéria não demonstrou sua preocupação com o leitor ao não retomar o assunto de um modo que a notícia foi divulgada sem conexão com a anterior.

Como pode ser percebido, durante a atualização de uma notícia é importante que o texto resgate as origens ou a problemática do fato para situar o leitor. Muitas vezes, quem lê quer saber mais sobre o assunto e se sua atualização demorar muito tempo para ser feita e não houver esse resgate, o interesse pode ser perdido ou o fato talvez não seja entendido em sua integralidade, tornando a comunicação fragmentada e desconexa.

O caso de depredação da Fonte Talavera de la Reina recebeu uma boa cobertura da imprensa, que inclusive noticiou a evolução da discussão de seu restauro. Na maioria das vezes, a continuidade conseguiu ser eficaz, retomando e atualizando o assunto. Depois de quase um mês que o incidente havia ocorrido, o Jornal do Comércio fez a primeira matéria sobre o assunto. Veiculada no dia 4 de

julho de 2005, a notícia relembra como e quando houve a depredação do monumento e traz algumas novidades sobre o restauro do bem, como pode ser observado na figura 22 (p. 143).

Revela que a intervenção pode ser feita em Porto Alegre, que talvez a fonte receba uma cerca de vidro e que poderá ganhar um memorial. De um modo geral, todas as matérias analisadas que deram continuidade ao assunto, conseguiram resgatar o incidente (nem que seja resumidamente), atualizaram as informações ou esclareceram melhor os fatos.

Já a continuidade das matérias sobre as áreas de interesse cultural situadas no 4º Distrito veiculadas pelo Jornal do Comércio de 18 de abril (figura 23, p. 146) e 20 de julho de 2005 (figura 39, p. 182) deixa muito a desejar. O primeiro detalhe é que as duas matérias apresentam exatamente a mesma foto (a da primeira matéria está apenas um pouco maior), o segundo é que elas dão informações diferentes sobre os bairros que compõem a região do 4º Distrito. Enquanto a primeira diz que ela compreende os bairros Navegantes, Floresta e São Geraldo, a segunda afirma que os bairros são Humaitá, Navegantes e Anchieta.

Em relação ao conteúdo, a primeira matéria coloca em discussão uma questão importante que mereceria uma discussão maior: a problemática da inclusão de empreendimentos comerciais na listagem do patrimônio cultural municipal. Temendo a possibilidade de terem seus imóveis tombados e não poderem reformá-los, os comerciantes não vêem a ação protetora positivamente. A matéria faz um contraponto, mostrando a importância de preservar e valorizar os imóveis listados como patrimônio cultural da cidade, mas não dá maiores esclarecimentos sobre o processo de tombamento.

Figura 39

4º Distrito terá comitê gestor

ZONA NORTE

4º Distrito terá comitê gestor

O prefeito de Porto Alegre José Fogaça anunciou ontem - em uma reunião com representantes das associações e entidades dos bairros Humaitá, Navegantes e Anchieta - a criação de uma comitê gestor voltado à elaboração do projeto de revitalização do 4º Distrito. O grupo - formado a pedido do presidente da Associação dos Amigos do 4º Distrito, Mauro Zacher - começará a trabalhar no próximo mês.

"A criação deste comitê é de extrema importância para o desenvolvimento da região, já que muitos projetos ficam parados devido à falta de comunicação com a prefeitura", diz o presidente da Associação dos Empresários Humaitá-Navegantes, Cristiano Renner.

Fogaça informou que o Executivo irá encaminhar à Câmara de Vereadores, no início de agosto, projeto de lei para regulamentação de Áreas Especiais de Interesse Cultural (AEICs). O objetivo é regularizar com maior precisão cerca de 1,4 mil prédios da região.



Área deve passar por processo de revitalização

EDUARDO SEID/ARQUIVIO/AC

A segunda matéria não retoma o assunto dentro dessa ótica e tampouco soluciona as dúvidas dos comerciantes. O texto fala que será formado um comitê para elaborar um projeto de revitalização da área. Apesar de ter a mesma imagem, falar sobre o mesmo local, focar a mesma problemática (listagem do patrimônio e a definição das áreas de interesse cultural), as matérias não tem conexão e não conseguem realizar a continuidade esperada, pois o assunto renderia novas discussões.

Outro problema que ocorre em relação à continuidade é que pode haver uma sobrecarga de matérias sobre um mesmo assunto que não trazem nada de novo, mas apenas tentam fixar determinado fato na memória do leitor. Isso pode ser negativo, pois ao ler um texto com as mesmas informações durante um pequeno intervalo de tempo, o leitor pode ficar desestimulado e desgostoso por verificar as mesmas informações lidas no dia anterior, gerando o efeito inverso ao planejado pelo veículo.

Isso ocorreu com as matérias sobre o lançamento do Centro Histórico Cultural Santa Casa, o qual recebeu ampla cobertura dos veículos pesquisados durante o mês de maio. Analisarei com mais profundidade a cobertura do Correio do Povo, que começou a noticiar o fato no dia 4 de maio, sendo que o evento ocorreu no dia 11. Anunciando o evento com uma semana de antecedência, o jornal foi tomado quase que diariamente por matérias relacionadas ao empreendimento do hospital. A maioria era publicada com o intuito de reforçar o evento.

Isso ficava evidente porque as matérias simplesmente não traziam novidades ou enfoques diferenciados, mas apenas algumas mudanças na redação do texto. Detalhes como a grafia de números e séculos, ampliação ou diminuição do

espaço, inserção de fotos e até alteração na ordem dos parágrafos (sem mudar o conteúdo da frase) puderam ser observados.

Na semana de lançamento então, a continuidade das matérias foi ainda mais intensa no Correio do Povo. Como não poderia deixar de ser, no dia posterior à solenidade, mais uma matéria, que mostrava nitidamente ser uma cobertura do evento, sem muito aprofundamento e com apenas alguns detalhes sobre a obra, como custos, financiamentos e previsão de conclusão, como pode ser observado na figura 40 (p. 185).

A Zero Hora e o Jornal do Comércio, por sua vez, sempre tentavam agregar elementos novos ao texto, lembrando informações históricas, trazendo mais detalhes sobre o projeto ou realizando entrevistas consistentes. E a matéria posterior ao lançamento feita pelo caderno Panorama do Jornal do Comércio foi muito mais completa (figura 41, p. 186). Dialogando com o leitor, o texto mostrou vários diferenciais, como o fato de ressaltar a força da instituição e de sua construção e contou algumas histórias que resgatam a memória do local, mostrando realmente a importância da entidade para a história do Estado.

Podemos verificar, então, que a continuidade pode ser uma ferramenta para estimular e fixar a memória do leitor, principalmente se levar em conta princípios importantes como a atualização, a contextualização e a qualidade da informação. Não basta publicar diversas matérias sobre o mesmo tema, como no Correio do Povo (revitalização da Santa Casa) ou Jornal do Comércio (principalmente sobre o 4º Distrito), sem observar se há preocupação com o leitor.

Figura 40

Santa Casa ganhará centro histórico-cultural

Santa Casa ganhará centro histórico-cultural

*Olimpio Dalmagro, Sanseverino e Jacoby no lançamento*

O Anfiteatro Hugo Gerdau da Santa Casa sediou, ontem pela manhã, o lançamento do projeto Centro Histórico Cultural Santa Casa. A cerimônia contou com a presença do prefeito em exercício, Eliseu Santos; do secretário de Estado da Cultura, Roque Jacoby; do secretário municipal da Saúde, Pedro Gus; do secretário de Estado da Educação José Fortunati; e do provedor da Santa Casa, José Sperb Sanseverino, entre outras autoridades.

De acordo com o projeto, em fase inicial de implantação, com a realização das primeiras obras de engenharia, o Centro abrigará museu, biblioteca, cine-teatro com 218 lugares, centro de convenções e espaços de convivência, após a recuperação e adaptação de um conjunto de prédios históricos situados na avenida Independência. Orçado em R\$ 7,2 milhões, está sendo viabilizado por meio de doações dedutíveis do Imposto de Renda, com base na Lei Rouanet. Segundo o diretor-geral da Santa Casa, Olimpio Dalmagro, 50% desse valor já está assegurado. 'O Centro será integralmente financiado por recursos das leis de incentivo à cultura. Nenhum centavo destinado à saúde será desviado para esse projeto, que certamente irá surpreender a comunidade', garante. O término das obras está previsto para o final de 2007. Na ocasião, o secretário Roque Jacoby também anunciou que o governo destinará R\$ 1,3 milhão ao projeto. O provedor José Sanseverino lembra que, muito além da edificação de estruturas físicas, o Centro Histórico Cultural reafirma que 'a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre é, com sua trajetória de dois séculos de serviços à comunidade, herdeira de um legado que se confunde com a história do Rio Grande do Sul e de sua gente'.

Figura 41
Histórias que a Santa Casa conta

Histórias que a Santa Casa conta

Maria Wagner, editora de Cultura

A capacidade que a Santa Casa de Misericórdia tem de sobreviver a crises como a de 1950, quando estava depauperada em recursos financeiros e sofria ameaça de fechar, está prevista na base do prédio: em pedra e barro, ela tem 2,20 metros de largura. Mas, se até hoje foi lugar que acolhe quem precisa de cuidados com a saúde, a partir de agora ela também quer que as pessoas saibam a importância que tem para o Rio Grande do Sul e, principalmente, para Porto Alegre. Isso foi oficializado ontem de manhã no Anfiteatro Gerdau, que faz parte do complexo. O auditório estava lotado para o lançamento do *Centro Histórico Cultural Santa Casa*, cuja construção deverá ser concluída até outubro de 2007, recuperando e adaptando prédios históricos situados na avenida Independência, entre o Hospital São Francisco e o pórtico principal da Santa Casa. A obra está orçada em R\$ 7 222 milhões e já conta com a adesão das empresas Liquid, Massey Fergusson, White Martins - dos R\$ 490 mil com que vai participar, anúncio ontem a liberação imediata de R\$ 200 mil - e DCS, além dos bancos BRDE e Itaú. Qualquer pessoa pode contribuir através de doações dedutíveis do Imposto de Renda.

Quem não conseguiu lugar para sentar, assistiu o desenrolar dos acontecimentos no hall, através de um telão em que a nitidez era pouca, lamentavelmente. Mas isso não prejudicou o brilho da festa, que teve na trilha sonora um de seus acertos - *Essex Moços, Países Moços*, de Lupicínio Rodrigues - e a apresentação de esquetes teatrais que tinham a história da Santa Casa como tema, ou parte dela. A dos meninos e meninas recolhidos da *Roda dos Expostos*, por exemplo. A roda funcionou até 1940.

Adriane Azevedo tem muita intimidade com essa história, já que a recon-



José Sperb Sanseverino, provedor do Complexo Santa Casa de Misericórdia

ta há cinco anos, dentro da própria Santa Casa, através da visão de João e Elvira. Os meninos que eram acolhidos aprendiam ofícios como a marcenaria e eram encaminhados ao arsenal de guerra. As meninas aprendiam como se desincumbir das tarefas de casa, diz a atriz. No esquete de ontem ela foi Luciana de Abreu, que foi colocada na roda e mais tarde ganhou uma família, virou professora, defensora dos direitos da mulher e trabalhou pela abolição da escravatura, o que no Rio Grande do Sul aconteceu em 1884. No mesmo esquete estavam Qorpo Santo, que não foi colocado na roda mas foi internado pela mulher como louco, e o médico Mario Totta. Ele criou a primeira maternidade da Santa Casa.

Embora este seja um dos aspectos muito emocionantes da história bicentenária da Santa Casa, ela tem outros. Representando o Banco Regional de Desenvolvimento - BRDE -, o também médico Germano Bonow disse que a trajetória da Santa Casa se confunde com a da comunidade porto-alegrense e chamou atenção sobre a importância

do *Centro Histórico Cultural* na medida em que oferece a possibilidade de uma pesquisa mais profunda sobre alguns pontos "polêmicos". Citou alguns. Entre eles: o papel de trincheira que desempenhou durante a Guerra dos Farrapos e sua postura num meio em que deveria "atender homens livres, tendo escravos entre os funcionários".

Como aspectos interessantes à pesquisa, Bonow também ressaltou a forma como a Santa Casa se relaciona com a imprensa desde o início, o fato de ter sido proprietária de uma tipografia, a Riograndense, os serviços que prestou durante epidemias e o primeiro passo que foi na criação da Beneficência Portuguesa, do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da Faculdade de Medicina, hoje da Ufrgs. Ele também acentuou que a generosidade sempre fez parte da instituição. Quando havia pena de morte no Rio Grande do Sul, contou, era a irmandade da Santa Casa quem acompanhava os condenados pelas ruas da cidade até a Praça da Forca e depois dava um destino aos corpos.

E Bonow não esqueceu do apoio que



O cardeal dom Vicente Scherer



Parafusos e serra de amputação, recursos que eram usados no século passado

4.10 Funções agregadas

Mais da metade das matérias não apresentou funções agregadas, somando 55% do total. Dentre as que possuem funções agregadas, 30% delas trouxeram elementos de conscientização e 15% de educação patrimonial, como será explicitado a seguir.

4.10.1 Educação Patrimonial

Partindo do conceito de que educação patrimonial usa o patrimônio cultural como matéria-prima para a geração de conhecimento, pode constatar que dentre as seis matérias que trazem noções sobre esse tema, todas possuem enfoque histórico. Ao explicar os antigos usos da edificação, recontar sua história e mostrar que ela é parte integrante da memória do povo, o texto jornalístico pode dar ensinamentos muito úteis ao leitor, trazendo conceitos práticos de educação patrimonial e mostrando que as edificações podem ensinar muito sobre história e cultura.

Lembrando que, dependendo da metodologia, os livros e as aulas de História não conseguem fazer com que nos sintamos ligados àquela realidade que está sendo apresentada e, talvez por isso, muitos não se sintam estimulados a estudá-la. Os veículos de comunicação, contudo, conseguem aproximar um pouco mais o leitor dos fatos históricos na medida em que falam sobre sua realidade em uma linguagem acessível e clara e, assim, podem tornar a apropriação do conhecimento histórico muito mais simples.

Fugindo da obrigação das tarefas inseridas nos livros escolares, o jornalismo tem um poder educativo muito forte, que precisa ser exercido principalmente em matérias que sobre patrimônio cultural, afim de valorizar esses bens e estimular a construção da memória do leitor.

Tomando como exemplo novamente a matéria sobre o lançamento do Centro Histórico Cultural da Santa Casa publicada pelo caderno Panorama (Jornal do Comércio), no dia 12 de maio de 2005, pude verificar que ao relatar a interação da entidade com importantes fatos históricos de Porto Alegre, a matéria estimula a aquisição de conhecimento através da edificação, como pode ser visto na figura 41 (p. 186)

O texto vai recompondo a trajetória histórica do local, que já deu apoio aos condenados à pena de morte quando o regime era vigente na capital; foi a “Roda dos Expostos” (que funcionou até a década de 40), acolhendo crianças; sobreviveu à Guerra dos Farrapos e acompanhou a luta de personalidades que lutaram contra o fechamento da instituição. Assim, a história vai sendo recomposta e fica difícil olhar para as casinhas que compõem o complexo hospital da Santa Casa sem lembrar de algumas dessas histórias, principalmente pelo modo leve como foram descritas.

O texto, porém, não fica centrado apenas na história da edificação, mas conecta a trajetória e os antigos usos da edificação à própria história da cidade e do País, enfocando aspectos culturais de diferentes épocas, com reflexos diretos no prédio. Com embasamento e cronologicamente bem escrito, não cumpre somente seu papel informativo, mas dá uma grande contribuição ao realizar essa conexão histórica e consegue ensinar o leitor, chegando até a fornecer subsídios para sua conscientização e valorização do patrimônio cultural.

4.10.2 Conscientização

Matérias que estimulam a conscientização para com a preservação e a valorização do patrimônio edificado são muito importantes para a formação do leitor. Com uma frequência maior que a educação patrimonial, 30% das matérias da amostra selecionada contêm elementos capazes de conscientizar o leitor.

A matéria sobre a qualificação do trabalho dos pedreiros responsáveis pelo restauro do Museu Erico Veríssimo, publicada pela Zero Hora no dia 06 de julho de 2005 (figura 5, p 108) pode gerar a conscientização dos leitores ao focar os cuidados com o restauro. Lendo o texto, o leitor verifica que a restauração precisa passar por um trabalho qualificado, minucioso e que tenha a preocupação de preservar o aspecto original do bem.

Ao focar o exemplo da ação de um grupo de indivíduos que tomam a atitude de preservar e revitalizar um determinado espaço público do qual usufruem, a matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 31 de julho (figura 30, p 159) traz elementos de conscientização. Retratando a preocupação de praticantes de uma luta chinesa em preservar um recanto histórico do Parque Farroupilha (Redenção), o texto cita as melhorias realizadas pelos voluntários e diz que a iniciativa terá continuidade: no próximo mês (agosto) grupo de artes marciais revitalizará outra parte do parque.

A matéria demonstra que outras pessoas foram estimuladas pela ação e pretendem cuidar do espaço que freqüentam, comprovando que a atitude gerou a conscientização de outras pessoas. Por demonstrar a ligação do grupo com o

espaço e pelo modo simples e direto como foi construída, a matéria estimula indiretamente ações de valorização e preservação do patrimônio.

Dependendo do modo como aborda iniciativas que envolvam a comunidade no cuidado e preservação de seu patrimônio criadas por órgãos ligados ao governo, as notícias também agregam noções de conscientização em seus textos. Esse é o caso da matéria publicada no dia 13 de junho de 2005, no Jornal do Comércio, figura 42 (p. 191).

O texto mostra a participação da comunidade no projeto “Abrace Sua Rua”, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que convida os gaúchos a limparem, reformarem e adotarem praças e locais representativos de cada região.

Bem construída, a notícia mostra uma espécie de inspeção do atual prefeito a pontos estratégicos da avenida Farrapos: prédio histórico em restauro, viaduto pintado, praça limpa e monumento conservado. Enfocando essas diferentes facetas da ação, a matéria tenta conscientizar o leitor de que é importante a união da comunidade para cuidar do seu patrimônio.

Começar essa ação pela rua onde o cidadão vive, talvez seja um estímulo eficaz para que a preservação ocorra, pois o local onde estabelecemos algumas de nossas relações de identidade, pertencimento e convívio pode ser um bom ponto de partida para ações maiores, como uma limpeza em parques da cidade.

Figura 42

Abrace sua Rua começa pela avenida Farrapos

26

Segunda-feira
13 de junho de 2005

GERAL

MEIO AMBIENTE

Abrace sua Rua começa pela avenida Farrapos

Idéia é mobilizar empresários para a manutenção da limpeza da Capital

Para melhorar, preservar e manter a cidade limpa, a prefeitura de Porto Alegre está promovendo o projeto Abrace sua Rua. A iniciativa, que conta com a parceria da iniciativa privada, começou pela avenida Farrapos no sábado.

O prefeito José Fogaça participou do lançamento do programa, no Viaduto da Conceição, no Centro, onde conheceu o projeto de revitalização do prédio histórico da loja Tumelero - apresentado pelo diretor operacional, Sérgio Bandeira, e pelo gerente de vendas e expansão da empresa, Dilso Baroni. A pintura interna do imóvel, construído em 1922, está quase concluída e a externa deve iniciar em poucos dias. "Acreditamos que as obras terminarão a tempo de prepararmos o prédio para uma iluminação especial de Natal, dentro da proposta de revitalizar o Centro", comentou Baroni.

Após conferir a pintura de uma parte do Viaduto da Conceição, Fogaça - acompanhado de secretários municipais e da primeira-dama Isabela - visi-



Prefeito conheceu projeto para prédio da loja Tumelero

tou algumas praças que receberam serviços de limpeza e ajardinamento. Na praça Pinheiro Machado, o prefeito plantou uma árvore da espécie pau-ferro. Após, dirigiu-se até o monumento Laçador que também foi limpo e recebeu reparos no jardim.

O Abrace sua Rua tem o apoio da Brasil Telecom, Gerdau, Sindilojas e governo do Estado. "Este é um projeto pi-

loto que será repassado para toda a cidade. Os empresários e associações de bairro de cada região serão mobilizados para a recuperação, revitalização e adoção de praças, juntamente com a administração municipal. São pessoas que, durante um final de semana, estarão voluntariamente concentradas neste projeto e contarão com o apoio de todos os órgãos e secretarias", explicou Fogaça.

5 A QUALIFICAÇÃO DA DESCOBERTA

Esse trabalho foi um verdadeiro aprendizado sobre o patrimônio edificado. Antes de realizá-lo sabia que as edificações históricas tinham sempre algo a ensinar, mas não imaginava que seria um processo tão intenso e permanente.

Por meio da análise da relação entre mídia impressa e patrimônio edificado, procurei não apenas pensar a questão da divulgação feita pelos jornais de Porto Alegre sobre o tema, mas meu intuito era verificar a forma como é feita. Para tanto, tentei construir as bases de aproximação entre o jornalismo e o patrimônio edificado, os vendo como dois guardiões de memória de uma nação e investigando quais suas principais substâncias.

O estudo foi iniciado a partir da busca por uma concepção de cultura que respondesse aos anseios desse trabalho. Nessa procura, entendi que o processo cultural está em constante transformação e, para que se tenha uma visão global sobre bem e sociedade, ela não pode ser vista sozinha, mas é necessário pensá-la do ponto de vista social.

A partir disso, ingressei na tentativa de compreender teoricamente a questão da memória e da identidade individual e social. Descobri que ambas estão ligadas de uma forma muito tênue e que sua consolidação pode se dar através de referências materiais, como monumentos, casas e prédios antigos que tenham algo a relatar sobre épocas já vividas tanto por aquela pessoa, como por toda a sociedade em que ela se insere.

Essa constatação ficou ainda mais clara quando descobri que a importância do patrimônio edificado não residia apenas no fato de ele ser um instrumento de armazenamento e estímulo à memória. Ao conhecer melhor os

fundamentos da educação patrimonial, passei a entender como se dá a relação entre aprendizado e materialidade quando esta é vista como fonte primária de conhecimento. Essa descoberta não apenas reforçou as concepções adquiridas ao longo da pesquisa, mas também demonstrou de forma prática a relevância do patrimônio.

Depois disso, cheguei ao objetivo de procurar entender como a comunicação adquire as bases teóricas para refletir sobre a construção e disseminação da memória de um povo. Partindo do pressuposto de que as notícias são suportes de memória por conterem informações históricas, culturais e sociais, foi analisada a evolução do conceito de notícia como forma de trazer elementos para responder a essa questão.

Ao perceber que as notícias são construções sociais e passam por vários critérios antes de serem veiculadas, constatei que elas estão baseadas em um constante lembrar e esquecer por parte dos jornalistas e dos leitores. Porém, ao constatar que o universo jornalístico está sufocado pela exaustão de informações, em sua maioria fragmentadas e descontextualizadas, encontrei no Novo Jornalismo uma forma eficaz de fixar a memória do leitor. Ao discutir suas técnicas e verificar o modo como as notícias são construídas tal concepção ficou evidente.

Procurei entender também o papel do jornalista como construtor da história e sua relação com historiadores e pesquisadores, devido ao caráter atemporal das edificações históricas. Nesse ponto, percebi que os relatos jornalísticos desempenham um importante papel ao estabelecer as diretrizes da história contemporânea, mas lhes falta, muitas vezes, aprofundamento e contextualização.

Após ter compreendido que as notícias e o patrimônio edificado desempenham uma relevante função como fonte de conhecimento histórico e inserção social, parti para a junção desses dois guardiões de memória através da análise das matérias coletadas. Para tanto, estabeleci dez categorias de análise e, quando julguei necessário, as subdividi em indicadores com o objetivo de desconstruir as notícias e identificar a existência de elementos que pudessem conscientizar os leitores sobre a importância da preservação de sua memória. Além de buscar entender também os pontos relevantes na construção dessas matérias.

O universo de pesquisa, então, foi composto tendo como motivação o incidente ocorrido com a Fonte Talavera de la Reina no dia 09 de junho de 2005, a partir do qual foram selecionadas matérias de abril a agosto de 2005 nos jornais Zero Hora, Jornal do Comércio, Correio do Povo e O Sul. Resultando em um total de 205 notícias, concentrei a análise em uma amostra de 20% desse valor, investigando cada uma das categorias em 40 matérias selecionadas intencionalmente.

Retomando os conceitos e idéias discutidos no decorrer deste trabalho, verifiquei que, apesar de ser uma ferramenta fundamental para a formação da identidade do indivíduo, a memória não é uma questão relevante para os veículos de mídia impressa analisados. O número de matérias com esse enfoque foi muito baixo e a continuidade não mostrou ser um meio totalmente eficaz.

Apesar de praticamente todas as notícias voltadas a essa temática trazerem elementos da memória individual e coletiva, a pesquisa demonstrou que esse não é enfoque principal dos jornais em relação ao patrimônio edificado. Apesar disso, as matérias com enfoque na memória são bem construídas e cumprem seu papel.

Em relação à continuidade, grande parte das notícias mostrou que não há uma preocupação muito forte com o leitor, pois os assuntos são descontextualizados e ficam perdidos. Apenas algumas conseguiram ser satisfatórias nesse quesito.

Um ponto que chamou a atenção foi que algumas notícias, por serem veiculadas intensamente na véspera de um evento tiveram o intuito de fixar a informação na memória do leitor, pois os textos não traziam novos elementos e era como se estivessem tentando induzir o leitor a ficar informado sobre aquele evento em específico. Assim, verifiquei que o instrumento usado nesse caso foi o *agenda setting*, com o intuito de reforçar ao leitor o que ele deve lembrar.

O Novo Jornalismo mostrou ser um recurso eficaz para a qualificação das notícias sobre patrimônio edificado. Entre suas técnicas, está a exaustiva cobertura do fato, remontando cenários e enchendo o texto de detalhes. Foi possível encontrar alguns desses elementos nas matérias que relembavam a trajetória histórica da edificação em conexão à história do local e também ao momento atual.

A reconstrução da história do bem e de seu contexto forneceu mais força ao texto e humanizou o imóvel, o mostrando como parte integrante e transformadora de uma realidade e de tantas outras ao mesmo tempo.

A contribuição, entretanto, não ficou só centrada nesses dois pontos. Matérias com esse apelo histórico mostraram-se como importantes meios de educação patrimonial, revelando a possibilidade real de aprender sobre histórica, cultura, política, etc. através dos bens históricos. Dessa forma, o texto consegue aproximar o leitor da edificação, mostrando que as construções históricas não estão descontextualizadas no tempo e no espaço, mas são fonte de informação e educação contínua dos cidadãos.

Sugiro que, ao escrever sobre o patrimônio edificado, o jornalista se preocupe ao mesmo tempo em recontar a história do imóvel e faça uma conexão dele com a atualidade, mostrando sua importância ao longo do tempo para as gerações. Nessa narrativa também podem ser inseridas algumas das técnicas do Novo Jornalismo, tornando o texto mais agradável, interessante e com um poder maior de fixar a memória do leitor.

Antes de conferir mais autenticidade e humanização ao texto, porém, é necessário que os comunicadores estejam cientes das peculiaridades e diferenças entre os principais conceitos que envolvem as intervenções ao patrimônio edificado e tenham um maior envolvimento com as fontes especializadas, que mostraram serem bastante eficazes.

Escrever sobre esse tema não é tão simples como parece. Além de sua complexidade histórica e cultural, a integridade do patrimônio é garantida por processos de conservação, preservação, proteção, restauração e revitalização, entre outros. Todos com significados distintos e, por vezes, conflitantes.

Ao usar um sinônimo incorreto ou deixar de dar explicações ao leitor sobre determinada ação patrimonial, a informação não é transmitida em sua integralidade. Confundindo termos específicos, o jornalista acaba por confundir também o leitor, que corre o risco de unir os conceitos de reforma, restauro e revitalização em algo único, o que pressupõe o erro.

Como o tema está ganhando aos poucos destaque e atenção da mídia, sugiro que, se os problemas continuarem a ocorrer, seja criado um manual com termos técnicos e explicações sobre a problemática do patrimônio cultural com distribuição gratuita aos comunicadores. A grande maioria dos manuais voltados a essa área ensina procedimentos práticos de conservação e preservação das

edificações, mas não fala sobre o todo e, muitas vezes, essas publicações não estão preocupadas em discutir as evoluções de cada um dos conceitos referentes às intervenções.

Assim, os conceitos construídos a partir do ponto de vista de arquitetos e engenheiros poderão ser reunidos em uma publicação que auxiliará não só o meio jornalístico, mas também universitários, técnicos e profissionais que trabalhem na área ou queiram conhecer um pouco mais sobre o patrimônio edificado.

Outra forma de aproximação com o leitor interessante verificada nesse trabalho foi a realizada a partir de matérias que tragam noções de conscientização. Ilustrando o texto exemplos, descrevendo a situação precária de um bem degradado ou depredado, o texto instiga o leitor a fazer algo em prol do patrimônio e, o tocando dessa maneira, os dois ganham uma proximidade maior em relação às demais matérias cotidianas.

Alcançar essa ação de conscientização é possível também através de uma descrição mais apurada sobre o bem histórico e suas intervenções, transmitida de forma correta e em uma linguagem clara e de fácil entendimento. A consulta a fontes populares também serve como reforço, devido à sua importância como forma de compreender as relações entre cada indivíduo com o patrimônio edificado.

Ao interpretar esses e demais elementos, verifiquei a importância da desconstrução das matérias em tantas categorias. Apesar de trabalhosa, a pesquisa procura apontar os caminhos para que a veiculação de matérias sobre patrimônio edificado com o intuito de valorizar a memória do leitor seja melhor, pois ainda há muitas lacunas a preencher e pontos a reforçar. Dessa forma, chego ao fim desse trabalho com a certeza de que o papel da comunicação e, em especial do jornalista, não é só informar, mas sobretudo educar para a preservação da memória cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. Fundamentos do Marketing Cultural. In: ALMEIDA, Cândido José Mendes de; DA-RIN, Sílvia (Org.). **Marketing cultural ao vivo: depoimentos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). 25. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

CÁDIMA, Francisco Rui. **História e Crítica da Comunicação**. Lisboa: Séc. XXI, D.L., 1996.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CORTES, Verónica P. Aravena. A imprensa e a problemática construção de um mundo comum no Brasil. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.13-29. , 2001.

COSTA, Elmar Bonés da. **História Ilustrada de Porto Alegre**. Porto Alegre: A. Gráficas RioPlatense S.A., 1997.

DALMASO, Silvana Copetti; SILVEIRA, Cristina M. da. A Natureza Polifônica da Linguagem: Uma Alternativa para o Jornalismo. In: SILVEIRA, Ada Machado da (Org.). **Jornalismo Além da Notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 115-136.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DINIZ, Wivian; SOUZA, Luiz Antonio Cruz. **Manual de conservação preventiva do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, IEPHA, 2002.

ENNE, Ana Lucia S. Memória, Identidade e Imprensa em uma Perspectiva Relacional. In: **Revista Fronteiras: estudos midiáticos / Universidade do Vale do Rio dos Sinos**, São Leopoldo: Unisinos, vol. VI, n 2, dez. 2004.

FEILDEN, Bernard M. **Conservation of Historic Buildings**. 3.ed. Oxford: Architectural Press, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio em Processo: Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / IPHAN, 1997.

FONTCUBERTA, Mar de. **La Noticia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona, Paidós, 1993.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial – Utilização de Bens Culturais como Recursos Educacionais. In: **Museologia Social**. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da Cultura, p.95-110, 2000.

_____ ; HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da Educação Patrimonial. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras, n.27, p. 13 – 35, jan./jun. 2000 1.

_____ Patrimônio Cultural e Cidadania. In: **Museologia Social**. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da Cultura, p. 11-20, 2000 2.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cartas patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1995.

KRAVETZ, Marc. Os Jornalistas Fazem a História. In: **História e Nova História**. Lisboa: Editora Teorema, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LERSCH, Inês Martina. **Contribuição para a identificação dos principais fatores de degradação em edificações do patrimônio cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS / Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia Civil, 2003 (Dissertação de mestrado).

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

_____. **Porto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

MEIRA, Ana Lúcia. **O Passado no Futuro da Cidade: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo**. Educação, Porto Alegre: Faculdade de Educação – PUCRS / Curso de Pós-Graduação, 1999.

MORIGI, Valdir José. O Significado da Memória Social e do Patrimônio Cultural no Mundo Contemporâneo: Algumas Reflexões. In: **Encontro Estadual sobre Museu, Preservação de Patrimônio, Memória e Identidade**. Anais, Lajeado, RS : UNIVATES, p. 21-27, 2004.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: **Les Lieux de Mémoire**. Trad. Yara Aun Khoury. Paris, Editions Gallimard: 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: Espaços e Vivências**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

_____ Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. In: **ArtCultura**, Uberlândia Vol. 4, n. 4 (jun. 2002), p. 23-35.

_____ A construção de uma Porto Alegre imaginária - uma cidade entre memória e história. In: Grijó, Luiz Alberto; Kuhn, Fábio; Guazzelli, César Augusto Barcellos; Neumann, Eduardo. (Org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, , v. 1, p. 179-208, 2004. ¹

_____ Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano. In: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, Vol. 14, n. 9, p. 1595 – 1604, 2004. ²

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **PDDUA: Lei Complementar 434/99**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, Secretaria do Planejamento Municipal, 2000.

PORTO ALEGRE. **Caderno de Restauro III – Fonte Talavera**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. In: **Ciências & Letras**, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras, n.27, p. 13-24, 2000.

RODA VIVA, **Entrevista com o filósofo francês Michel Serres**. TV Cultural, 8/11/1999.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SERVA NETO, Leão Renato Pinto. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2001.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Bens Culturais e Proteção Jurídica**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1997.

TEIXEIRA COELHO, José. **Dicionário Crítico de Política Cultural – Cultura e Imaginário**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

TELLES, Leandro Silva. **Manual do Patrimônio Histórico**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo, Prefeitura Municipal, 1977.

TILL, Rodrigues. **Monumentos de Porto Alegre: ensaio histórico e crítico**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

_____ **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: O Exemplo do Centro de Memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: Questões para a História da Educação**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2000.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

APÊNDICE A

Ficha de análise das matérias

Título
Jornal
Data
Página
Seção
PALAVRAS-CHAVE
RESUMO INDICATIVO
1) APELO VISUAL
2) FONTES
3) ENFOQUE
4) TEOR
5) FOCO
6) ADEQUAÇÃO CONCEITUAL
7) INFORMAÇÕES TÉCNICAS
8) NATUREZA E AÇÕES
9) CONTINUIDADE
10) FUNÇÕES AGREGADAS

APÊNDICE B

Tabela de frequência Categorias / Mês

Categorias e Indicadores		Mês					Total	
		Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Nº	%
Apelo Visual	Presença							
	Ausência							
Fontes	Oficiais							
	Especializadas							
	Populares							
	Ausência							
Enfoque	Cultura							
	História							
	Memória							
	Economia							
	Mkt cultural							
	Turismo							
Teor	Outros							
	Informativo							
	Interpretativo							
Foco	Opinativo							
	Preservação							
	Conservação							
	Proteção							
	Restauração							
	Revitalização							
	Depredação							
	Degradação							
Adequação conceitos	Perda Patrim							
	Ação Cultural							
Informações técnicas	Satisfatório							
	Insatisfatório							
Natureza e ações	Presença							
	Ausência							
	Propr. pública							
	Propr. Privada							
Continuidade	Ação pública							
	Ação privada							
Funções agregadas	Presença							
	Ausência							
Educ. Patrimon.	Educ. Patrimon.							
	Conscientização							